

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA**

JOAQUINA MARIA BATISTA DE OLIVEIRA

**DA INVISIBILIDADE SOCIAL À VISIBILIDADE DISCURSIVA:
ESTUDO ENUNCIATIVO A RESPEITO DAS AÇÕES DA FAMÍLIA NA
COMUNIDADE RURAL – MAUÉS/AM**

**MANAUS – AM
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA**

JOAQUINA MARIA BATISTA DE OLIVEIRA

**DA INVISIBILIDADE SOCIAL À VISIBILIDADE DISCURSIVA:
ESTUDO ENUNCIATIVO A RESPEITO DAS AÇÕES DA FAMÍLIA NA
COMUNIDADE RURAL – MAUÉS/AM**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como requisito parcial à defesa de pesquisa junto ao Programa de Pós-Graduação “Sociedade e Cultura na Amazônia”.

**PROFESSOR ORIENTADOR: Dr. ODENILDO
TEIXEIRA SENA**

**MANAUS – AM
2011**

DEDICATÓRIA

Aos meus pais José Raimundo de Oliveira (in memoriam) e Raimunda Beatriz B. de Oliveira, por acreditarem que o estudo era a herança que poderiam deixar aos seus filhos. Aos meus irmãos Raimundo F. B. de Oliveira e João R. B. de Oliveira, por investirem em meus estudos.

Ao meu marido Aluizo Santana Trindade e meus filhos Brian Lukas de O. Trindade e Tainá de O. Trindade pela paciência e companheirismo durante este tempo. Vocês foram imprescindíveis nesta conquista.

Aos meus amigos Victor Leandro, Joaquim Onésimo e Elma, pelos bons momentos durante as disciplinas. À Aldenéia S. da Cunha, Guiomar Lima de Carvalho e ao Tarcísio Normandó, por dividir as tensões desta etapa. A todos os outros amigos, meus sinceros agradecimentos.

AGRADECIMENTO

À comunidade Lagúinho Nossa Senhora do Carmo, que me recebeu de braços abertos e se disponibilizou a ser o sujeito desta pesquisa.

Ao professor Dr. Odeníldo Teixeira Sena, por quem tenho muita admiração e respeito, por ter se disponibilizado a orientar este trabalho, o que, certamente, fez a diferença. Muito obrigada!

Aos professores do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, em especial aos professores Gabriel Albuquerque, Rosemara Staub e Seláa Vale que ajudaram na reelaboração do projeto de pesquisa, contribuindo significativamente para a construção deste trabalho e ao prof. Renan Freitas pela participação na banca de defesa.

A Deus, que me acompanhou em cada etapa deste processo.

RIOS SEM DISCURSO

João Cabral de Melo Neto



*Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água parálitica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionarária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.*

*O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase a frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.*

LISTA DE QUADROS E ORGANOGRAMAS

Quadro 1: Quadro Teórico: Relação de pessoa e sua função no discurso	38
Quadro 2: Construção da 1ª. pessoa a partir de segmentos discursivos dos homens	40
Quadro 3: Construção da 1ª. pessoa a partir de segmentos discursivos das mulheres.....	43
Quadro 4: Construção da 3ª. pessoa a partir de segmentos discursivos dos homens.....	53
Quadro 5: Construção da 3ª. pessoa a partir de segmentos discursivos das mulheres	56
Organograma 1: Representação da 3ª. pessoa nos segmentos discursivos de homens e mulheres	62
Quadro 6: Quadro teórico: Construção do nós.....	64
Quadro 7: Construção do nós inclusivo a partir de segmentos discursivos dos homens	66
Fluxograma 2: construção do nós inclusivo da fala dos homens.....	70
Quadro 8: Construção do nós inclusivo a partir de segmentos discursivos dos homens	70
Quadro 9: Construção do nós inclusivo a partir de segmentos discursivos dos homens	71
Fluxograma 3: Construção do nós exclusivo a partir de segmentos discursivos dos homens.....	73
Quadro 10: Construção do nós inclusivo a partir de segmentos discursivos das mulheres ..	74
Fluxograma 4: Construção do nós inclusivo da fala das mulheres.....	75
Quadro 11: Relação – palavra/signo ideológico a partir de dados coletados em entrevistas/2010.....	83
Quadro 12: Quadro Teórico: Distinção entre Falante/Locutor/Enunciador.....	96
Quadro 13: Construção do Locutor e do Enunciador a partir da fala de homens e mulheres da comunidade pesquisada	97
Quadro 14: Segmentos discursivos de homens e mulheres em relação a construção da polifonia.....	103

RESUMO

Esta pesquisa do Programa Sociedade e Cultura na Amazônia teve como objetivo geral: analisar, no plano lingüístico, a ação dos sujeitos referente à família, no papel social de pai e mãe, na comunidade rural Laginho Nossa Senhora do Carmo – Maués/AM. Para isso precisou cumprir os objetivos específicos, voltados para: descrever as marcas discursivas da pessoa (1ª. – **eu**, 3ª. – **ele** e plural - **nós**) a partir do discurso de homens e mulheres (pai e mãe); identificar as vozes que marcam a polifonia na construção discursiva de homens e mulheres. O campo de pesquisa foi uma comunidade rural localizada no Município brasileiro do Estado do Amazonas – Maués, o qual se situa na margem direita do Rio Maués-Açu, à distância de 268 km, em linha reta, e 356 km, pela via fluvial, de Manaus. Para entender melhor as relações sociais nas comunidades rurais na Amazônia foram trazidos ao debate Djalma Batista (2006/2007), Darcy Ribeiro (2006). No que se refere à cidade de Maués, a literatura ainda é escassa, mas autores como Lorens (1992) e uma coletânea organizada pelo Museu da Pessoa (2007) ajudaram na reflexão a respeito desse espaço. Nas análises sociais, Bourdieu (2007/2008) e Santos, Boaventura (2008) deram o suporte teórico. Também outros autores referentes à análise do discurso e do estudo social da linguagem auxiliaram o desenvolvimento desta pesquisa, tais como: Maingueneau, (2001, 2008), Possenti (2008-2009), Orlandi (2007/2009), Fiorin (2007-2008), Citelli (2005) e a tese de doutoramento de Sena (1997). A base da análise do discurso foi feita a partir de Benveniste (2005, 2006), Ducrot (1987) e Bakhtin (2006, 2010). A observação foi feita através do contato direto da pesquisadora com os sujeitos da comunidade Laginho Nossa Senhora do Carmo, buscando entender situações que não podem ser apreendidas somente com a entrevista. A metodologia foi composta por três etapas que estão relacionadas: 1) conhecimento da cidade de Maués a partir de sites e livros; 2) reconhecimento da comunidade a partir de conversas e observação da pesquisadora, já que não foi encontrada documentação da referida comunidade; 3) conversas com a comunidade seguindo um roteiro de entrevista para formar o *corpus* da pesquisa; 4) transcrição das falas; 5) análise dos dados a partir dos estudos indicados acima. Foram entrevistadas 16 pessoas no total, sendo 4 homens e 4 mulheres (entre 18 e 25 anos), 4 homens e 4mulheres (entre 26 e 75 anos). Esse número corresponde à 26,6 % de sujeitos com essa delimitação. Este trabalho está dividido em três capítulos que buscam cumprir os objetivos propostos: o primeiro denominado: “A viagem que leva do discurso às ações do sujeito de uma comunidade rural na Amazônia”, o segundo que tem como título: “Ser alguém na vida: marcas da pessoa nos segmentos discursivos de homens e mulheres” e o terceiro: “Ideologia e Polifonia: os ecos discursivos na construção social do sujeito”.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação; Análise do discurso; Sujeitos; Ação; Família; Comunidade rural; Maués.

ABSTRACT

This Amazon Society and Culture Program research had as general objective: to analyze, in the linguistic plan, the action of the citizens referring to the family, in the social paper of father and mother, in the agricultural community Laguinho Nossa Senhora do Carmo - Maués/AM. For this we needed to fulfill the specific objectives, that aimed to: describe the speech marks of the person (1^a. - **I**, 3^a. - **he** and plural - **we**) from the speech of men and women (father and mother); to identify the voices that mark the polyphony in the speech construction of men and women. The research field was a located agricultural community in the Brazilian City of the Amazon State - Maués, which is in the right edge of the River Maués-Açu, at a distance of 268 km, straight-line, and 356 km, for the fluvial way, from Manaus. To better understand the social relations in the agricultural communities in the Amazon were brought to the discussion Djalma Batista (2006/2007) and Darcy Ribeiro (2006). Referring to the city of Maués, literature is still scarce, but authors as Lorens (1992) and a collection organized for the Museum of the Person (2007) had helped in the reflection regarding this space. In the social analyses, Bourdieu (2007/2008) and Santos, Boaventura (2008) had given the theoretical support. Also other referring authors of the speech analysis and the social study of the language had assisted the development of this research, such as: Maingueneau, (2001, 2008), Possenti (2008-2009), Orlandi (2007/2009), Fiorin (2007-2008), Citelli (2005) and the thesis of doctoring of Sena (1997). The base of the speech analysis was made from Benveniste (2005, 2006), Ducrot (1987) and Bakhtin (2006, 2010). The comment was made through the direct contact of the researcher with the citizens of the community Laguinho Nossa Senhora do Carmo, having searched to understand situations that cannot be apprehended only with the interview. The methodology was composed for three related stages: 1) knowledge of the city of Maués from websites and books; 2) recognition of the community from talkies and observations of the researcher, since the documentation of the related community was not found; 3) Talkies with the community following a script of interview to form the *corpus* of the research; 4) transcription of the speeches; 5) data analysis from the indicated studies above. 16 people in the total had been interviewed, being 4 men and 4 women (between 18 and 25 years), 4 men and 4 women (between 26 and 75 years). This number corresponds to 26.6% of citizens with this delimitation. This work is divided in three chapters that search to fulfill the considered objectives: the first one called: "The trip that leads of the speech to the actions of the citizen of an agricultural community in the Amazon", the second that has as title: "To be somebody in life: marks of the person in the speech segments of men and women" and the third: "Ideology and Polyphony: the speech echoes in the social construction of the citizen".

KEYWORDS: Articulation; Analysis of the speech; Citizens; Action; Family; Agricultural community; Maués.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I CAPÍTULO	
A VIAGEM QUE LEVA DO DISCURSO ÀS AÇÕES DO SUJEITO DE UMA COMUNIDADE RURAL NA AMAZÔNIA	14
1.1 O lugar da pesquisa na perspectiva de espaço socialmente construído.....	14
1.2 Um rio teórico para analisar os discursos	25
1.3 Percorso metodológico: o barco que leva do discurso aos sujeitos e suas ações.....	29
1. 3. 1 O desafio de um objeto de estudo na lingüística da Enunciação.....	30
1. 3. 2 A proposta de pesquisa participante para fazer análise do discurso.....	31
1. 3. 3 Coleta de dados e entrevista: os desafios de fazer falar	31
II CAPÍTULO	
SER ALGUÉM NA VIDA: MARCAS DA PESSOA NOS SEGMENTOS DISCURSIVOS DE HOMENS E MULHERES	35
2. 1 Os dois lados do ego: a ação e a invisibilidade.....	37
2. 2 Construção da 3ª. pessoa: a não-pessoa no discurso	52
2.3 A construção do nós: da relação discursiva à relação social	64
III CAPÍTULO	
IDEOLOGIA E POLIFONIA: OS ECOS DISCURSIVOS NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO SUJEITO.....	80
3.1 Das palavras aos signos lingüísticos, um mundo ideológico a desvendar.....	81
3.2 Mosaicos de vozes: sujeitos de ontem e hoje	95
SUJEITOS EM BUSCA DE VISIBILIDADE (A TÍTULO DE CONSIDERAÇÕES FINAIS)	110
REFERÊNCIAS	117
ANEXOS	121

INTRODUÇÃO

No encontro das águas de tonalidade negras do rio Maués-açu e amarelas do Paraná do Urariá, avista-se a cidade de Maués. Cidade pequena como tantas outras cidades do Município do Amazonas. Em época de vazante, surge uma praia de águas negras, dando um ar de alegria e descontração a essa cidade de avenidas largas, casas com quintais e pequenos jardins. No centro da cidade está um comércio discreto, a imponente igreja católica da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, uma praça, alguns hotéis.

Saindo da cidade de Maués, seguindo através do rio Paraná do Urariá para em aproximadamente 3 horas de viagem chegar a uma pequena comunidade conhecida como Laguinho, observa-se a grandiosidade deste rio, revoltado, que exige respeito de todos, mesmo dos que estão acostumados a singrar suas águas. As margens são povoadas por pessoas reais, mas há também pessoas e lugares encantados.

Nessa paisagem de águas amarelas, floresta que ora se mostra quase intocada e ora se apresenta como pastagem para o gado, o tempo passa preguiçosamente, tem-se a impressão de que é possível congelá-lo neste cenário. Mas, nesse tempo lento, em uma viagem de lembranças, de recordações dos tempos de poucos barcos e rabetas e muitas canoas, chega-se à comunidade, lá conhecida como Laguinho, nos documentos oficiais Laguinho Nossa Senhora do Carmo.

Lá vivem 25 famílias que fixaram residência, fizeram plantações de guaraná, mas também plantaram sonhos, cultivaram esperanças. O que terá florescido? Será que os anseios se transformaram em árvores frondosas e frutíferas ou terão se transformado em um galho quebrado por uma chuva e levado pelo vento?

Tantas indagações, tantas incertezas quanto ao homem desta localidade. Será ele o “forte” de Euclides da Cunha, superando o meio físico, as dificuldades impostas por ele, ou será o covarde que abandona sua casa? Será um velho homem de um passado que já não existe ou um novo homem antenado com as exigências do momento? O certo é que ele não pode ser entendido apenas como homem do interior do Amazonas, e nisso nos ajuda Edgard Morin (2008), deve ser visto como ser social, histórico, pai de família, com sentimentos, com experiência, com atitudes, com uma língua que aparentemente é o português do Brasil, mas que tem sua característica própria, segue a norma própria dessa região e, principalmente, serve para externar seus anseios, suas angústias, seus sonhos, seus saberes, seus fazeres.

Por que estudar essa comunidade e não outra? Escolher essa comunidade é estudar um pouco a mim mesma, já que ali, meus avós e meus pais viveram boa parte de suas vidas e também plantaram o sonho de que seus filhos vivessem uma vida diferente, longe do trabalho braçal de todos os dias na chuva ou no sol, com pouca recompensa financeira, vivendo quase uma loteria. Esse espaço representa uma parte do passado que constitui o meu presente, não é mais uma comunidade perdida no Amazonas, representa uma vida de lutas, de conquistas, de sonhos, de homens reais, com histórias reais, que lá estão, que lá permanecem e alguns que de lá querem sair.

O tempo passado não está mais lá na sua integralidade, os homens que lá estão são do presente, mas interessa saber por que ainda estão ali, o que de importante há nesse lugar que os faz permanecer, que estratégias usam para se relacionar com seus filhos e uns com os outros. Ouvi-los é dar-lhes visibilidade, é a possibilidade de fazer com que outros os vejam e os escutem na sua maneira própria de falar, a respeito das suas ações do cotidiano.

Muitos estudos têm retratado a Amazônia, pintando-a na sua diversidade cultural e ambiental, tratam do trabalho, das organizações sociais, da literatura, da arte, da música, de tantos aspectos, porém, por vezes, a personagem humana não se põe como protagonista da história, mas como coadjuvante escondido. Esse é outro embate: mostrar neste estudo a presença do homem que, embora com limitações impostas social, econômica e politicamente, age, tem voz, faz escolhas, faz sua história.

A pesquisa lingüística, a partir do discurso produzido por esses homens e mulheres, foi reveladora por mostrar que ali existem discursos impregnados de ideologias que perpetuam alguns costumes, refazem e/ou abandonam outros. Este estudo lingüístico não os viu como meros participantes de um jogo social e político vivido diariamente, mas como homem atuante, que diz e pode ser responsabilizado pelo que diz, sem desconsiderar que, através deles, muitos outros falam e os contextos são fatores importantes nesse dizer.

Do homem que diz ao homem que faz; do sujeito lingüístico ao sujeito das ações; da enunciação feita à consagração do fazer. É nesta relação entre língua e homem que fala, entre sujeito e sentido, entre o dito e o feito que este estudo caminhou, na perspectiva de estabelecer relação da língua com um falante que se apresenta como sujeito político e social da enunciação.

Neste trabalho, os espaços lingüísticos foram vistos como enunciação, como espaços de funcionamento de línguas que, num constante movimento, se dividem, re-dividem, se misturam, se desfazem, se transformam, sendo assim decisivo para se tomar a enunciação

como uma prática política e não individual ou subjetiva, pois falar é assumir a responsabilidade da palavra em um espaço dividido de línguas e falantes.

Esta pesquisa no campo da sociedade e cultura da Amazônia teve como objetivo geral: analisar, no plano lingüístico, a ação dos sujeitos referente à família, no papel social de pai e mãe, na comunidade rural Laguinho Nossa Senhora do Carmo – Maués/AM. Para isso precisou cumprir os objetivos específicos, voltados para: descrever as marcas discursivas da pessoa (1ª. – **eu**, 3ª. – **ele** e plural - **nós**) a partir do discurso de homens e mulheres que desempenham os papéis sociais de pai e mãe na comunidade rural Laguinho Nossa Senhora do Carmo – Maués/AM; identificar as vozes que marcam a polifonia na construção discursiva de homens e mulheres na comunidade rural Laguinho Nossa Senhora do Carmo – Maués/AM.

Quando nos voltamos para as questões sociais e lingüísticas, principalmente tomando como base a própria voz da comunidade, é possível que se entendam os códigos morais e éticos que regem as relações sociais no interior da comunidade. Podemos questionar qual a contribuição deste estudo?

Uma primeira resposta aponta para o entendimento do homem rural como sujeito produtor e consumidor de cultura, e que, portanto, pode soltar a voz, posicionar-se, dizer por si mesmo quais são suas ações, seus posicionamentos, em outras palavras, sua participação política, já que falar não é apenas dizer palavras, emitir sons, é estar situado em uma corrente de comunicação verbal, com múltiplas vozes. Portanto, será possível perceber em seu discurso, como membro de uma coletividade, a relação com os demais sujeitos, e a partir daí, sua ação política.

Pode-se ainda afirmar que ao pesquisar a organização familiar de sujeitos que mais diretamente vivem o processo social e histórico do lugar e que de certa forma, ao menos a nosso ver, se encontram marginalizados - estão à mercê das intempéries da natureza, longe geograficamente dos melhores centros de tratamentos, têm dificuldade para sobreviver dignamente do seu trabalho, dentre outros aspectos que dificultam a vida na zona rural - é um passo para compreender como acontecem suas relações com a família, e, conseqüentemente aspectos relacionadas ao trabalho, à escola, levantando questões acerca de suas relações no interior da sua comunidade: seus vizinhos, os professores, os líderes comunitários. Até mesmo para saber se a comunidade age como sujeito do processo ou se é apenas espectador, se é realmente marginalizada ou se sente reconhecida, respeitada.

Por certo que a família presente neste trabalho, em parte, se assemelha a outras famílias de outros espaços, porém se entendermos que o contexto dessas famílias é próprio do

espaço ao qual pertencem, que as organizações sociais, econômicas, políticas são marcadas por ações próprias do lugar, então abriremos uma janela para olhá-las na sua especificidade, no seu jeito singular de se constituir.

Realizar esta pesquisa foi como fazer uma viagem que, inicialmente, começou com um desejo, com uma vontade de conhecer um lugar desconhecido. Para isso, foi preciso definir o que fazer (definir objetivos), traçar um roteiro de viagem (percurso metodológico), conversar com pessoas que já fizeram esta e outras viagens (base teórica), escolher o lugar (campo de pesquisa); foi preciso, também, escolher os companheiros de viagem (sujeitos da pesquisa) e, certamente, ter pessoas que conduzissem o barco de modo tranquilo e seguro (orientador e professores).

O barco que leva ao porto pretendido navegou por águas amarelas do Rio Maués-Açu, buscando responder a alguns questionamentos. Como nas viagens da Amazônia, há dias de sol e dias de chuva. Dias de verde, amarelo e negro. Dias de mata e água. Paisagens de pasto e mata densa. De muitas pessoas trabalhando. De crianças a acenar para os viajantes desconhecidos. Assim também, esta pesquisa seguiu etapas, navegou por muitos rios, até chegar ao caminho que ora se apresenta. Para isso, contou com a ajuda dos estudiosos da lingüística, das relações sociais, da Amazônia. Contou com aqueles que se dispuseram a ler e acenar com sugestões, sempre bem-vindas. Nesta viagem, não foi possível ver tudo, conhecer tudo, há muito rio para navegar.

Este trabalho apresenta um pedaço da Amazônia, é apenas uma peça de um imenso quebra-cabeça que se propôs a estudar a família de uma comunidade rural e está dividido em três capítulos, o primeiro denominado: “A viagem que leva do discurso às ações do sujeito de uma comunidade rural na Amazônia”, em que se apresenta o espaço da pesquisa, o aporte teórico e o percurso metodológico. O segundo capítulo: “Ser alguém na vida: marcas da pessoa nos segmentos discursivos de homens e mulheres”, que pretende cumprir o objetivo de descrever as marcas discursivas da pessoa (1ª. – **eu**, 3ª. – **ele** e plural - **nós**) a partir do discurso de homens e mulheres que desempenham os papéis sociais de pai e mãe na comunidade rural Laginho Nossa Senhora do Carmo – Maués/AM; já o terceiro capítulo, com o título: “Ideologia e Polifonia: os ecos discursivos na construção social do sujeito” busca identificar as vozes que marcam a polifonia na construção discursiva de homens e mulheres na comunidade rural Laginho Nossa Senhora do Carmo – Maués/AM.

I CAPÍTULO

A VIAGEM QUE LEVA DO DISCURSO ÀS AÇÕES DO SUJEITO DE UMA COMUNIDADE RURAL NA AMAZÔNIA



É preciso salvar essa humanidade que apodrece no interior ou se transfere para as capitais e se estiola. e a solução está na educação, que levantará o nível cultural da população, dando-lhe novos horizontes, com a valorização do trabalho e novas perspectivas de vida, que deve ser boa e digna, em qualquer lugar; está também na criação de novas condições econômicas, reduzindo o extrativismo a um mínimo suportável pela natureza, sem que esta se desgaste do modo ameaçador a que estamos assistindo. (Djalma Batista, 2007)

1.1 O lugar da pesquisa na perspectiva de espaço socialmente construído

De maneira geral, os estudos da linguagem reclamam a marca do espaço presente nas diversas situações discursivas, seja para entender a diversidade lingüística estabelecida pelas relações sociais, culturais e históricas; seja para demarcar os espaços próprios da enunciação ou ainda o espaço vivido pelos sujeitos que produzem o enunciado.

Para que se conheça o lugar da pesquisa, pretende-se apresentar o espaço vivido da comunidade para assim mapear o contexto das ações e dos discursos, por isso, os espaços lingüísticos serão vistos como enunciação, vistos como espaços de funcionamento de línguas, que num constante movimento se dividem, redividem, se misturam, se desfazem, se transformam, sendo assim decisivo para se tomar a enunciação como uma prática coletiva e não individual, pois falar é assumir a responsabilidade da palavra em um espaço dividido de línguas e falantes.

Pensar nas questões sociais, políticas e culturais de um determinado grupo social é também pensar nas práticas espaciais, nas organizações do espaço e de sua finalidade na vida do homem. Embora, em uma perspectiva física, estejamos acostumados a visualizar o espaço apenas como um cenário em que se sucedem fatos, como se fosse uma fotografia, parado, distante dos acontecimentos humanos, é a partir do entendimento de espaço socialmente construído, que faz o homem e é feito por ele, que se quer pensar a comunidade rural Laguinho Nossa Senhora do Carmo, localizada em Maués, pois, como afirma Soja (1993, p.

99), “os dois conjuntos de relações estruturais (o social e o espacial) não são apenas homólogos, no sentido de provirem das mesmas origens no modo de produção, como também dialeticamente inseparáveis”.

Trabalhar as questões lingüísticas requer pensar as questões extralingüísticas como tempo-espaco, pois são essenciais para se entender a língua em uso. É preciso perceber que as ações humanas se dão em espaços específicos e só podem ser pensadas a partir deles, “o espaço em si pode ser primordialmente dado, mas a organização e o sentido do espaço são produto da translação, da transformação e da experiência sociais” (SOJA, 1993, p. 1001). Nos estudos da enunciação, os contextos espaciais e sociais não podem ser desconsiderados, tendo em vista que não se deve fazer apenas a descrição dos enunciados proferidos pelos falantes. Para Koch (2001, p. 14)

[...] é preciso levar em conta, simultaneamente, a *enunciação* – ou seja, o evento único e jamais repetido de produção do enunciado. Isto porque as condições de produção (tempo, lugar, papéis representados pelos interlocutores, imagens recíprocas, relações sociais, objetivos visados na interlocução) são constitutivas do sentido do enunciado: a enunciação vai determinar a que título aquilo que se diz é dito. (destaque do autor).

É possível dizer que os espaços, enquanto condição de produção lingüística, influenciam a língua dos indivíduos: espaços de trabalho, língua de trabalho; espaços familiares, língua familiar; espaços acadêmicos, língua acadêmica. A língua precisa ser analisada à luz das questões sociais, culturais, históricas, espaciais, por isso, apresentar-se-á um quadro do espaço físico da cidade de Maués, para assim entender um pouco mais a respeito do espaço socialmente construído.

Maués é um município brasileiro do Estado do Amazonas, localizado na margem direita do Rio Maués-Açu, fundado em 1.798 por Luiz Pereira da Cruz e José Rodrigues Preto, à distância de 268 km, em linha reta, e 356 km, pela via fluvial, de Manaus, com uma área de 39.988,39 km². Sua população estimada em 2010, segundo dados do IBGE, era de 49.889, sendo a oitava mais populosa do Estado e reconhecida nacionalmente por posuir uma das maiores expectativas de vida do país.

Está situada na microrregião de Parintins, mesorregião do Centro Amazonense, fazendo Limite com: Boa Vista do Ramos, Barreirinha, Pará, Borba, Nova Olinda do Norte e Itacoatiara. É uma cidade cortada por mais de 12 rios. Conta com 186 Comunidades

espalhadas na zona urbana e principalmente na zona rural, dentre elas, destacam-se os povos indígenas: Sateré-Mawé, Mura, Hixkaryana¹.

Até os anos 80, Maués era líder absoluta na produção do guaraná, com 90% da pequena produção brasileira, mas a ampliação do uso comercial da semente, incorporada pela indústria farmacêutica e de beleza, animou milhares de agricultores no baixo sul da Bahia, na antiga zona cacaeira. Em menos de dez anos, com plantios mais novos e produtivos, o Estado se transformou no maior produtor nacional, com 2.500 a 3 mil toneladas de sementes anuais. A queda da produção do Amazonas, por causa de pragas, fez a cotação do quilo do produto baiano atingir R\$ 17 na década de 90². Hoje Maués leva vantagem, o quilo do guaraná, de maior qualidade, chegou em 2009/2010 a R\$ 30,00.

Segundo dados do SEBRAE³, a produção de guaraná no município amazonense de Maués recebeu em 2007 a Certificação Orgânica, concedida à Associação Comunitária e Agrícola do Rio Urupati (Ascampa) e em abril de 2009 passou novamente por inspeção para manter a certificação e foi aprovada. A certificação refere-se à colheita do biênio 2009/2010, estimada em 42 toneladas, sendo 20 toneladas do grão in natura e 22 toneladas do grão torrado. A produção orgânica garante ao consumidor a certeza de um produto isento de contaminação química e cuja produção assegura qualidade ambiental, nutricional e biológica. O SEBRAE informa, ainda, que desde 2004 desenvolve projetos de apoio aos produtores de guaraná de Maués.

Além da produção de guaraná, a cidade de Maués se destaca por suas belezas naturais, suas diversas praias, áreas naturais que podem ser visitadas de barco. A cidade promove festas que já fazem parte do calendário Amazonense, dentre elas: a festa do guaraná, o carnaval e o festival de verão. Estas festas levam um grande número de pessoas para a cidade e fomentam a economia local. A cidade conta com uma infra-estrutura razoável, as ruas são pavimentadas e bastante largas. Há algumas avenidas bem arborizadas, praças, igrejas católicas predominantemente, escolas, hospitais e uma área comercial, localizada no centro da cidade.

O espaço descrito acima aponta para uma cidade em desenvolvimento e aparentemente próspera, mas será mesmo que os moradores dessa cidade compartilham dessa idéia de progresso e fartura? E os moradores da zona rural, em especial do Laginho, se beneficiam da produção do guaraná, do turismo? As respostas a essas questões esbarram no modelo de construção social e organização política do capitalismo que elege um grande

¹ Dados retirados do site <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/>> Acessado em: 18/05/2010.

² Dados retirados do site <www.satere.com> Acessado em: 25/08/09.

³ Dados retirados do site <<http://www.noticias.sebrae.com.br/>> Acessado em: 18/05/2010.

grupo de trabalhadores, com pequena quantidade de dinheiro para construir a riqueza de poucos que verdadeiramente usufruirão da riqueza.

Cada vez mais os espaços tem se mostrado desiguais, competitivos, enganadores. Por certo que Maués é um dos maiores produtores de guaraná do país, mas está longe de ser um exemplo de equilíbrio e justiça social. A agricultura do guaraná é feita eminentemente por pequenos agricultores que se localizam fora da cidade de Maués, estão nos lagos, braços de rio, trabalhando com sua família na esperança de ter uma boa safra e assim conseguir um pouco mais de dinheiro para a sua subsistência. Dificilmente se encontrará nos interiores, agricultores do guaraná que conseguem guardar excedente. O dinheiro da venda é usado para melhorar a casa; investir em animais: gado, galinha, porco; compra de um novo terreno para que possa alternar a produção, uma vez que não é possível viver do guaraná o ano inteiro. Isto se a safra for boa, pois há uma oscilação na produção a cada ano. O agricultor não pode prever quanto ele vai arrecadar com a produção e a venda do guaraná.

É esse espaço que ancora as ações e no qual os discursos se ancoram, por isso, não se pode olhá-lo como se fosse apenas um quadro pintado, uma moldura para a interação sem que a estrutura social, a distribuição humana no espaço, suas transformações e ocupação, suas ações não tivessem relação com a construção social e política. Pensando o espaço enquanto construção humana, neste trabalho buscaremos analisá-lo como espaço de enunciação e de interação. Mondada (2008, p. 67) afirma que:

A ação ocorre em lugares, ocupa o espaço, explora as propriedades específicas do ambiente. Percepção, interpretação, reconhecimento, bem como organização local e planejamento da ação e da interação, integram intimamente a dimensão espacial. Isso nos leva a conhecer o espaço não como uma determinação predefinida e preexistente à/da ação, mas como um *recurso* para a ação, reflexivamente regulado e configurado por ela [...]. (destaque do autor)

As dimensões locais são ajustadas constantemente para atender as contingências da ação. Estabelecendo essa relação espaço/ação, pode-se entender melhor a zona rural da cidade de Maués, vendo-a como um espaço da plantação, da criação de animais, do lazer, da família, da igreja, da natureza, da vida, da morte, da felicidade, da tristeza. É um espaço objetivo, real; mas também é um espaço subjetivo que faz brotar sentimentos mais diversos possíveis. Podemos entender o espaço do Município de Maués de forma dicotômica: urbano e rural; terra, água; objetividade, subjetividade; espaço que se tem, espaço que se quer ter. Assim, abaixo será descrito de modo mais detalhado a construção desses espaços.

A comunidade rural Laguinho Nossa Senhora do Carmo⁴ organiza-se ao longo de um braço de rio, sendo ocupado nas duas margens. As propriedades se dividem em média de mil hectares de terra por dono. Há, em cada propriedade, uma casa próxima ao rio, guardada a distância média da cheia. Próximo a casa, há um barracão (lugar onde se coloca o forno, e todos os instrumentos necessários para a produção de farinha: tipiti – onde se prensa a massa da mandioca, uma espécie de canoa, onde se lava a massa, peneiras, espécie de remo para mexer a farinha). Próximo a casa estão algumas árvores frutíferas e o canteiro com alguns temperos, como cebolinha, salsa e chicória. As plantações de guaraná começam próximo a casa e se estendem por aproximadamente 200 metros. São em média 500 pés de guaraná. Há ainda o roçado, plantação de mandioca para fazer farinha, que fica em uma parte do terreno e muda de lugar de 3 em 3 anos.

A comunidade Laguinho está muito próxima da cidade de Maués, não apenas em distância, mas na vida do povo. É possível em 1 dia ir à cidade de Maués e voltar, utilizando os meios de transportes próprios da Amazônia rural, como canoas, rabetas⁵, voadeiras, barcos que encurtam o tempo e transportam as pessoas de uma zona rural para outra, da zona rural para a cidade, fazendo com que esses moradores tenham uma relação muito próxima com o urbano.

É preciso esclarecer que na Amazônia rural, o tempo parece correr lentamente. A distância entre os lugares é medida pelos rios-estradas, por vezes, único caminho para se deslocar de um lugar a outro. Já houve épocas em que o homem das comunidades rurais mais distantes da cidade de Maués, só conseguia ir até lá viajando de barcos. As distâncias menores eram percorridas através de canoas. No ano desta pesquisa, os rabetas são os grandes aliados da comunidade rural, eles cortam os rios, num constante ir e vir, seja nas maiores ou menores distâncias. É um meio de transporte relativamente barato e muito popular.

As condições do tempo (sol, chuva, vento), o meio de transporte e a vontade do rio determinam a distância. Deve-se, ainda, levar em conta a época de cheia e vazante. Na cheia, os rios aumentam de volume, deixando as distâncias maiores. O rio já grandioso exige mais respeito e cuidado. Por outro lado, nesta época, alguns furos⁶ se abrem e é possível cortar caminho. Na vazante, as águas dos rios baixam, os furos se fecham e o rio principal é a única via de acesso.

⁴ Anexo 5 – fotos da comunidade.

⁵ Espécie de canoa movida por motor de popa, semelhante à voadeira, porém com menor força.

⁶ Na Amazônia: trecho de água, em meio a arvoredos e plantas aquáticas, passível de ser navegado, pelo quais rios, ou rios e lagos, se comunicam.

É nesse tempo que a comunidade rural vive, numa espécie de luta entre o que a natureza quer e a ação dos homens. A idéia de que a zona rural está completamente isolada da cidade não é verdadeira nessa localidade, sempre que precisam estão na cidade, ela é uma extensão do seu local de moradia, têm acesso à: prefeitura, banco, igreja, hospitais e postos de saúde, escola, delegacia etc. Os moradores da comunidade rural conhecem o espaço urbano de Maués, embora sintam dificuldade em situações mais formais que precisem principalmente de leitura e escrita. Nestes momentos, recorrem a parentes que detenham maior conhecimento do espaço em questão e do processo que precisam fazer.

O urbano e rural no Município de Maués são desiguais: os benefícios que a cidade recebe não estão diretamente presentes na vida do homem rural: água, esgoto - ainda que precário, luz elétrica, telefone, escola – para todos os níveis de ensino, atendimento médico com postos de saúde e hospitais, farmácias, supermercados, dentre outros. De modo geral, as políticas públicas visam atender o urbano, oferecendo-lhe melhores condições de vida. Ao homem rural não é dedicado o mesmo esforço, basta ver que os banheiros ainda são uma espécie de fossa coberta, do mesmo modo como há tempos atrás. Por que não investir em nova proposta sanitária? Talvez porque o poder público ainda acredite que esse homem está acostumado dessa forma, ele não precisa de benefícios, é a idéia de homem “primitivo” que tudo suporta, que tudo resolve. Estes são traços do desenvolvimento geograficamente desigual.

O espaço rural socialmente construído é, ao fim e ao cabo, responsabilidade daqueles que ali residem. São eles que fazem, desfazem, constroem, transformam dentro dos seus conhecimentos e necessidades, sendo a cidade apenas o espaço que lhes pertence em determinados dias do mês. Essas características podem levar ao entendimento de que os moradores da comunidade Laguiño Nossa Senhora do Carmo habitam, vivem, pensam dois lugares que, em determinados aspectos, se opõem. Eles vão à cidade, mas a cidade não vai até eles com seus benefícios, porque aparentemente esse desenvolvimento geográfico desigual não é percebido, como se fosse irrelevante (SOJA, 1993), mas está presente claramente nas ações de política Estadual e Federal ao tentar minimizar os problemas de forma indireta, sem atuar de fato no cerne da questão, que seria investir não apenas nas grandes e médias cidades, mas assegurar que as comunidades rurais tivessem investimento sério nos segmentos básicos de desenvolvimento social: saúde, educação e trabalho.

A falta desses investimentos se reflete no número significativo de jovens que saem dessa comunidade rural para viver na cidade de Manaus em busca de trabalho, de escola, de vida mais digna e com trabalho menos pesado. Esses jovens, em um primeiro momento,

residem em casa de parentes e são empregados do comércio, do pólo industrial de Manaus, fazem pequenos trabalhos como pedreiros, pintores; as mulheres trabalham também como empregadas domésticas.

Essa tem sido uma realidade vivenciada já algum tempo, o que causa um inchamento na cidade de Manaus, um número de bairros cada vez mais distantes e com menos investimentos estruturais e de saneamento. Soja (1993) denomina de “transferência geográfica de valor”, essa relação própria do capitalismo: menor escolaridade, menor salário; menor conhecimento dos direitos, maior exploração. Os jovens e adultos vindos dos interiores do Amazonas servem como mão-de-obra barata em Manaus. Ainda para Soja (1993, p. 131): “Quando essas reservas regionais de mão-de-obra não são criadas pelos movimentos ‘naturais’ da população, elas são produzidas pela força direta e através de outros meios. Quando se esgotam numa área, são novamente criadas em outra”.

O desenvolvimento geográfico desigual cria a não-existência, através da *escala dominante*, separando o universal e o global, o particular do local (SANTOS, BOAVENTURA, 2008). Manaus como capital do Amazonas, em relação aos outros Estados do Norte, tem um relativo desenvolvimento, tendo os seus moradores casa, emprego, escola, saúde. O mesmo não se pode dizer dos outros municípios, como Maués, que sobrevive da produção de guaraná e do turismo em algumas épocas do ano. A escala minimiza ainda mais quando chega à comunidade rural, já que os espaços geográficos com maior evidência, maior incentivo financeiro e social detêm o poder e subjagam às suas regras os espaços geográficos periféricos. Isto porque as estruturas sociais e espaciais se fazem através de uma relação de exploração já bem definida no controle dos meios de produção e que se mantém numa apropriação do valor estabelecido pela classe social dominante. (SOJA, 1993).

Batista (2007), já ciente dessa desigualdade espacial na Amazônia, preferiu romper com os critérios tradicionais da geografia física, para pensá-la através da geografia humana. O autor dividiu a Amazônia em 3 Amazônia: a primeira seria composta pelas cidades de Manaus e Belém, embora com problemas sociais, são as que recebem visitantes, imigrantes, rendas e mantém uma produção de extensas áreas; a segunda é a cidade do interior (como Maués), onde tem havido um esforço por parte dos governos para instalar infraestrutura adequada e uma série de investimentos que a torne o mais desenvolvida possível. É bom ressaltar que esses benefícios não são iguais em todos os Municípios, especificamente em Maués é possível observar uma cidade bem organizada estruturalmente, conta com sistema de telefonia, internet, posto de saúde, escola, inclusive a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) disponibilizam cursos em nível

superior. Apesar desse aparente desenvolvimento, é uma cidade com inúmeros problemas sociais, ocasionados principalmente pela falta de emprego.

A 3ª. Amazônia estabelecida por Batista (2007) diz respeito à grande área onde vivem os trabalhadores rurais em geral e suas numerosas famílias. A estes o Estado e o Brasil praticamente esqueceram, deixaram entregues a própria sorte. “A população rural tem sido e continua a ser a grande enteada da Amazônia: na enchente é perseguida pela água; na vazante tem cortadas, nos altos rios, as linhas de comunicação”. (BATISTA, 2007, p. 115).

A idéia de espaço dicotômico se apresenta novamente. Se a cidade de Manaus conta com certo desenvolvimento, com possibilidade de emprego, de estudo, de saúde, com possibilidade de vida melhor; a cidade de Maués, embora com aparente desenvolvimento e beleza, não consegue absorver toda a sua população e dar-lhe emprego, atendimento médico, educação de qualidade, como ocorre em muitas outras cidades. Nos interiores⁷, a fome, o trabalho duro, o dinheiro escasso são realidades constantes.

Esta relação que, aparentemente, remete a um espaço simples, de relações previsíveis, de vida que se repete ano após ano, de isolamento e independência, é bem mais complexa, pois, de acordo com Santos (2008a, p. 314), os lugares podem ser vistos numa espécie de intermédio entre o mundo e o indivíduo em que há uma realidade tensa, com relação instável, respeitando um dinamismo que se recria a cada momento, reunindo “a globalização e localização, globalização e fragmentação”, por isso “cada lugar é, à sua maneira, o mundo [...]”.

Qual é o mundo presente na comunidade do Laguinho? Se há um dinamismo que rege as ações do homem, se os espaços não são apenas espaços locais, mas são extensão de outros locais, de outras ações, de outras políticas, como esse povo se coloca diante dessas ações que são, ao mesmo tempo, exteriores, globais, locais e internas? Se, como afirma Santos (2008a), há a necessidade de visitar os lugares para saber os seus novos significados, que significados esta comunidade apresenta?

Estas respostas levam em conta que os contextos são tanto de um espaço material, que dá conta de uma natureza física, quanto de um espaço da natureza humana, ambos socialmente produzidos e reproduzidos, parte de uma espacialidade da vida social. (SOJA, 1993); e é lá, nas diversas perspectivas de espaços, que se delineiam com mais precisão as ações políticas e os discursos; é lá também que se agrega valor aos discursos produzidos; é lá que são ampliadas e se fazem ouvir as muitas vozes que compõem os discursos; é lá que

⁷ As zonas rurais são conhecidas como interiores em grande parte da Amazônia.

essas vozes e os muitos discursos circulantes naquele espaço se cruzam, entram em contradição ou se associam, num movimento simultâneo; é lá, por fim, que se define parte importante da vida da comunidade, das suas ações, dos seus desejos, dos seus projetos.

Há que se pensar também o espaço do homem rural amazônico dividido pela terra e pela água, pois os dois espaços permeiam a vida. A terra é o espaço do pão: mandioca, macaxeira e todos os seus derivados: farinha, beiju, tapioca, massa para mingau; plantações frutíferas: tucumã, mari-mari (plantas nativas), açaí, bacaba, predominantemente; plantações de guaraná; pequena criação de galinha; lugar de caça. A terra é o espaço do abrigo, do sossego, onde o homem constrói suas casas. A terra é a farmácia, de onde se retira a cura para suas doenças através de cascas, folhas, raízes de árvores. A terra é o espaço do lazer. Na vila da comunidade há um campo de futebol atrás da igreja, onde os jovens e adultos se agrupam para um momento de diversão, jogam futebol ou assistem à partida e torcem por seus times preferidos, num momento de descontração. A terra é o espaço de conexão, os caminhos ligam as casas e há ainda uma estrada que faz conexão com outra comunidade rural.

A água é o espaço do peixe, na metáfora de Jacob (1968, p. 15), “despensa do pessoal [...]”. A água é a sobrevivência, ela serve para beber e cozinhar os alimentos. A água é a limpeza das pessoas, dos utensílios domésticos, da casa. A água é o espaço do lazer, da diversão, principalmente das crianças que nadam, brincam na canoa. A água é o espaço encantando, onde vivem seres mágicos, com poderes sobrenaturais. A água é a estrada, o espaço das pequenas e médias embarcações que, num constante ir e vir, servem de veículo para se deslocar de um lugar a outro.

Terra e água compõem o espaço das ações do homem na comunidade Laguiño Nossa Senhora do Carmo e podem ser vistos tanto como espaços físicos, com características diferentes, quanto como espaços de relação e interação social. Talvez não seja possível, na vida do interiorano, estabelecer grandes diferenças entre água e terra, já que os espaços são vividos intensamente, sem que se eleja um como o mais importante. Para os que não conhecem a Amazônia, pode ser difícil entender a água como um espaço de relações sociais, mas ali acontecem as pescarias, as conversas, o momento de lazer entre os irmãos e as trocas de informação referente ao trabalho, à política, ao futebol etc.

Sem desconsiderar que o espaço é algo real, possível de ver, quase palpável, podemos afirmar que o espaço real da comunidade do Laguiño se apresenta numa estrutura linear, que inicia num braço do rio Paraná do Urariá. As casas estão uma ao lado da outra, nas duas margens do rio, respeitados os desvios próprios do rio e os espaços de cada terreno. Somam um total de 25 famílias distribuídas ao longo do rio, morando em casas de madeira, com

cômodos que não permitem separar a família numerosa em cada quarto ou unir a família toda na mesma mesa para almoçar ou jantar. As famílias se constituem de pai, mãe e filhos. Os filhos, quando casam, constroem suas próprias casas.

Há uma reserva grande de floresta nativa em cada terreno. Mesmo tendo o espaço da casa, do roçado, das plantações frutíferas e do guaraná, todos os terrenos conservam uma grande parte de floresta nativa ou de capoeira. Em algumas propriedades há pasto para o gado, pois a área de várzea alaga e o gado precisa ser deslocado para essa comunidade. Isso não é uma prática de todos, apenas alguns moradores usam o seu terreno como pasto para o gado.

No caso específico dessa comunidade, a grande fonte de renda é o guaraná. Todas as famílias têm seu guaranazal e precisam investir uma parte do seu tempo para limpar a plantação, colher a safra, fazer o beneficiamento do guaraná para vendê-lo em caroço torrado ou em forma de bastão. A limpeza e a colheita são feitas, na maioria das vezes, no sistema de trocas de dia, uma espécie de mutirão em que várias famílias auxiliam um morador e depois este devolve o dia de trabalho. As demais atividades são realizadas pelas próprias famílias e todos, inclusive as crianças, participam do processo de trabalho, em maior ou menor escala.

Não se pode esquecer de que também há o espaço das relações humanas, em que se fazem amizades, negócios, casamentos, criam-se os filhos e a eles se ensinam valores, moral, condutas. É um espaço de alegrias: nascimento dos filhos, batizados, festas da padroeira, arraial, escola, culto, interação social. É também espaço de tristezas: mortes de parentes e vizinhos, distância dos filhos e dos pais, épocas mais prósperas; podemos ainda incluir o que Harvey (2004) chama de “espaços de esperança”: de dias melhores, de plantação mais produtiva, de vida digna para si e para seus filhos, de escola melhor, de visibilidade. Se estão nessa comunidade, apesar de ter outras escolhas, é porque acreditam em uma vida mais humana e digna.

Usando a categoria de cotidiano estabelecida por Santos (2008a, p.321-222), é possível entender a relação desse espaço com os movimentos sociais, já que o espaço geográfico traz em si tanto a condição para a ação quanto o limite da ação através de uma estrutura de controle, além de ser também um convite a ação. “Nada fazemos hoje que não seja a partir dos objetos que nos cercam”. Nesse cotidiano compartilhado, reflexo do global e do local, o lugar é vivo, é a referência pragmática do mundo, do qual vem solicitações e ordens de ações condicionadas, sem deixar de ser o “teatro das paixões humanas [...]”.

A partir da perspectiva de lugar vivo, de teatro de paixões, é possível entender porque essas famílias, não conseguindo viver apenas da estrutura montada na comunidade do

Laguinho, procuram outros espaços para dividir residência. É um rio escasso de peixe, uma terra não muito proveitosa para outras plantações, por isso o povo desse local tem necessidade de construir outros espaços que complementem o que lhes falta na comunidade Laguinho Nossa Senhora do Carmo. Todas as famílias possuem outros terrenos fora dessa comunidade, geralmente mais produtivo quanto a verduras e frutas e com peixe mais fácil. É possível perceber que o espaço tem grande importância na organização social, como afirma Soja (1993), as transformações estão em torno de uma luta que é tanto social quanto espacial, sendo enganoso priorizar um em detrimento de outro.

Espaço, sociedade e linguagem se juntam quando se pretende fazer um estudo da enunciação, já que, segundo Bakhtin (2006, p. 126), o centro organizador de toda enunciação não é interior e sim exterior, ele se faz através do envolvimento do meio social com os indivíduos, por isso é ideológica e não meramente fisiológica. “A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social”, não importa se é determinada por uma situação imediata ou pelas condições de vida da comunidade lingüística, denominado como contexto mais amplo.

Fazendo esta análise do espaço da comunidade pesquisada, percebe-se a importância de dialogar com as questões extralingüísticas, pois as relações sociais, espaciais e históricas apontam para contextos amplos.

A estrutura da enunciação e da atividade mental a exprimir são de natureza *social*. A elaboração estilística da enunciação é de natureza *sociológica* e a própria cadeia verbal, à qual se reduz em última análise a realidade da língua, é social. Cada elo dessa cadeia é social, assim como toda a dinâmica da sua evolução. (BAKHTIN, 2006). (Destaques do autor)

Assim, a enunciação não é apenas uma manifestação lingüística, mas uma ação social que se faz porque há homens que se organizam e vivem socialmente. Soja (1993, p. 148) afirma que: “o espaço da natureza [...] está repleto de política e ideologia, de relações de produção e da possibilidade de ser significativamente transformado”.

Pensar discursivamente o espaço é refleti-lo enquanto um lugar de relações sociais, de fazeres políticos, atravessado pela memória, atravessado por um conjunto de interpretação, no qual o sujeito se inscreve historicamente, ganhando vida.

1.2 Um rio teórico para analisar os discursos

Para realizar esta pesquisa, muitos autores foram trazidos ao debate, pois é uma temática que trabalha com duas vertentes: a língua e o sócio-cultural.

Levando em consideração que “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos, e seus efeitos são múltiplos e variados”, pode-se afirmar que “o discurso é efeito de sentidos entre interlocutores” (ORLANDI, 2007, p.21). A linguagem não é um sistema fechado, está em relação direta com o exterior, com o contexto-ideológico dos sujeitos que a produzem, pois “os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução” (FERNANDES, 2005, p.22).

É por isso que o estudo da linguagem não pode ser separado das condições sociais que a produzem, tendo em vista que elas criam a evidência do sentido. Para Foucault (2008), a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e distribuída, a fim de que seus “perigos e poderes” sejam conjurados.

Essa visão da linguagem como interação social, integra todo ato de enunciação individual num contexto mais amplo. O Outro desempenha papel fundamental na constituição do significado, revelando as relações intrínsecas entre o lingüístico e o social. Todo percurso que o indivíduo faz, desde a elaboração mental do conteúdo a ser expresso, até a objetivação externa – a enunciação – desse conteúdo, é orientado socialmente (BRANDÃO, 1993, p. 10).

A Análise do Discurso não toma o sentido em si mesmo, ou seja, em sua imanência. Não se acredita na existência de uma essência da palavra - um significado primeiro, original, imaculado e fixo capaz de ser localizado no interior do significante. A constituição do sentido é socialmente construída. “O sentido não existe em si mesmo. Ele é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo histórico no qual as palavras são produzidas” (PECHÊUX, apud BRANDÃO, 1993, p. 62).

Um autor importante para realizar as análises desta pesquisa foi Mikhail Bakhtin (2006), por entender que a verdadeira substância da língua se constitui pelo fenômeno social da interação verbal, realizado através da enunciação. Segundo Bakhtin, o sujeito emerge do outro, por isso é dialógico, seu conhecimento está pautado no discurso que ele produz. Conforme Bakhtin, não é possível perceber e estudar o sujeito como se ele fosse uma coisa, posto que ele não pode permanecer sujeito se ele não tem voz; por conta disso, seu conhecimento só pode ser *dialógico*. O *eu*, para Bakhtin, não é monádico e nem autônomo,

ele existe a partir do diálogo com os outros *eus*; necessita da colaboração de outros para poder definir-se e ser “autor” de si mesmo. (BAKHTIN, 2010).

Podemos entender que o sujeito dialógico bakhtiniano rompe a concepção clássica do sujeito cartesiano, com identidade permanente, já que a 'palavra do outro' se transforma para tornar-se 'palavra pessoal-alheia' com ajuda de outras 'palavras do outro' e, depois, palavra pessoal.

Bakhtin (2006) analisa o signo na realidade ou no saber do indivíduo que o produz; entendendo a relação no interior de um sistema de signos. Há, portanto, uma dependência do signo com as significações ideológicas, por isso separar a linguagem de seu conteúdo ideológico é ter uma visão pela metade, pois a linguagem não é um sistema pronto.

Além do caráter ideológico previsto por Bakhtin, há a interação verbal que se constitui como concepção básica da linguagem, principalmente em seu dialogismo, em que toda enunciação é um diálogo atrelado a um processo de comunicação ininterrupto. Por sua vez, todo enunciado é fruto de enunciações anteriores e posteriores, por isso, não há enunciado isolado do sujeito ou do seu contexto, o que ocorre são relações dialógicas, relações de sentido que tanto podem acontecer no plano real e específico quanto no aspecto mais amplo do discurso, aquele criado por vários autores ao longo do tempo e do espaço.

Os estudos de Bakhtin (2010) mostram que o indivíduo não é senhor absoluto de sua palavra, uma vez que esta não pertence unicamente ao falante, há a presença do ouvinte e de todas as vozes que o antecederam ressoando em seus atos de fala. O falante não é o que expõe seu pensamento primeiro, já houve antes alguém que o nomeou, que o interpretou. Por outro lado, nessa construção que prevê muitos autores, a linguagem nunca está completa, ela é sempre uma tarefa, uma espécie de projeto sempre caminhando e sempre inacabado, portanto, sempre em reconstrução. Para este autor, a verdade não está escondida no interior de uma única pessoa, está no processo de interação dialógica, que acontece porque existem pessoas que a procuram coletivamente. Isso significa dizer que a unidade do mundo é polifônica.

Quando se compreende o enunciado de outra pessoa houve uma orientação específica do ouvinte, na qual o interlocutor conseguiu perceber o lugar da enunciação dentro do contexto de suas significações anteriores. Aquele que apreende o discurso do outro não é um ser sem vida, sem voz, sem palavras, ao contrário, é alguém repleto de palavras interiores, o que demonstra que significação e apreciação estão estreitamente ligadas à interação verbal.

Esse processo de compreensão se dá na medida em que é possível o falante reelaborar a palavra do outro. Esse entendimento é maior e mais profundo quando conseguimos ter

réplicas mais numerosas e substanciais da palavra do outro. Esses conceitos nos levam a entender que o sentido do enunciado não está na “alma” do locutor ou do receptor, está exatamente no contato entre os pólos opostos, no efeito da interação.

Os estudos de Bakhtin (2006) estão relacionados com o território social, por isso, toda atividade mental (conteúdo a ser expresso) em relação com a objetivação externa (processo de enunciação) está situado no território social e esta dimensão da linguagem, enquanto interação social, foi fundamental para esta pesquisa.

Como o que se buscou foi o estudo enunciativo da língua, em especial os sentidos que daí resultam, em uma visão que ultrapassa a análise formal da língua, autorizando uma abertura para o discurso, pode-se dizer que este trabalho está na perspectiva da lingüística da enunciação. Quanto ao termo enunciação, ele tem sido definido, após Benveniste, como a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização, porém, outras perspectivas da Análise do Discurso ampliam tal definição. Neste caso, não é apenas um processo individual ou intencional, mas também histórico e social.

Por isso, a teoria de Émile Benveniste (2005) também foi fundamental para se desenvolver o trabalho aqui proposto. Para o autor, há que se considerar a língua nas relações do homem com o outro, do homem com a língua, do homem com o mundo via língua.

Émile Benveniste (2005) acredita que na linguagem se constitui a subjetividade, o sujeito centrado, senhor do que diz, que existe na linguagem, e nunca fora dela; há, também, um sujeito onipotente que se apropria da língua segundo sua vontade. Assim, o sujeito existe quando se propõe como *eu* (o que torna o trabalho com os pronomes fundamental), momento no qual passa a existir efetivamente, pois ele existe na linguagem e nunca fora dela, como sujeito foi capaz de “se propor” como sujeito designando-se *eu*. *Eu*, na visão de Benveniste, constitui uma categoria diferente de signo, tendo em vista que não está relacionado a um conceito ou idéia. *Eu* só tem sentido quando é pronunciado por uma pessoa que se assume como locutor e que, ao assumir também a língua, propõe outra pessoa, um *tu*.

Benveniste, em seu estudo sobre os pronomes, apresenta-os como fato de linguagem. Alguns pronomes pertencem à sintaxe da língua; outros, ao discurso. Nessa relação dos pronomes, o autor ressalta que nem todos os enunciados de discurso remetem ao *eu*, mas a uma situação objetiva, por isso fazem parte da terceira pessoa, o que para Benveniste é não-pessoa, e se configura como único modo de enunciação possível quando se trata de discursos que não estejam voltados a eles mesmos. Dessa forma, apenas os pronomes *eu* e *tu* podem ser considerados pessoais, porque remetem às pessoas do discurso.

Há outras formas lingüísticas que se constituem como indicadores para se referir à instância do discurso: pronomes, advérbios, além do tempo que deve ser levado em consideração, pois a partir da enunciação se instaura a categoria do presente, e a partir daí outros tempos são trazidos: passado e futuro fazendo referência à instância temporal e espacial em que o *eu* foi proferido.

Benveniste aceita a língua como um sistema organizado de estruturas, mas reconhece que ela não é somente isso. Ele compreende o que ocorre com esse sistema em uso, quando um sujeito real, com sentimentos, vivências, num determinado tempo e espaço fala e deixa pistas de todas as suas relações sociais.

O estudo enunciativo ainda compreende o “sujeito polifônico” – estudado por Bakhtin (2010) e por Ducrot (1987). Em geral, o sujeito que “fala” e se manifesta como “eu” no enunciado é aquele que também se responsabiliza por esse enunciado. De alguma maneira, o sujeito-locutor traz à tona a “voz” de outros sujeitos que cabem no que ele quer dizer naquele momento. As várias “vozes” presentes no discurso recebem o nome de polifonia, colocando o discurso não apenas como o lugar de um, mas de muitos sujeitos.

Para ampliar as discussões no campo político e social, outros autores foram necessários para compor o quadro teórico. A relação entre política e linguagem foi embasada nas teorias de Charaudeau (2008); para entender melhor as relações sociais nas comunidades rurais na Amazônia foram trazidos ao debate Djalma Batista (2006/2007), Darcy Ribeiro (2006). No que se refere à cidade de Maués, a literatura ainda é escassa, mas autores como Lorenz (1992) e uma coletânea organizada pelo Museu da Pessoa (2007) ajudaram na reflexão a respeito desse espaço. Nas análises sociais, Bourdieu (2007/2008) e Santos, Boaventura (2008) deram o suporte teórico.

Também outros autores referentes à análise do discurso e dos estudos sociais da linguagem auxiliaram o desenvolvimento dessa pesquisa, tais como: Maingueneau, (2001, 2008), Possenti (2008-2009), Orlandi (2007/2009), Kerbrat-Orecchioni (2006), Fiorin (2007-2008), Citelli (2005), Foucault (2008) e a tese de doutoramento de Sena (1997).

De Saussure (2006), para quem a língua era vista como instrumento de intercomunicação social a Chomsky, para quem a língua era a representação do pensamento, muitos foram os caminhos percorridos pelos estudiosos da linguagem. Tanto um quanto outro (formalistas) viam a língua como sujeita a “sistematização”. Dessa forma, o formalismo entendia a língua enquanto entidade abstrata desvinculada de seu sujeito: a instância de produção, que dialoga com uma instância de interpretação real ou virtual.

A Análise do Discurso (AD) – e todas as correntes dela decorrentes, como a Pragmática e a Teoria da Enunciação –, por sua vez, idealiza a língua como possibilidade de desvendar sentidos, considerando primordial a relação da linguagem com a exterioridade, que pode ser compreendida como as condições de produção do discurso. Nessas condições, estão incluídos não apenas o *eu* e o *tu*, mas também o contexto histórico-social e ideológico da comunicação.

De acordo com Benveniste (2005), “a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*”. A Teoria da Enunciação postula que todo *eu* constrói seu discurso regulado por um *tu*. Sendo assim, toda seleção lexical, construção sintática, emprego de maior ou menor formalidade no discurso depende dessa relação através do MUNDO.

1.3 Percorso metodológico: o barco que leva do discurso aos sujeitos e suas ações

Benveniste (2006) aponta que, para fazer um estudo enunciativo da linguagem, é necessário definir um quadro formal de sua realização, para isso são necessários alguns princípios metodológicos. Primeiramente, deve-se considerar o próprio ato, o de um locutor que, ao proferir **eu**, toma para si a linguagem e instaura um **outro** à sua frente, atribuindo determinado grau de presença a este **outro**. Em seguida, é preciso levar em conta a situação em que se realiza o ato enunciativo, já que exprime certa relação com o mundo, demonstrando o aqui e o agora do locutor. É preciso estar claro que, neste ato, o centro da referência é a situação espaço-temporal cujo centro é o **eu**.

Em uma pesquisa da lingüística da enunciação, os instrumentos de sua realização merecem destaque, pois, como afirma Benveniste, ao enunciar, o sujeito enuncia-se, e o locutor tem à sua disposição vários signos lingüísticos que podem ser usados para tal finalidade. No entanto, no momento em que ele toma a linguagem como sua e enuncia, dá sentidos únicos e referíveis que só podem ser analisados no contexto em que foram produzidos.

Para que fique claro o fio condutor da análise aqui pretendida, é pertinente reafirmar que uma lingüística da enunciação estuda os sinais do sujeito e volta seu interesse para o sentido, porque, enquanto ato único e fugaz, não pode ser estudado, já que desaparece no mesmo momento em que é realizada. No entanto, a tarefa de quem se dispõe a fazer um

trabalho voltado para essa lingüística é identificar e descobrir sinais do ato no produto (Kerbrat-Orecchioni, 2006), ou seja, deve identificar os sentidos depreendidos a partir dos referenciais do aqui e do agora do enunciador.

1. 3. 1 O desafio de um objeto de estudo na lingüística da Enunciação

Realizar um estudo sob a ótica da Lingüística da Enunciação significa não ter um fenômeno a priori a ser analisado. Saussure (2006) já afirmava que o ponto de vista cria o objeto, isto porque, em outras ciências, os objetos podem ser dados previamente e podem ser considerados sob diferentes aspectos. No campo da linguagem é diferente, o pesquisador deverá selecionar os fatos lingüísticos a serem estudados quando forem tomados para investigação, e, de acordo com a teoria que embasará o estudo, haverá diversos objetos.

A ação do sujeito, no plano lingüístico, referente à família (o papel social de pai e mãe), presente na instância enunciativa de homens e mulheres da comunidade rural Laguinho Nossa Senhora do Carmo – Maués/AM é o objeto de estudo desta pesquisa. É importante dizer que a constituição do material de investigação não é a forma (o estável da língua), mas o sentido (único), o que nos leva a entender que a relevância deste estudo não estará na quantidade de fatos analisados ou mesmo na reincidência deles, pois os sujeitos falam de um lugar social. Este lugar no discurso é governado por regras anônimas que definem o que pode e deve ser dito. Por sua vez, o discurso vai ter um dado efeito de sentido somente nesse lugar constituinte. Se for pronunciado em outra situação, em outras condições de produção, seu sentido, conseqüentemente, será outro.

Na medida em que retiramos de um discurso fragmentos e inserimos em outro discurso, acontece uma transposição de suas condições de produção. Mudando as condições de produção, o sentido desses fragmentos ganha nova configuração semântica (BRANDÃO, 1993). O discurso é uma prática, uma ação do sujeito sobre o mundo. Deve ser contextualizado como um acontecimento, pois funda uma interpretação e constrói uma vontade de verdade. Ao pronunciar um discurso, age-se sobre o mundo, marca-se uma posição que seleciona ou exclui sentidos.

Assim, a comunidade rural Laguinho Nossa Senhora do Carmo não se configura como *objeto de estudo*; ela foi narrada na perspectiva de *sujeito*, possuidor de diversos conhecimentos espontâneos, com vida, sentimentos, sonhos, em processo dinâmico e

contínuo de transformação. O tempo estudado foi o presente, sem desconsiderar as *vozes* que emergiram do passado ou que apontaram para o futuro.

1. 3. 2 A proposta de pesquisa participante para fazer análise do discurso

A escolha das técnicas de pesquisa participante para a coleta de dados justificou-se por elas abrirem a possibilidade de penetrar em uma realidade: a realidade da comunidade rural Laginho Nossa Senhora do Carmo, na qual se encontra o espaço dos sujeitos da pesquisa, com possibilidades de observá-los, de conhecê-los, de conversar com eles e assim deixar que eles falem, que digam sua história, suas preocupações, suas relações sociais. É o desafio de falar *da/com a* comunidade rural e não *a respeito* dela; é não pretender que as informações venham na direção do pesquisador, mas que se busque interagir, dialogar, levar em conta as contradições, o pensamento da comunidade estudada. Essa postura possibilitou o entendimento da realidade como polifacética, não como algo pronto ou dado, para que fosse simplesmente retratada.

A observação foi feita através do contato direto da pesquisadora com os sujeitos da comunidade Laginho Nossa Senhora do Carmo. No decorrer da observação, esta, enquanto parte do contexto de observação, estabeleceu uma relação face a face com os sujeitos, buscando entender situações que não podem ser apreendidas somente com a entrevista, uma vez que quando observados diretamente na própria realidade são mais verdadeiros e espontâneos, deixando transparecer o que sentem, pensam, vivem.

A pesquisa, quanto ao aspecto ético respeitou as concepções e as necessidades sociais dos sujeitos envolvidos, partindo de valores individuais e sociais no campo do conhecimento. É importante dizer que embora o estudo esbarre em questões subjetivas, procurou-se agir com responsabilidade para não tomar posse das falas, apropriando-se de conclusões como verdades únicas, mas levou-se em consideração o conjunto da enunciação: sujeitos e contextos.

1. 3. 3 Coleta de dados e entrevista: os desafios de fazer falar

Os estudos lingüísticos na Amazônia ainda são tímidos, há a tese de doutorado de Maria Luíza Cruz, que constitui o primeiro Atlas lingüístico do Amazonas e faz um estudo

descritivo, trata de aspectos fonéticos e sintáticos da linguagem dessa região. Estudos no campo da lingüística, na análise do discurso, especificamente com corpora oral, voltados para o homem amazonense, são raros.

Levando em consideração que os estudos lingüísticos realizados no Brasil, nas comunidades rurais, têm se interessado pelos líderes dos movimentos sem-terra, pelos líderes comunitários, pensou-se em estudar a enunciação de um sujeito que não está sob o comando direto de um partido, de um líder, de uma associação, mas que certamente está atrelado a determinadas organizações sociais e políticas.

A família foi base deste estudo lingüístico, mas questões como: escola, igreja e trabalho foram referenciados levando em consideração que estão diretamente ligadas ao objeto de estudo desta pesquisa: as ações da família. Os principais questionamentos que deram o fio condutor da pesquisa foram: qual o posicionamento do homem e da mulher na criação dos filhos?⁸ Qual a função social da família na percepção lingüística dos sujeitos?

Questões relacionadas às outras instituições, como igreja, escola e trabalho caminharam junto à família. Assim, foram feitos os seguintes questionamentos através de um roteiro de pesquisa: Qual a importância da escola para os sujeitos? O que dizem das dificuldades da/na escola? Qual o envolvimento deles com esta instituição? Quais as dificuldades encontradas por eles em relação ao trabalho? Quais as estratégias nos diversos processos do trabalho: limpeza, colheita, beneficiamento, venda? Qual o envolvimento da família no processo de trabalho?

A metodologia foi composta por três etapas que estão relacionadas: 1) conhecimento da cidade de Maués a partir de sites e livros que retratam a cidade; 2) reconhecimento da comunidade a partir de conversas e observação da pesquisadora, já que não foi encontrada documentação da referida comunidade nem na prefeitura, que diz não ter tais documentos, nem na igreja matriz de Maués ou na própria comunidade; 3) conversas com a comunidade seguindo um roteiro de entrevista (anexo 1) para apreender através do discurso dos sujeitos a sua ação quanto à família.

Foram entrevistadas 16 pessoas no total, sendo 4 homens e 4 mulheres (entre 18 e 25 anos), 4 homens e 4mulheres (entre 26 e 75 anos). Esse número corresponde à 26,6 % de sujeitos com essa delimitação.

A escolha de adultos e jovens teve como propósito dar ao trabalho uma visão temporal, cíclica. Os adultos representam o hoje e o ontem, as vozes do passado: “na minha

⁸ O anexo 1 demonstra o roteiro das questões para realizar a entrevista na comunidade.

infância”, “no tempo de meus pais e meus avós”. Os jovens retratam o momento presente, estão no agora tentando realizar os projetos idealizados no passado. Certamente que homem, mulher (adulto, jovem) têm enunciação diferente em relação a cada instituição e observar o lugar de fala de cada um é vê-los na sua subjetividade.

O que se propôs foi uma pesquisa mais próxima da realidade dos sujeitos envolvidos e do objeto de pesquisa, buscando um verdadeiro diálogo entre homem-mundo, para isso, primeiramente, entrou-se em contacto com o presidente da comunidade para saber a possibilidade de realizar a pesquisa na comunidade e se haveria disponibilidade para receber a pesquisadora e conceder-lhe entrevistas. O coordenador da comunidade, após ter realizado reunião com os moradores, informou que havia a possibilidade de realizar o trabalho na comunidade e assinou o termo de anuência⁹.

No mês de janeiro de 2010, a pesquisadora esteve na comunidade e para realizar a pesquisa foi criada uma situação de diálogo pela pesquisadora, num primeiro momento, para informar a respeito do trabalho de pesquisa, buscando esclarecer os objetivos pretendidos. Essa reunião se deu após a realização do culto. Os moradores da comunidade permaneceram para alguns avisos, a pesquisadora se apresentou e falou a respeito da sua pesquisa e das entrevistas que precisaria realizar. Depois desse momento coletivo, foram marcadas as entrevistas individuais, estabelecendo dias e horários para as mesmas. Seguindo o que foi estabelecido com os moradores, a cada dia a pesquisadora visitava uma residência. De modo geral, as entrevistas foram realizadas nos dias da semana e as pessoas estavam trabalhando, era preciso fazer uma pausa nos seus afazeres para a realização da mesma.

Antes de iniciar as perguntas, fez-se um esclarecimento a respeito da pesquisa, do objetivo, da finalidade. Apresentou-se o termo de consentimento livre e esclarecido¹⁰, o qual foi assinado em duas vias, uma para o pesquisador e outra para o sujeito entrevistado. Depois, orientou-se para falar espontaneamente, sem medo, inclusive alertando que a entrevista seria gravada (fita microcassete, Sony e MP4). A entrevista foi do tipo pergunta/resposta, e, quando houve necessidade, a pesquisadora acrescentou mais perguntas, buscando maiores esclarecimentos. Importante evidenciar que em algumas entrevistas houve dificuldade para que os sujeitos falassem a respeito da pergunta proposta, exigindo maior intervenção da pesquisadora.

Após a coleta dos dados, eles foram transcritos (anexo 2) para formar o *corpus* da pesquisa. Foram separados em segmentos discursivos de homens e mulheres, levando em

⁹ Vide anexo 3.

¹⁰ Vide anexo 4.

consideração as respostas obtidas na entrevista para facilitar a análise e até mesmo verificar possíveis diferenças discursivas. Esta etapa do trabalho é demorada, porém é importante para que o pesquisador tenha um primeiro contacto com o *corpus* da pesquisa.

Esta viagem procurou sair do discurso para chegar às ações de pais e mães da comunidade rural Laginho Nossa Senhora do Carmo, na perspectiva de vê-los como sujeitos lingüísticos e também como sujeitos de ações, sujeitos políticos, sujeitos históricos, que constroem com os braços a vida econômica local, que se desdobra em economia nacional, ainda que esses sujeitos não se dêem conta de tal fato e se sintam socialmente invisíveis.

II CAPÍTULO

SER ALGUÉM NA VIDA: MARCAS DA PESSOA NOS SEGMENTOS DISCURSIVOS DE HOMENS E MULHERES



A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas lingüísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir em instâncias discretas. A linguagem de algum modo propõe formas ‘vazias’ das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua ‘pessoa’, definindo-se ao mesmo tempo como ‘eu’ e a um parceiro como ‘tu’ [...]. (Benveniste, 2005, p. 289)

Sentada no caminho que leva ao rio, embaixo de uma árvore, em meio à limpeza do guaranazal ou nas casas das pessoas, as entrevistas aconteceram, deixando marcada a voz das pessoas num gravador. Num primeiro momento, apenas falas aprisionadas em um instrumento tecnológico, depois, dados para analisar (através da relação entre língua e sujeitos da língua) a ação que rege a organização social referente à instituição família na Comunidade Lagunho Nossa Senhora do Carmo.

Neste capítulo, pretende-se descrever as marcas discursivas da pessoa, constituídas pelos pronomes pessoais que determinam uma forma verbal (1ª. pessoa – **eu**, 3ª. pessoa – **ele** e 1ª. pessoa plural - **nós**) a partir do discurso de homens e mulheres que desempenham os papéis sociais de pai e mãe, para assim estabelecer uma relação entre a marca discursiva desses sujeitos lingüísticos com os sujeitos sociais da comunidade.

A categoria de pessoa é fundamental no estudo discursivo porque “aquele que fala se refere sempre pelo mesmo indicador *eu* a ele-mesmo que fala”. Este ato discursivo do *eu* introduz a presença da pessoa, tornando a linguagem possível. Quando o pronome *eu* aparece num enunciado e evoca o pronome *tu* – de forma explícita ou não – para se opor em conjunto a *ele*, instaura-se uma experiência humana, revelando o instrumento lingüístico que a funda. É importante frisar que o pronome fora do discurso efetivo é uma forma vazia, não pode ser ligado nem a um objeto, nem a um conceito. Somente no discurso é que recebe sua realidade e sua subsistência (BENVENISTE, 2006, P.68-69).

Estudar linguagem e sociedade é se voltar para dois aspectos que coexistem e estão em relação recíproca, pois de um lado a língua refrata a sociedade, mostrando suas particularidades sociais; de outro, a sociedade só se mantém por signos de comunicação de

uso comum. “[...] a língua é o intérprete da sociedade; em segundo lugar, a língua contém a sociedade”. (BENVNISTE, 2006, p.97).

Que sociedade aparecerá a partir do estudo da língua? Que interpretação a língua fará dessa estrutura social? São perguntas que abrem uma janela para olhar um povo socialmente organizado que se encontra na zona rural, por vezes marginalizado, tentando ser visto por uma sociedade que mais enxerga a paisagem que as pessoas. Neste entrelaçamento social e lingüístico, homens e mulheres constroem suas famílias, trabalham, estudam, fazem escolhas, agem constantemente e assim se constituem como sujeitos políticos dentro de uma organização social. Estes referem a si e aos outros através do discurso, instaurando-se como “indivíduos lingüísticos” que nascem na enunciação e são, também, produzidos por ela.

Ações, organizações sociais, culturais, políticas ganham vida através da construção lingüística, por isso a enunciação, definida por Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 193), é “o pivô da relação entre a língua e o mundo”, com dois lados que se relacionam: permite que os fatos sejam representados no enunciado e é por si só um fato, um acontecimento único que se realiza num tempo e num espaço determinados. Para Benveniste (2006, p. 82), o processo de enunciação deve considerar o ato, as situações e os instrumentos de sua realização.

Nesta etapa da pesquisa, a análise das pessoas do discurso deixou ver as marcas do homem e da mulher desta zona rural diante da criação dos filhos, da organização familiar enquanto sujeito constituído pela linguagem, já que “só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’”. (BENVENISTE, 2005, P.286). Por isso, o trabalho com os pronomes deixou ver a subjetividade de um homem que não detém um cargo instituído, um poder concedido, mas ainda assim, dentro de sua organização social, de acordo com seu tempo (próprio do lugar), constrói uma história, embora não devidamente reconhecida e certamente regrada por questões políticas, econômicas e sociais.

Falar do homem sem observar a sua relação com a sociedade de seu tempo é ver pela metade, é ter uma parte dessa relação encoberta. Os estudos da linguagem voltados para a Análise do Discurso de linha francesa entendem esse entrelaçamento homem/sociedade, por isso o discurso opera com um material verbal – a língua e com um material psicossocial – que serve como testemunha dos acontecimentos humanos. Isso faz com que o sujeito seja, ao mesmo tempo, o agente e o reflexo da sociedade da qual participa.

É justamente esse homem como SUJEITO que se pretende abordar no presente estudo, homem este que socialmente ficou "encoberto" pela paisagem natural da Amazônia, pelo trabalho com a terra, ainda pouco reconhecido e valorizado, por uma invisibilidade causada pelo descaso político que se estende há anos. O discurso passa, então, a focar este sujeito

como aquele que se apropria da língua, transformando-a e moldando-a funcionalmente com vistas a seus propósitos comunicativos.

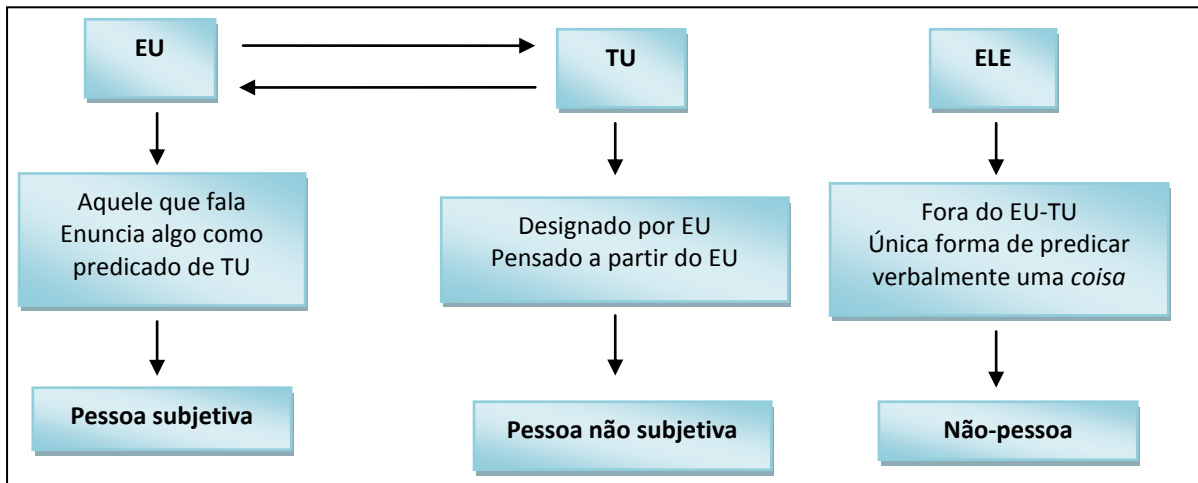
Os papéis desempenhados na interação são diferentes dos papéis discursivos propriamente ditos e dos papéis institucionais, associados aos diversos gêneros de discurso. Enquanto os papéis discursivos são ocasionais (conselheiro, pedinte, conciliador, agressor etc.), os papéis institucionais são estáveis (pai de família numa interação pai/filho, médico numa consulta, vendedor numa transação comercial etc). De um lado, os homens e mulheres entrevistados assumem o papel institucional de pai/mãe, mas quer-se voltar para o homem e a mulher desempenhando o papel discursivo de pai e mãe, de modo que se possa perceber a construção da 1^a. e 3^a. pessoas do discurso e da construção do “nós” à luz da teoria de Benveniste.

2. 1 Os dois lados do ego: a ação e a invisibilidade

Quando se estuda o exercício da linguagem e a produção do discurso é possível encontrar a experiência subjetiva dos sujeitos que se mostram e se situam na linguagem e através dela. Uma categoria fundamental para entender essa subjetividade é a de pessoa. Os pronomes ensinados na gramática, quando pronunciados, alguém os assume. No caso, o pronome **eu** se transforma em uma designação única e produz, a cada vez, uma nova pessoa. Em face disso, aquele que fala se apropria do **eu**, que é somente um dado lexical igual a outros, porém, quando posto em ação no discurso, institui a presença da pessoa, tornando a linguagem possível. (BENVENISTE, 2006).

Esta etapa do trabalho quer mostrar a construção da 1^a. pessoa a partir de segmentos discursivos de homens e mulheres diante do papel discursivo de pai e mãe, para em seguida estabelecer a relação social destes na constituição da família.

O quadro 1 pode nos dar a visão de Benveniste (2005, p. 250) a respeito das três pessoas que ele afirma constituir as vozes do discurso. Para ele, estas três pessoas só podem ser estabelecidas a partir de sua oposição. Assim, nas duas primeiras pessoas –**eu/tu**- há “uma pessoa implicada e um discurso sobre essa pessoa”. **Eu** referencia aquele que fala, porém, a segunda pessoa **tu** é designado por **eu** e não pode ser predicado fora da situação estabelecida por **eu**.



Quadro 1: Quadro Teórico: Relação de pessoa e sua função no discurso.

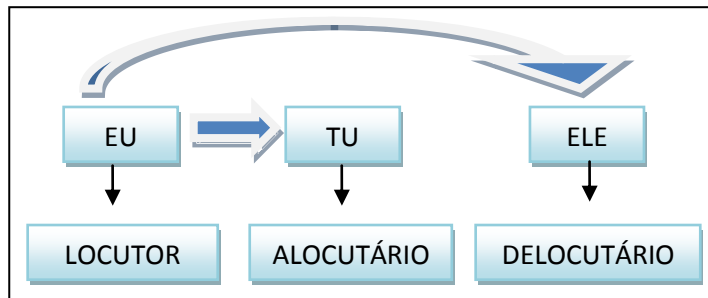
Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir da teoria de Benveniste (2005, p. 250-255)

Nos dizeres de Sena (1997, p. 99-100): “No jogo de troca lingüística, há uma permanente inversão de regras entre o **eu-tu**, de forma que todo **tu** é um **eu** com poder e todo **eu** é um **tu**, também, com poder”. Essa espécie de jogo cria uma inversão entre **eu** e **tu**, tendo em vista a alternância dessas duas pessoas no processo de comunicação.

Benveniste (2005) afirma que uma característica própria das pessoas **eu/tu** é a sua *unicidade*, já que o **eu** que enuncia e o **tu** ao qual o **eu** se dirige são únicos cada vez que são enunciados. Por outro lado, existe uma oposição entre a **pessoa-eu** e a **pessoa não-eu** tendo em vista que **eu**, pessoa subjetiva, interior ao enunciado, só estabelece uma relação com o outro quando há necessariamente um **tu**, pessoa não subjetiva, que está fora de mim. Juntas – **eu/tu**- farão oposição a **ele**, não-pessoa. As palavras exatas de Benveniste (2005, p.278-279) ajudam a entender essa relação:

Eu só pode definir-se em termos de “locução”, não em termos de objeto, como um signo nominal. *Eu* significa “a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *eu*”. Instância única por definição, e válida somente na sua unicidade. [...]. A definição pode, então, precisar-se assim: *eu* é o indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância lingüística *eu*. Conseqüentemente, introduzindo-se a situação de “alucução”, obtém-se uma definição simétrica para *tu*, como o “indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância lingüística *tu*”

Para melhor entender a relação **eu/tu**, o quadro abaixo representa a correspondência entre os termos locutor (locução), alocutário (alocução) e delocutário. Este último entendido como aquilo ou aquele a quem o locutor se refere no discurso, materialmente representado pela 3ª. pessoa:



O uso da 1ª. pessoa singular para Benveniste (2005, p.279) implica um enunciado a respeito de mim, diferentemente do “ele” que pode se referir a uma infinidade de sujeitos. Essa referência discursiva do “eu” só tem valor na instância na qual é produzida, “a forma *eu* só tem existência lingüística no ato da palavra que a profere [...]”; já “A ‘terceira pessoa’ tem por característica e por função constante representar, sob a relação da própria forma, uma invariante não pessoa, e nada mais que isso”. (BENVENISTE, 2005, p. 24).

Ao estudar as marcas inscritas na linguagem das ações cotidianas de um homem que não é o chefe, não é o político, não é o representante da comunidade; é o pai, a mãe, o trabalhador, encontramos um sujeito que age e, agindo, faz política. É o homem que está falando com outros homens, que está se representando e representando aos outros através da linguagem, que, na teoria de Benveniste (2005 p. 286), se constitui como sujeito “na linguagem e pela linguagem”, quando de locutor se propõe como sujeito, emergindo de uma propriedade fundamental da linguagem, trazendo o “’ego’ que *diz ego*”.

O uso da 1ª. pessoa demonstra o **eu** discursivo presente naquele ato de discurso que se manifesta a um **tu** que pode se transformar em **eu**, referenciando um **ele**, ausente do discurso. Assim, o sujeito **eu** (homem) na comunidade rural Lagunho Nossa Senhora do Carmo apresenta um *ego* que precisa fazer investimentos em educação, procura ajudar na parte da religião e trabalho para conseguir um futuro de visibilidade para seus filhos, como mostra o quadro 2.

1ª. PESSOA – HOMEM
Eu procuro não ficar me embriagando pra mostrar bons exemplos. Eu ralho, às vezes com ignorância, mas trato também com carinho, dou conselho [...] eu quero [...]
Eu procuro ajudar na parte da educação e da religião
Eu uso da ignorância porque sou muito estressado, mas venho a me arrepender e peço desculpas [...] e depois eu vou conversar [...]. Peço ajuda da mulher [...].
Converso sobre educação e religião. Converso bastante para que elas não venham a estar se envolvendo com nenhum tipo de drogas [...] a gente anda muito amedrontado pelo que o mundo vem oferecendo.
Eu não quero que elas procurem cair no mundo. A maioria da juventude se entregam, pegam filho cedo e perdem a liberdade [...] todo dia eu debato sobre isso.
Eu tenho mania de usar poderes negativos a respeito da minha pessoa mesmo, quando as coisas não estão dando certo eu fico me maldizendo.
Eu criei 12 filhos, procurei trabalhar pra não padecer porque é importante a gente saber trabalhar com os filhos da gente. Não adianta ter um monte de filho e não saber trabalhar.

Quadro 2: Construção da 1ª. pessoa a partir de segmentos discursivos dos homens.

Fonte: Entrevista realizada com a comunidade Laguinho Nossa Senhora do Carmo – Maués/AM. Janeiro/2010.

O enunciado do sujeito apresenta a ação do pai diante da criação dos filhos demonstrando que a base dessa criação está em conversar, aconselhar, dar exemplo, ajudar na parte da religião e da educação e investir em trabalho. As conversas são, segundo as entrevistas, constantes e envolvem toda a família, sendo ponto relevante na criação dos filhos. Quanto aos conselhos, diferentes das conversas, pressupõem fala apenas da 1ª. pessoa **eu**, são também constantes e procuram levar os filhos a refletir a respeito de assuntos perigosos, principalmente, a gravidez indesejada e prematura e o envolvimento com drogas. Este quadro deixa ver, também, a realização de trabalho das crianças e dos jovens, base importante na criação dos filhos, pois por meio dele lhes ensinam valores como respeito e honestidade.

O uso da 1ª. pessoa do discurso indica um sujeito como acredita Ducrot (1987, p. 178 - 179), “que ordena, pergunta, afirma [...] é o suporte dos processos expressos por um verbo cujo sujeito é *eu*, o proprietário dos objetos qualificados por *meus*, é ele que se encontra no lugar denominado *aqui* [...]”

Analisando os segmentos discursivos do quadro 2, percebe-se o uso da 1ª. pessoa para designar ações do pai – na maioria dos segmentos - e imposições:

*[...] eu **procuro** não ficar me embriagando pra mostrar bons exemplos. Eu **ralho**, às vezes com ignorância, mas **trato** também com carinho, dou conselho [...] eu **quero** [...].*

Os verbos utilizados deixam ver três lados dele, um que se mostra aberto a conversa; é carinhoso; conselheiro; dá bons exemplos; busca ser conciliador e inclusivo, trazendo a mãe

para juntos buscarem uma solução do problema, capaz de se arrepender e pedir desculpas. O segundo lado apresenta um pai que se irrita, se aborrece, não mede palavras para tratar dos problemas. Já o terceiro aspecto, presente em dois segmentos discursivos, diz respeito a um pai que se apresenta como autoritário, que ordena “eu não quero que elas procurem cair no mundo [...]”.

Estes três segmentos inscritos no enunciado do homem demonstram a complexidade da tarefa social de criar os filhos, tendo em vista a proposta de futuro pensada para os mesmos. É preciso, segundo o discurso do pai, agir com carinho, conversar, dar conselhos, ser mais firme, pedir a ajuda da esposa para uma ação em conjunto. Todas são medidas que visam a um futuro promissor dos filhos, é a luta contra “o mundo”, na verdade contra o que ele significa.

Os segmentos discursivos *eu não quero que elas procurem cair no mundo [...] e [...] a gente anda muito amedrontado pelo que o mundo vem oferecendo* apresentam o emprego da palavra *mundo* como um eufemismo que o pai utiliza para marcar os vícios: droga, álcool; a gravidez indesejada e precoce; atos de roubo e vandalismo. É um acontecimento ruim, remete a ações erradas que, em outros segmentos, se apresentam diferentes dos preceitos estabelecidos por Deus. Tem-se, então, o que o *mundo* oferece e o que *Deus* quer. Vale lembrar que embora a palavra *mundo* esteja em 3ª. pessoa, ele não está distante, é sempre referenciado pelo *eu* discursivo, faz parte do lugar onde vive.

Importante também observar que no segmento *a gente anda muito amedrontado pelo que o mundo vem oferecendo*, o uso do *a gente* remete a 1ª. pessoa do plural – nós, e é trazido no discurso para afirmar que esta não é uma preocupação deste sujeito em especial, mas a comunidade também compartilha deste sentimento e é chamada para participar deste discurso.

Um dado importante a ser destacado é o posicionamento dos sujeitos quanto à criação das filhas, pois há uma grande preocupação com a gravidez na adolescência. Eles sabem que esse fato consolidado pode significar o fim de um futuro promissor, desejado por eles. Trazer o assunto da gravidez na adolescência para as conversas familiares é uma forma de prevenir futuros constrangimentos e decepções.

Nas entrevistas realizadas, apenas os pais de mulheres demonstraram esta preocupação, evidenciando que a criação dos filhos homens não atenta para a gravidez na adolescência. Para o homem fazer filhos é natural, tanto que o ditado popular: *amarre sua cabra que meu cabrito está solto* é comum nas famílias, reforçando a idéia de que o homem pode tudo, está livre da responsabilidade de se prevenir de uma gravidez indesejada, deixando

para a mulher o dever de se *defender*. A preocupação dos pais em relação aos filhos se volta eminentemente para os vícios de álcool e drogas.

O provérbio utilizado pode ser entendido como propõe Maingueneau (2008, p. 97) em duas instâncias, primeiro como um sujeito universal, depois como “eu” que faço uso de tal expediente discursivo, havendo assim uma polifonia. “[...] Por sua própria enunciação, o participador de um provérbio confere a si.- e a seu alocutário (seu “participatário” [...]) o estatuto de membro de uma comunidade [...]”, pois os membros de um comunidade cultural e lingüística que citam um provérbio, participam também da comunidade que lhe dá sustentação.

Significa dizer que a gravidez precoce é responsabilidade das meninas e de seus pais nessa comunidade, já que esse fato se apresenta como verdade garantida pelo provérbio - “sabedoria das nações”, ou seja, o fato não fica apenas na esfera lingüística, ultrapassa essa fronteira para se consagrar como verdade.¹¹

Outra referência importante feita pela 1ª. pessoa é o trabalho, sem o qual o padecimento é certo, pois só é possível sobreviver do trabalho, por isso no segmento: *Eu criei 12 filhos, procurei trabalhar pra não padecer* há importante registro dessa atividade que é uma das bases dessa comunidade.

Deve-se ressaltar que em 3 segmentos há o uso recorrente do verbo *procurar*, usado como intenção:

Eu procuro não ficar me embriagando pra mostrar bons exemplos; eu procuro ajudar na parte da educação e da religião; procurei trabalhar pra não padecer.

Esse verbo marca o esforço empreendido para se conseguir tais realizações, que necessariamente podem não surtir o efeito esperado. É possível perceber, ainda, que questões como educação e religião contam apenas com a ajuda deste sujeito. Esta marcação “*procuro*

¹¹ Esses são aspectos que ajudam a entender essa construção social em que as jovens, mesmo sabendo da dificuldade da vida no interior, com pouco estudo, reproduzam a vida de suas mães, de suas avós na luta diária, na vida dura do trabalho braçal. Na questão da gravidez das jovens-meninas, as meninas têm um caminho com poucas escolhas: estudar e trabalhar em Maués ou Manaus ou engravidar cedo e construir sua vida junto com seu companheiro, sendo este último a trilha mais seguida.

Da projeção de futuro dos pais presente no discurso para a realidade social observada ainda há uma grande distância, pois as jovens cedo engravidam, param de estudar, seguem o companheiro e se submetem a diversas humilhações: moram nas casas dos sogros, algumas não são mais reconhecidas pela própria família. A partir desse ato, as jovens, de 14, 15 anos começam cedo a construir sua vida junto ao companheiro e do filho, constroem sua casa e dão continuidade na vida, normalmente tendo filhos em seqüência, reproduzindo a vida de seus pais. Aquelas que não têm os filhos reconhecidos pelo companheiro sofrem ainda mais, pois ficam na casa dos pais a ouvir suas insatisfações e são vistas como “aquela que errou” e por isso precisa ser castigada.

ajudar” evidencia que estes campos: educação e religião não detém sua total atenção. Em outros segmentos o **eu** enfatiza suas ações:

Eu ralho, eu uso da ignorância, converso, não quero, eu criei.

Essa diferença entre o que se afirma e o que se intenciona mostra que existem ações melhores definidas no papel social do sujeito discursivo, que neste caso se voltam para as conversas, os ralhos. Do outro lado, pretende-se que o exemplo, a educação, a religião e o trabalho também possam ser ações que tragam ensinamentos aos filhos.

Basicamente, a 1ª. pessoa do discurso extraído de segmentos discursivos de homens, pode ser resumida em ações: conversas, conselhos, ralhos, e, intenções: dar exemplo para servir de ensinamento: não se embriagar, ajudar na educação, religião e trabalhar.

Passando a análise da construção da 1ª. pessoa nos segmentos discursivos das mulheres é possível identificar o posicionamento discursivo que elas assumem em relação à criação dos filhos, ao papel que desempenham na família e na própria organização social da comunidade Laguinho Nossa Senhora do Carmo. O quadro 3 apresenta alguns segmentos discursivos referentes a construção da 1ª. pessoa.

1ª. PESSOA – MULHER
[...] eu só estudei até a 8ª. série e nem terminei, até agora é só este estudo que eu tenho. [...] essa é a herança que eu vou deixar pra vocês.
[...] mas o L. trabalha mais que eu, até o trabalho que ele faz eu não faço.
Eu disse para o meu filho: agora tu já se formou [...] o que eu não quero é que tu tenha o mesmo trabalho que eu. Eu me esforço para vocês serem alguém na vida [...] é o que mais eu falo.
Eu fico meio aborrecida, eu dou uns puxões de orelha, às vezes eu falo até coisa que eu me arrependo, [...], mas aí eu volto atrás e converso [...] não era para eles fazerem aquilo que eu não gostei.
Eu chamo eles e converso. Eu não bato neles. Eu converso e digo que isso é muito feio [...]
Eu acho que do jeito que a gente tá vivendo hoje em dia [...]. Eu falo assim para os meus filhos [...].

Quadro 3: Construção da 1ª. pessoa a partir de segmentos discursivos das mulheres.

Fonte: Entrevista realizada com a comunidade Laguinho Nossa Senhora do Carmo – Maués/AM. Janeiro-2010

Os segmentos discursivos das mulheres referentes ao uso da 1ª. pessoa deixam ver uma mulher que fala de suas experiências e demonstra as dificuldades vividas por elas, como para servir de incentivo a uma nova prática dos filhos. O estudo é a principal fala das mulheres para os filhos, é o “esforço” demonstrado pelo sujeito **eu**. Ao apelar para a observação da sua prática, a mãe busca enfatizar pela demonstração da sua experiência, dos

percalços vividos, uma nova prática, acreditando que o exemplo fala mais que suas palavras, é capaz de regular as ações dos filhos¹², como pode ser entendido no segmento abaixo:

Eu disse para o meu filho: agora tu já se formou [...] o que eu não quero é que tu tenha o mesmo trabalho que eu. Eu me esforço para vocês serem alguém na vida [...] é o que mais eu falo.

Este segmento evidencia a preocupação de que os alocutários/filhos se envolvam com afinco nos estudos, indo além do ensino médio, pois é a saída apresentada pelo **eu** para ser alguém, como também foi afirmado nos segmentos discursivo dos homens, apresentado no quadro 2. De modo geral, a 1ª. pessoa (mulher) é uma voz que representa a fala do **eu** aos filhos. Tem-se então um caso de interdiscurso, uma fala que representa outra fala: “*eu disse*”, “*é o que mais eu falo*”, “*eu aviso*”.

De acordo com Charaudeau e Mangueneau (2008, p.286), quando isso acontece, está-se em relação multiforme com outros discursos, que na sua esfera restritiva mantém relação recíproca com outros discursos. Neste caso, o **eu** enfatiza a fala feita aos seus filhos - **eles**. Ao reproduzirem as falas na íntegra, evidenciam a importância do estudo e da formação do caráter dos filhos para ser uma boa pessoa. Nesta relação entre o enunciado de alguém e o contexto há um conjunto de vozes sociais (MEY, 2001), ampliando a compreensão do processo polifônico, dando forma ao discurso e prevendo a citação.

Quer dizer, se vozes sociais estão presentes em qualquer discurso é porque, de forma explícita ou não, um ato de fala pressupõe necessariamente não apenas a manifestação da voz do enunciatador¹³, mas também a inclusão dos ditos dos outros, que, de acordo com Amorim (2001), se manifesta através da citação que é própria do homem. “[...] Contar ou reproduzir a um terceiro o que me disseram e que eu mesma não vi é uma atividade estruturante de minha humanidade”. A citação é “estruturante de minha humanidade”, por isso, na citação – porque reproduz - realiza-se um dos processos de socialização do indivíduo.

Nos segmentos discursivos dos sujeitos exercendo o papel social de mãe, a reprodução dos dizeres aos filhos é recorrente. Acontece o que Bakhtin (2006, p. 150) afirma ser: “o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação”.

¹² Importante considerar que, como demonstrado anteriormente, em muitos casos, principalmente com as filhas mulheres, o investimento das mães da comunidade pesquisada ainda não lhes rende muitos resultados, pois cedo engravidam e saem de casa para construir sua família, abandonando o estudo.

¹³ Para Benveniste (2006) significa a pessoa que enuncia a instância presente de discurso que contém *eu*.

Os ecos presentes nestes segmentos discursivos: “*Eu falo assim*”, “*Eu disse para o meu filho*” são marcas reveladoras da relação que o **eu** mantém com seus filhos. Há uma representação do que outrora fora construído, sendo significativa a retomada de suas próprias falas como para lembrar que estão constantemente repetindo suas máximas do estudo e da formação do caráter. Caso os filhos queiram trilhar outro caminho fora do aconselhado e idealizado pelas mães, não será, como dizem elas próprias, *por falta de aviso*. Esse interdiscurso pode significar bem mais que reprodução de suas falas, pois:

Aquilo que nós falamos é apenas o conteúdo do discurso, o tema de nossas palavras. [...]. Mas o discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso, ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, “em pessoa”, como uma unidade integral da construção. [...]. O discurso citado é visto pelo falante como a enunciação de uma *outra* pessoa, completamente independente na origem, dotada de uma construção completa, e situada fora do contexto narrativo. É a partir dessa existência autônoma que o discurso de outrem passa para o contexto narrativo, conservando o seu conteúdo e ao menos rudimentos da sua integralidade lingüística e da sua autonomia estrutural primitiva. (BAKHTIN, 2006, P.150-151)

Neste caso, os sujeitos apresentam mais que o tema: estudo e construção de um bom caráter, eles entram no discurso, como afirma Bakhtin, “em pessoa”, ganhando vida, autonomia e reproduzindo suas falas. Esses sujeitos lingüísticos, no papel social de mãe precisam instaurar uma pessoa no discurso para demonstrar suas ações, não o fazem de forma direta, tratando apenas do tema em questão.

Por outro lado, na perspectiva de Bakhtin (2006, p.154), quem apreende a enunciação do outro não está mudo, sem palavra, é um ser que está repleto de palavras interiores. O discurso interior faz uma junção com o discurso apreendido do exterior. “A palavra vai à palavra”. Em relação aos segmentos analisados, eles não deixam ver o que os filhos respondem diante dessas falas. Há apenas um lado da palavra, o das mães.

Dijk (2008, p.59), referindo-se a alguns estudos de relação de poder, afirma que as mulheres costumam se deter mais nas conversas do que os homens, demonstrando um maior interesse nesse campo. Isso demonstra que a conversa é a forma encontrada para exercer sua função de mãe e de repassar os ensinamentos aos filhos, até mesmo de levá-los a executar os seus desejos.

Há outro ponto dos segmentos discursivos coletados nas entrevistas com as mulheres que merece destaque, é a ação diante do que consideram errado. No segmento:

Eu fico meio aborrecida, eu dou uns puxões de orelha, às vezes eu falo até coisa que eu me arrependo, [...], mas aí eu volto atrás e converso [...] não era para eles fazerem aquilo que eu não gostei.

A 1ª. pessoa demonstra aborrecimento num primeiro momento quando os filhos cometem atitudes que elas – mulheres - não concordam. Um desses segmentos aponta a prática de castigo físico, suavizada pela expressão *puxões de orelha*, não chega a ser uma ação de grande violência, pois logo aparece o arrependimento e a conversa. Essa prática parece ir em ascendência: puxão de orelha (aborrecimento), arrependimento, conversa. Já no segmento: *Eu chamo eles e converso. Eu não bato neles. Eu converso e digo que isso é muito feio [...]*, o **eu** discursivo revela o lado da conversa, mostrando-se contra a punição física¹⁴.

Analisando a 1ª. pessoa apresentada nos segmentos extraídos da entrevista com as mulheres, encontra-se um **eu** escondido em suas falas, em seus dizeres, em seus conselhos. As ações depreendidas estão voltadas, principalmente, para o estudo e são percebidas através das suas falas feitas em discurso direto, de forma predominante nos segmentos analisados. Podemos falar em discurso direto quando o narrador cita literalmente as palavras de outra pessoa sem interferir na maneira do interlocutor se pronunciar. No caso dos segmentos analisados, o **eu** cita suas próprias palavras. Isso faz com que a fala do sujeito seja transposta na forma que foi dita, na sua integridade lingüística.

O enunciado em discurso direto, no plano formal, é marcado, geralmente, pela presença de verbos, como: dizer, afirmar, ponderar, sugerir, perguntar, indagar ou expressões sinônimas, que podem introduzi-lo, arrematá-lo ou nele se inserir. No plano expressivo, o destaque da narração em discurso direto se dá, essencialmente, por sua capacidade de atualizar o episódio, já que faz emergir da situação o personagem, tornando-o vivo para o ouvinte, como se fosse uma cena teatral, em que o narrador desempenha a mera função de indicador das falas.

Por certo que o diálogo pretendido pelas mulheres é a forma de persuadir os filhos a executar ações que, usando os termos estabelecidos por Citelli (2005, p. 44-45), procuram “formar” ou “reformatar”. Entende-se por formar, a ação de estabelecer novas práticas, novos comportamentos, hábitos, atitudes, que neste caso indicam a prática do estudo, não seguido plenamente pelas mães. Há indícios também para “reformatar” comportamentos, hábitos, práticas, condutas que estejam fora dos padrões estabelecidos pela família e pela construção

¹⁴ Durante as entrevistas, uma das mulheres foi veemente quanto a bater nos filhos, isto porque, segundo ela, era uma atitude constante do seu pai quando ela era criança, por isso, não exerce tal prática.

social local. Para convencer os filhos das atitudes erradas, recorre-se principalmente, à conversa, mas também ao “puxão de orelha”.

Estabelecendo uma comparação entre os segmentos discursivos de homens e mulheres, é perceptível que eles se assemelham quando apresentam um **eu** que: se preocupa com o presente e com o futuro dos filhos e cuida para que nada possa interferir na construção de dias melhores. Analisando as duas vozes, fica clara a tensão social que se estabelece quando o assunto são os filhos, isto porque fatores como vícios em álcool e droga, violência, gravidez precoce, falta de postura adequada para conviver socialmente afastam os filhos do estudo, frustrando o sonho dos pais de verem seus filhos formados, num trabalho fruto do estudo. Para o homem e a mulher, se os filhos não estudarem, serão trabalhadores da terra e serão desprestigiados, sendo socialmente ninguém.

Quando a mãe fala: *o que eu não quero é que tu tenha o mesmo trabalho que eu. Eu me esforço para vocês serem alguém na vida*, demonstra que o trabalho que realiza a faz ser ninguém e por isso, suas conversas enfatizam o desejo de que os filhos trilhem o caminho do estudo para assim ter visibilidade.

Semelhante, ainda, é a marcação discursiva de um **eu** – homem ou mulher – que se considera ninguém, empreendendo esforços para que **eles** – filhos – sejam alguém através do estudo¹⁵.

Por outro lado, analisando a 1ª. pessoa apresentada nos segmentos discursivos do homem e da mulher, constata-se que a marca discursiva do homem é mais enfática, mais direta e demonstra uma posição firme, é um **eu** que dá exemplo, conversa, trata com carinho, “ralha”, pede desculpas, dá conselho, pede ajuda, não quer que os filhos “caiam no mundo”, fica se maldizendo. Dijk (2008, p. 59) afirma que:

Os pais também podem controlar o comportamento da criança de forma mais direta, por exemplo, reprimindo, ameaçando, dirigindo ou corrigindo as crianças nas conversas. Formas mais indiretas de controle de ação na conversa entre pais e filhos podem aparecer na forma de conselhos, pedidos ou induções por meio de promessas.

No segmento que representa o **eu** discursivo dos homens há dois posicionamentos: o primeiro que demonstra a intenção através do verbo “procurar”. Neste caso, o **eu** investe em exemplos para ser seguido. A segunda posição se mostra através de verbos no presente do indicativo, enfatizando suas ações, assegurando que de fato elas acontecem.

¹⁵ Na comunidade pesquisada, os moradores falam com orgulho de alguns alunos, contam 3 pessoas, 2 moças e 1 rapaz, que investiram nos estudos, saíram da comunidade para em Maués concluir o Ensino Médio.

Podemos afirmar que esse discurso enfático dos homens, construído de forma clara e direta remete ao um discurso persuasivo e autoritário, já que segundo Citelli (2005, p. 53): “a voz do enunciador é mais forte do que os próprios elementos enunciados”, deixando traços como o uso do imperativo, a mensagem mais claramente afirmada, como já se destacou quando se fez a análise dos segmentos discursivos dos homens. Outro dado importante que leva ao entendimento do discurso dos homens como um discurso autoritário é a ausência da conversa, do diálogo. É como se o “eu” falasse a um “tu” com pouca chance de interferir e modificar o que foi dito. (CITELLI, 2005, p. 52).

Ainda nesta vertente, a preocupação dos pais com a questão da gravidez na adolescência só existe quando estes têm filhas, o que demonstra um discurso conservador, defendendo a manutenção de uma tradição machista de que gravidez é um problema apenas das mulheres, os homens estão isentos dessa responsabilidade. Essa idéia vem sendo combatida ao longo do tempo, porém não se mostra ultrapassada e ainda faz parte da ordem estabelecida neste local. Vale a pena rever o segmento do pai a esse respeito:

*eu não quero que **elas** procurem cair no mundo. A maioria da juventude se entregam, **pegam filho** cedo e perdem a liberdade [...].*

Já o **eu** discursivo das mulheres demonstra mais as suas falas aos filhos, sua opinião, como em: *eu acho, eu falo assim, eu disse*. O discurso direto utilizado pelas mulheres, de um lado, esconde suas opiniões, suas ações, diminui a sua presença nas ações. Se comparado aos segmentos dos homens, aparece um **eu** que apenas conversa. Para Maingueneau (2001), o discurso direto não pretende eximir o enunciador de qualquer responsabilidade, mas simula restituir as falas citadas, tendo como característica a separação das duas situações de enunciação: a do discurso citante e a do discurso citado.

Por outro lado, os elementos afetivos e subjetivos da linguagem estão presentes no discurso direto, tendo em vista que é a própria língua falada, a própria oralidade que se transcreve. Isto faz com que este recurso seja muito rico em dados de situação: é o discurso feito no presente que incorpora as circunstâncias do ato verbal, tornando vivo o relato através da expressão real do falante.

Em outros segmentos coletados nas entrevistas das mulheres, o **eu** se mostra como um exemplo, que não é para ser seguido: *eu só estudei até a 8ª série [...]*. Certamente, esse dizer representa para o filho uma insuficiência, pois este estudo não permitiu à mãe uma vida de trabalho melhor remunerado ou reconhecido. Tanto que o segmento seguinte demonstra certa

autoridade: *eu não quero é que tu tenha o mesmo trabalho que eu, eu me esforço para vocês serem alguém na vida*. Esse embate entre ser alguém, no discurso, aparece como possibilidade para aqueles que estudam.

Esse dizer recorrente do *ser alguém na vida* demonstra a inferioridade desses sujeitos, claramente relacionada à sua condição social, sem ou com pouco estudo, com dificuldades financeiras. Essa oposição alguém X ninguém está muito presente no discurso dos sujeitos da comunidade, sendo significativo, pois embora do ponto de vista gramatical os dois sejam indefinidos e indiquem que são todas as pessoas ou nenhuma, do ponto de vista semântico, o pronome indefinido “alguém” pode denotar uma pessoa importante, digna de consideração, uma pessoa de condição; enquanto o indefinido “ninguém”, pode ser usado para designar pessoa de pouca ou nenhuma importância ou influência.

Manifestamente, esses sujeitos/homens e mulheres se apresentam como “ninguém”, estão escondidos em seu trabalho não reconhecido econômica e socialmente, em sua condição econômica instável, em seu espaço rural distante dos grandes centros urbanos, em um conhecimento grandioso, mas apenas fruto de suas práticas, sem estudo. Esse sentimento de inferioridade pode ser explicado por Santos Boaventura (2008) quando trata de uma das formas da não-existência “produzida sob a forma de inferioridade insuperável porque natural. Quem é inferior, porque é insuperavelmente inferior, não pode ser uma alternativa credível a quem é superior”.

Parece mesmo que ser “ninguém” é natural para esses sujeitos, pois não reclamam a eles o direito de se tornar “alguém”, é como se suas vidas já estivessem consolidadas, o que lhes resta é empreender esforços para que seus filhos adquiram esse *status* pelo trabalho e, principalmente, pelo estudo.

Homem e mulher procuram um espaço de visibilidade para os filhos, uma das formas de conseguir isso é educar pelo exemplo. No caso do pai, ele não faz a ação para que seus filhos também não façam; no caso da mulher, ela demonstra sua vida, todas as dificuldades vividas que ela não quer que os filhos sigam.

Para se ter uma concepção mais ampla do que esse dado representa, faz-se necessário seguir a trilha discursiva deixada por ele, que remete a um discurso conservador. Ora, o homem deve ser seguido por suas atitudes corretas, ele procura não errar para assim ser o exemplo. De modo inverso, as mulheres apontam seus erros, confessam-no e se mostram como exemplo para não ser seguido. Essa diferença, aparentemente sutil, pode ser a revelação de que homens e mulheres exercem papéis sociais diferentes na constituição da família e remete a idéia de superioridade do homem. Epstein (1993, p. 101), afirma: “[...] podemos [...]

adicionar que do “verdadeiro” homem são esperados firmeza de caráter, cumprimento das obrigações assumidas, e da palavra dada, seriedade, enfim, atributos de um caráter transparente e, portanto, unívoco¹⁶”.

Assim, certamente quando este homem se apresenta como exemplo de integridade e correção a ser seguido, faz uso do que Epstein (1993) denomina como código Forte¹⁷, contrapondo-se à fala das mulheres que também se apresentam como exemplo, porém para não ser seguido, deixando ver o lado da equivocidade, usando o código fraco, também proposto pelo autor.

Esse dado que remete a uma única ação de homens e mulheres na criação dos filhos, toma caminhos diferentes. Semanticamente, tem-se o homem como a estrada pela qual se deve passar e a mulher como um caminho que deve ser evitado.

Os dois, também, investem em conversa com os filhos, segundo os segmentos analisados, porém os homens afirmam essa ação enquanto as mulheres demonstram através do discurso direto usado em suas falas. Há uma maior evidencia de diálogo nas construções das mulheres, o que aparece como diferencial de outros tempos, quando havia mais imposição, como percebido no segmento de uma mulher:

Naquele tempo a gente atendia o que os pais diziam, o que eles falassem era aquilo mesmo. Hoje a gente diz uma coisa o filho diz outra. Aqui em casa tem vez que tá tipo uma novela aí. O que o filho não sabe, a gente orienta e eles também podem dizer coisa pra gente saber como é, como não é.

Há um reconhecimento, na fala da mulher, de que os pais não são os únicos com conhecimento para passar, há possibilidades de aprender com o que o filho tem a dizer. O diálogo, demonstrado pela expressão *tipo uma novela* é mais constante entre os pais e filhos nessa geração que na geração dos pais, de acordo com o segmento.

Apesar da conversa estar presente na vida de homens e mulheres, ainda se recorre “aos puxões de orelha”, aos dizeres que causam o arrependimento. Isso pode ser visto no **eu** discursivo presente nos segmentos discursivos das mulheres que marca as ações delas diante

¹⁶ “As línguas naturais se prestam a múltiplos usos. Nelas podemos distinguir desde alguns nitidamente unívocos (C_F), os usos denotativos como, por exemplo, as instruções para manipulação de uma máquina ou aparelho, até as equivocidades de poema ou de um trocadilho. No imenso contínuo de código das línguas naturais poderemos então distinguir, principalmente do ponto de vista semântico, usos mais ou menos Fortes ou Fracos. Do ponto de vista da sintaxe as línguas naturais abrigam regras mais estáveis; neste aspecto gramatical, estas línguas podem ser consideradas mais unívocas (código Forte) do que do ponto de vista semântico” (EPSTEIN, 1993, P. 92).

¹⁷ “‘Forte’ designa, na ‘Gramática’, a univocidade e ‘fraco’, a ambigüidade e equivocidade”. (EPSTEIN, 1993, P. 91).

do que supõem como erro dos filhos, são dizeres que mostram uma divisão: ficar aborrecida, dar puxões de orelha, falar coisas das quais se arrependem e, conversar, não bater.

Embora o **eu** da mulher não demonstre o diálogo com o marido, não deixe ver um **eu** conciliador que envolve todos da família para discutir os seus problemas, a maioria dos entrevistados afirmou haver participação efetiva de todos da família nas decisões importantes. Esse fato pode também demonstrar que, de fato, as mulheres se sentem afastadas dos processos de decisão, como será analisado mais a frente.

Podemos depreender dos segmentos analisados por homem e mulher que a família se constitui como uma instância simultaneamente regulada e reguladora, já que nela se produzem e reproduzem concepções ideológicas internalizadas por seus membros em suas práticas sociais intra e extra domiciliares.

A figura do Pai, em esfera micro, busca disciplinar a conduta dos filhos como o faz o Estado com seus cidadãos; em esfera macro, estabelece uma relação em que ambas as esferas se alimentam mutuamente ao internalizar valores ideológicos disseminados discursivamente, que se manifestam quando somente os pais de meninas se preocupam com a gravidez precoce, quando o pai se apresenta como exemplo a ser seguido, quando o discurso dos homens aparece dominado por verbos que demonstram ações.

A imagem da mulher alude a um ser de conversas, que busca romper o ciclo estabelecido para elas, não quer que os filhos, destituídos de perspectivas, reproduzam suas falhas. Seu esforço é uma luta contra um modelo materno de trabalho duro, de muitos filhos e pouco estudo. É uma mulher que faz da sua vida um exemplo para não ser seguido, que discursivamente se apresenta através do discurso direto, o que leva ao entendimento que os homens agem e elas conversam.

Pode-se verificar um discurso familiar tradicional que serve como indicativo de que as formas de organizações familiares estruturadas nesta localidade estão sob a égide da desigualdade de gênero, resultado de uma cultura de dominação masculina para moldar os comportamentos dos sujeitos. Importante frisar que as próprias mulheres, em determinados aspectos, ajudam a manter esse tom tradicional, pois elas mesmas reforçam a idéia de que os homens devem trabalhar para o sustento da família, sendo delas a responsabilidade da educação dos filhos e o cuidado com a casa, creditando o trabalho ao homem, como pode ser visto no segmento: [...] *mas o L. trabalha mais que eu, até o trabalho que ele faz eu não faço*; também entendem que a gravidez é um problema da mulher, é ela quem deve, nas suas palavras *se defender*.

De modo geral, a historiografia tem retratado as mulheres rurais brasileiras como subordinadas. Elas passavam direto da autoridade dos pais e dos irmãos para a dos maridos e dos filhos mais velhos. Entrava em evidência o que estava oculto ou invisível, descortinavam “os efeitos perversos de uma organização social, na qual os lugares e as atividades dos indivíduos são naturalizados e hierarquizados segundo o pertencimento a um sexo ou outro” (DESCARRIES, 2000, p. 11).

Orlandi (2003, p. 30) sugere que “os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos”. Assim, esses discursos refletem as representações sociais construídas ao longo do tempo a cerca desses sujeitos, homens e mulheres na constituição de pai e mãe e deixam ver um **eu** de ações, exemplos, conversas, trabalho, porém também demonstram desigualdade nos papéis desempenhados por homens e mulheres.

2. 2 Construção da 3ª. pessoa: a não-pessoa no discurso

A marca da 3ª. pessoa no discurso dos homens e mulheres na comunidade rural deixará ver suas referências em relação à família, que embora escapem a relação de subjetividade, predicam aqueles que estão fora da relação de subjetividade **eu/tu** e que discursivamente aparecem denominados em 3ª. pessoa. Como já visto antes, a construção da 1ª. pessoa marca a subjetividade, já a 3ª. pessoa se mostra com a função de exprimir a “não pessoa”, tendo em vista que pode exprimir vários sujeitos ou mesmo nenhum.

Por outro lado, há entre o **eu** e o **tu** uma relação de inversão, mas na 3ª. pessoa não é possível tal acontecimento porque “não designa nada nem ninguém”, referencia um objeto ou alguém colocado fora da alocação (BENVENISTE, 2005, P. 253). De fato, a pessoa restrita **eu-tu** cria a subjetividade, ao passo que a 3ª. pessoa remete não a ele mesmo, mas a uma situação “objetiva”, capaz de predicar *não importa quem, não importa o que* (2005, p. 282) [grifo do autor]. Isso pode demonstrar que, seja pela natureza ou pela função, a 3ª. pessoa é totalmente diferente do **eu-tu**.

Este mecanismo sintático pode nos mostrar que as pessoas do discurso, segundo Benveniste, não têm o mesmo estatuto, são vozes diferentes que saem do mesmo discurso, mas que trazem distinção de pessoas. Tomando esta teoria como base, o quadro 4 pode apresentar a percepção lingüística dos homens, na condição de pais, demonstrando tanto seus

posicionamentos em relação à criação dos filhos quanto seus sonhos – de pai – em relação ao futuro e pode dar também uma visão dos segmentos discursivos referindo-se a 3ª. pessoa.

3ª. PESSOA – HOMEM
Elas procurem cair no mundo. A maioria da juventude se entregam, pegam filho cedo e perdem a liberdade [...].
Converso bastante para que elas não venham a estar se envolvendo com nenhum tipo de drogas [...].
[...] elas possam seguir um sonho [...], que elas sejam alguém na vida, o que vai servir pra elas mesmas.
[...] desculpas a elas e depois eu vou conversar com elas.
A gente tem muito a agradecer a Deus, né? Dia de domingo participar da reza, é coisa importante pra gente, né? Agradecer aquilo que Deus dá pra gente.
Converso mais é a respeito da educação e religião. Pra que elas não venham a tá se envolvendo com nenhum tipo de drogas. Convido bastante elas pra nós está indo na reza, ir no culto. A gente anda muito amedrontado pelo que o mundo vem oferecendo.
Algumas pessoas que saíram do interior e souberam se comportar tiveram uma vida melhor. Algumas pessoas que antes trabalhavam demais, estavam torrando farinha, acabava, ia botar uma malhadeira. De noite, principalmente a gente que é homem, trabalha o dia inteiro e de noite tem que tá procurando comida. Algumas pessoas que foram pra cidade, trabalham só durante o dia.
A dificuldade é que nós temos que contar só com a gente mesmo. Muitas pessoas trabalham só com os braços, não com a mente, ai é preciso trabalhar coma mente senão morre como tatu, só cavando.

Quadro 4: Construção da 3ª. pessoa a partir de segmentos discursivos dos homens.

Fonte: Entrevista realizada com a comunidade Laguinho Nossa Senhora do Carmo – Maués/AM. Janeiro/2010.

O quadro 4 demonstra a voz dos pais que reafirmam outras vozes de sujeitos que são pais de família e também afirmam: *não quero que meus filhos tenham a vida que eu tenho*”, *“quero que elas sejam alguém na vida*. As marcas lingüísticas deixadas neste enunciado aparecem no discurso do pai quando se refere às filhas, diretamente através do pronome *elas* e, quando se refere à *maioria da juventude*, já não envolve diretamente as filhas, mas generaliza, envolvendo um grupo, especificamente dos jovens, os quais não quer que:

[...] elas procurem cair no mundo. A maioria da juventude se entregam, pegam filho cedo e perdem a liberdade [...]”.

De acordo com o quadro 4, a 3ª. pessoa do discurso - “elas” - não deve cair no mundo, o que significa que não deve engravidar cedo, nem se envolver com drogas e deve ser *alguém na vida*. Esse dizer foi recorrente no discurso depreendido nas entrevistas realizadas na comunidade, significando que devem estudar, pois só assim conseguirão uma profissão para serem vistos, já que os pais demonstram, discursivamente, que não são vistos, não são reconhecidos.

A referência – **elas e alguém** – feita em 3ª. pessoa estabelece uma relação que se apresenta no discurso como vontade do pai, mas, socialmente, indica que apesar de algumas mudanças sociais e econômicas na vida do agricultor desta localidade, de alguns bens advindo do trabalho, o sujeito dessa comunidade ainda se sente invisível, seja aos olhos do poder público, seja aos olhos daqueles que consideram *alguém*. Para Boaventura (2008, p. 104), este sentimento é o reflexo da não-existência produzida por diferenças estabelecidas entre o particular e o local. “As entidades ou realidades definidas como particulares ou locais estão aprisionadas em escalas que as incapacitam de serem alternativas credíveis ao que existe de modo universal ou global”.

Importante frisar que essa é uma expressão recorrente tanto nos dados coletados, quando nas conversas informais. Se discursivamente a 3ª. pessoa “alguém” está presente repetidamente, como possibilidade para os filhos, é porque socialmente esse sujeito se sente marginalizado. É, na verdade, um ciclo de dificuldades: trabalho braçal, remuneração injusta, desconhecimento de leis, pouca leitura e escrita (pouco estudo), que os faz ser invisíveis e os faz querer um futuro de luz, de visibilidade para seus filhos.

Os pais sabem que só conseguirão realizar este desejo através do estudo. Esses homens se colocam na posição de sujeitos que constroem o presente e almejam um futuro com mais visibilidade e realizações materiais, que permitam, como quer Boaventura (2008, p. 115) “revelar a diversidade e multiplicidade das práticas sociais”, de forma a dar crédito a essas práticas hegemônicas.

Os filhos, a juventude, o mundo, alguém são as referências da 3ª. pessoa inscritas nos segmentos analisados, demonstrando que sua preocupação com os filhos está para além dos problemas centrados na construção dos valores e caráter, ampliam-se quando entende que *o mundo* pode levar embora a chance de *ser alguém*. Parece um grande combate: de um lado estão os filhos, no centro do ringue, instruídos por seus pais, contra o grande inimigo, o mundo. Juntos lutam para conquistar o prêmio máximo: ser alguém.

Um dos segmentos apresenta uma suposta vida na cidade bem melhor que a da zona rural, como pode ser visto em:

Algumas pessoas que saíram do interior e souberam se comportar tiveram uma vida melhor. Algumas pessoas que antes trabalhavam demais, estavam torrando farinha, acabava, ia botar uma malhadeira. De noite, principalmente, a gente que é homem, trabalha o dia inteiro e de noite tem que tá procurando comida. Algumas pessoas que foram pra cidade, trabalham só durante o dia.

“Algumas pessoas” referenciadas em 3ª. pessoa, são os exemplos de supostos conhecidos que conseguiram construir uma vida na cidade, que, na indicação dos sujeitos da comunidade rural, é melhor porque lá se trabalha menos, somente durante o dia, em um serviço menos pesado. Importante observar que o pronome “algumas” acompanhando “pessoas”, causa indefinição e apresenta certa insegurança do próprio sujeito quanto à existência dessa vida ou dessas pessoas. Ou, ainda, pode encobrir as dificuldades da vida na cidade, a sua própria insegurança de que essa vida seja de fato possível para eles.

Em outro segmento, temos novamente a 3ª. pessoa representada pela palavra *pessoas*, apresentando uma nova perspectiva de trabalho que pode dar certo e ser menos pesado, mais organizado e mais planejado.

A dificuldade é que nós temos que contar só com a gente mesmo. Muitas pessoas trabalham só com os braços, não com a mente, aí é preciso trabalhar com a mente senão morre como tatu, só cavando.

Há, neste segmento, a referência feita à palavra *pessoas*, novamente acompanhada pelo pronome indefinido *muitas*. Neste caso, além da indefinição, apresenta a idéia de grande número. No segmento: *pessoas que trabalham só com os braços*, percebe-se que não é possível apenas trabalhar com os braços, é preciso também trabalhar *com a mente* e se há muitas pessoas fazendo apenas o trabalho braçal, talvez seja por isso que se sintam insatisfeitos, quem sabe, sintam-se mesmo como o tatu, apenas cavando, sem conseguir se beneficiar do trabalho. Essa expressão pode levar ao entendimento de que há uma nova perspectiva de trabalho, que seja melhor planejada, para que possa trazer mais benefícios. Nota-se uma abertura para um trabalho que seja menos cansativo e mais lucrativo.

Se a 3ª. pessoa, como propõe Benveniste, é impessoal, o que dizer do uso dos pronomes *algumas e muitas* que acompanhou a palavra *pessoas*, também indefinida? Essas referências feitas em 3ª. pessoa no discurso dos homens, confirmam a insegurança quanto à possibilidade de uma vida melhor em outro lugar, de um trabalho mais organizado e lucrativo.

Continuando a construção da 3ª. pessoa no discurso da comunidade, pode-se visualizar o quadro 5, no qual se apresentam os segmentos discursivos das mulheres entendidos por Benveniste como impessoal, não agente, aquele de quem **eu** e **tu** falam.

3ª. PESSOA – MULHER
Tarefa mais difícil que eu acho [...] quando eles eram criança que eles adoecem, e é mais a gente mesmo que é mãe que passa as noites até em claro. Em todos os serviços é ela mais que age, né?
Educar eles pra não dar trabalho mais tarde. Educar na catequese, nas coisas de Deus, nas coisas que seja de bom pra eles.
[...]. Eu falo assim para os meus filhos que é muito feio uma mulher bêbada e o homem também, tanto faz um como o outro. [...]. Se ele vai sair: olha, cuidado, não vai te envolver com aquelas pessoas que fumam, que bebam.
[...] mas tu ainda tem um longo caminho para percorrer para ser alguém na vida.
Vocês não façam eu me aborrecer, porque não tem uma mãe e um pai que queiram o mal dos seus filhos, mas eles daqui pra li se metem onde não deve.
Trabalhar pra criar os filhos, nós [mães] somos mais preocupadas com os filhos, quando ele sai com tio eu fico pensando: tomara que nada aconteça.
Eu chamo eles e converso. Eu não bato neles. Eu converso e digo que isso é muito feio pra vocês, não presta fazer isso porque assim as pessoas não vão gostar da gente. [...] mas aqui mesmo tem jovem que é meio ruim até de conviver, sabia? Não respeita a gente, aí fica difícil.
Aqui em casa, tem várias que é nós dois, mas tem vezes que é só um. Eu falo pro L. fazer de um jeito, aí ele diz: não dá certo. Então eu digo: faz do jeito que tu quiser. Ai foi ele que tomou a decisão.
Quando quer decidir alguma coisa primeiro é eu e o marido, depois a gente chama eles e diz: a gente vai fazer tal coisa.
A comunidade é devagar. Poderia ser as autoridades que ganham ajudasse poderia ser melhor. Tem comunidade bem desenvolvida porque as autoridades ajudam. Só melhora se tiver alguém do nosso rio pra cutucar neles, senão não adianta.

Quadro 5: Construção da 3ª. pessoa a partir de segmentos discursivos das mulheres.

Fonte: Entrevista realizada com a comunidade Laguinho Nossa Senhora do Carmo – Maués/AM. Janeiro/2010.

A construção da 3ª. pessoa no segmento discursivo da mulher se refere principalmente aos filhos, alvo de suas preocupações quanto à educação, aos valores e aos princípios católicos. **Eles** precisam também de seus cuidados, pois trazem inquietações quanto ao presente e quanto ao futuro, por isso, conversas e divisão do trabalho podem ser significativas. Essas marcas discursivas fazem construir a hipótese de que essa voz em perspectiva caracteriza uma necessidade de reforçar/marcas que **eles**, os filhos, movem as falas e, de certa forma, as ações das mulheres desta comunidade rural.

Nos segmentos discursivos que fazem referência ao marido, a inscrição de vozes do **ele** age a partir de duas perspectivas: sem levar em conta a opinião da mulher, demonstrando a exclusão dela do processo de decisão: *Ai foi ele que tomou a decisão*; e outra que se contrapõe a 1ª., demonstrando inclusão: *primeiro é eu e o marido*.

Outra referência feita na 3ª. pessoa remete à própria mulher, quando diz:

Em todos os serviços é ela mais que age, né?, porque não tem uma mãe e um pai que queiram o mal dos seus filhos.

Mais que falar a respeito de si mesma, o uso da 3ª. pessoa indica as ações realizadas por ela, dando ênfase ao seu papel social e às suas perspectivas. Neste ponto, a 3ª. pessoa *ela mais que age*, apresenta um desencontro com o segmento apresentado: *Ai foi ele que tomou a decisão*, pois temos um **ela** que age e um **ele** que toma as decisões.

Esta contradição discursiva se amplia mais quando se compara aos dados analisados anteriormente na construção da 1ª. pessoa, quando a mulher se reconhece como coadjuvante e o homem como trabalhador, aquele que “pega no pesado”.

No concernente às atividades desenvolvidas pelas mulheres trabalhadoras rurais, diferentes autores, dentre eles Bourdieu (1998), constatam o entendimento de que os homens da família são responsáveis pelo trabalho “pesado”, enquanto as mulheres são responsáveis pelo trabalho “leve” como cuidar da casa, dos filhos, do quintal e “ajudar no trabalho no campo”. Tal visão se encontra cristalizada no senso comum e aparece neste segmento do sujeito sob a ótica da mulher que se desdobra e age em vários segmentos sociais locais, enquanto o homem faz um trabalho exclusivo, próprio para ele, que ninguém mais faz.

Constata-se que ainda prevalece o “velho discurso” de valorização social do homem e do seu papel, fazendo parecer natural a subordinação e secundarização da mulher¹⁸ (CÂNDIDO, 2009). Retomando o segmento:

Aqui em casa, tem várias que é nós dois, mas tem vezes que é só um. Eu falo pro L. fazer de um jeito, aí ele diz: não dá certo. Então eu digo: faz do jeito que tu quiser. Ai foi ele que tomou a decisão.

Dois aspectos merecem ser destacados: o primeiro, a construção do discurso feita, em parte, em discurso direto. Há, inicialmente, uma conversa entre homem e mulher, em uma relação de subjetividade estabelecida pelos pronomes **eu-tu**, como propõe Benveniste (2005). Supostamente ele pergunta sua opinião ou ela demonstra como acredita que tal situação deva ser resolvida, ele toma a palavra e diz que não dá para ser feito assim, ela, de posse da palavra, dá a ele a responsabilidade da decisão e da ação. Rapidamente, o discurso direto se encerra, o segmento retoma a impessoalidade, marca da 3ª. pessoa, para dizer: *Ai foi ele que tomou a decisão*.

¹⁸ É perceptível que mesmo desempenhando atividades de caráter econômico, como o trabalho com a produção do guaraná e da farinha, as mulheres ainda acumulam as tarefas de caráter reprodutivo e social, tendo, portanto, a sobrecarga de tarefas, como demonstra o segmento analisado.

O movimento rápido da conversa para a narração leva ao segundo aspecto relevante deste segmento, qual seja: superficialmente, apresenta uma mulher que se distancia das decisões, que abre mão da sua convicção, que se isenta da responsabilidade, que silencia; analisando mais aprofundadamente, a mulher se dispõe a dialogar, busca um consenso nas decisões, mas diante da força da palavra masculina: *não dá certo*, ela se vê sem argumentos para continuar a discussão. Entende que estes não serão suficientes para convencê-lo, por isso se retira rapidamente da conversa para se tornar não-pessoa (3ª. pessoa). O passo seguinte é dar a quem de direito o poder de decisão, a ele. Bakhtin (2010, p. 294) situa os enunciados investidos de autoridade, apresentando-os como expressão da posição valorativa de alguém dotado de autoridade, nas suas palavras:

Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom [...] nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem. Em cada época e em todos os campos da vida e da atividade, existem determinadas tradições, expressas e conservadas em vestes verbalizadas: em obras, enunciados, sentenças, etc. Sempre existem essas ou aquelas idéias determinantes dos ‘senhores do pensamento’ de uma época verbalmente expressas [...].

Quando o homem toma para si a responsabilidade de fazer, de agir, de tomar as decisões, o faz a partir de determinadas regras impostas histórica e socialmente. Por outro lado, quando a mulher abre mão da sua posição, também o faz obedecendo aos comandos reforçados ao longo do tempo de divisão entre homens e mulheres e superioridade do homem.

Analisando este segmento pelo viés do silêncio, quando esta abre mão da palavra e do direito de apresentar propostas, quando faz um recorte do dizer e opta por mostrar uma coisa e esconder outra, toma uma decisão e dá a essa ação uma conotação política. Orlandi afirma que a política do silêncio esconde sempre outros dizeres, outros sentidos. O que a autora evidencia é que o silêncio não é o vazio, não é o nada. Nas suas palavras: “O silêncio é preche de sentidos. Ao tratar o silêncio de modo a incluí-lo na perspectiva analítica do discurso, não pensamos o silêncio místico, nem o silêncio empírico, mas o silêncio que tem sua materialidade definida pela relação estabelecida entre dizer e não dizer”. (<http://comciencia.br/>)

Dando continuidade a análise, em outro segmento, há uma marcação da 3ª. pessoa que remete a um distanciamento, a um afastamento. Tais situações discursivas aparecem normalmente para apontar pessoas que não devem ser seguidas, pois

É muito feio uma mulher bêbada e o homem também, olha, cuidado, não vai te envolver com aquelas pessoas que fumam, que bebam.

Essa marca da não pessoa não está definida, são homens e mulheres quaisquer que fumam e bebem e por isso não podem servir de companhia aos filhos.

O jovem da comunidade com quem o relacionamento é difícil assume, ainda, a marca da não pessoa, embora haja uma marcação espacial restringindo essa pessoa ao “aqui”. Remete, também, a pessoas que podem ou não gostar das ações realizadas pelos filhos. De certa forma, o segmento *porque assim as pessoas não vão gostar da gente* demonstra uma necessidade de aceitação das pessoas, em uma demonstração de que não se age isoladamente, há um grupo que pode validar as ações ou negá-las.

Esse dado mostra que as ações da família são reguladas por leis estabelecidas pela comunidade, ainda que inconscientemente. A conduta familiar é avaliada e julgada por esta comunidade local a quem as famílias, de certa forma, devem prestar contas.

Há, ainda, uma 3ª. pessoa que remete a *Deus*, força que durante a entrevista aparece recorrentemente como sendo fundamental para a organização da comunidade: *educar na catequese, nas coisas de Deus*¹⁹.

No decorrer das entrevistas, das conversas com os sujeitos da comunidade ficou evidente a recorrência destes a Deus, ora como sendo o único a lhes auxiliar, já que, segundo os dados, não podem contar com o poder público, em especial a Prefeitura; ora como sendo o ser que providencia aquilo que precisam, que organiza suas vidas para terem sucesso. Essa recorrência a não-pessoa Deus pode ser explicada por dois vieses: o político e o histórico.

Na questão histórica, o contexto de fala do sujeito, a cidade de Maués, remete a uma tradição da religião católica, iniciada pelos Jesuítas e consolidada pelos Carmelitas. Esse traço histórico cria uma relação intensa entre os sujeitos e a igreja. Silva (2004, p. 116-118) enfatiza que o próprio processo de colonização da Amazônia contou com a ação da igreja católica, com interesses não apenas de servir a Deus, mas de ganhar poder político e conseqüentemente, econômico. Nas palavras da autora:

¹⁹ Para analisar essa relação da 3ª. pessoa que se refere a Deus é preciso ir além dos dados da entrevista, pois essa referência também é recorrente, tanto nos dados, quanto nas conversas. Para os sujeitos da comunidade, Deus e os homens que ali residem é que fazem acontecer. Todas as conquistas se devem a um empenho particular de cada família, já que, nessa comunidade, não há nenhuma associação de moradores ou cooperativa. Cada família se organiza individualmente para o trabalho e conta com a participação de seus vizinhos em alguns trabalhos que são pagos em diária ou feito em sistema de trocas. Há um reconhecimento que outras comunidades contam com o apoio de organizações como cooperativas que auxiliam os agricultores e tornam o trabalho mais produtivo, porém, para eles, isso só é possível se os sujeitos fossem mais ativos. Deus se põe para eles como o salvador, aquele ser com poderes para auxiliar nos momentos de dificuldade.

Comum a todos os grupos religiosos é o papel pedagógico de transmitir a fé católica na função de organizadores dos núcleos populacionais, de conversão dos índios, de mediar a relação entre brancos e índios [...]. Comum a todos os grupos religiosos é o sentido político que as ações missionárias passam a ter para a igreja e para o Estado colonial [...]. Comum a todos os grupos religiosos é a ambigüidade do trabalho dito apostólico que se propunha a conquista de almas, mas se dispunha a conquistar braços escravos [...].

As informações apresentadas na citação auxiliam a entender a referência a Deus, feita pela comunidade, para além da fé. Embora a autora se refira ao período de colonização, muitos destes papéis atribuídos à igreja ainda podem ser vistos, quando traduzimos os sentidos das falas dos sujeitos da comunidade pesquisada, pois para eles:

A gente tem muito a agradecer a Deus, né? Dia de domingo participar da reza, é coisa importante pra gente, né? Agradecer aquilo que Deus dá pra gente.

Convido bastante elas pra nós está indo na reza, ir no culto. A gente anda muito amedrontado pelo que o mundo vem oferecendo. Procura fazer um pouquinho do bem.

Se todas as pessoas fossem naquele momento de oração num mesmo pensamento, ela traria muitos benefícios, porque se a pessoa for na igreja só por esporte, a igreja nunca vai trazer benefício.

A 3ª. pessoa – não pessoa – Deus dá algo aos moradores da comunidade, pode “livrar do mal” os filhos, porém essa relação com o divino está pautada em dar e receber. Nem todos podem receber os benefícios divinos, se não entenderem o real significado da igreja, simbolizado pela expressão *se a pessoa for na igreja só por esporte*.²⁰

Na questão política, a referência a Deus, leva às normas e formas adotadas pelas instituições religiosas, cuja finalidade é assegurar que os fiéis vivenciem a fé e a afirmem, confirmando sua identidade religiosa, mesmo que para isso usem de estratégias que deixem o fiel preso à igreja. Entram, nesta dimensão, as questões ideológicas relacionadas a Deus, religião, igreja, apresentadas no 3º. capítulo, deste trabalho.

²⁰ Apenas para contextualizar melhor os segmentos que se referem a Deus, as comunidades rurais em Maués são organizadas pela igreja católica. É dela a função de organizar as comunidades, escolher os coordenadores, prepará-los para esta função e atestar residência dos comunitários para quaisquer fins, cumprindo com o seu “papel pedagógico de transmitir a fé católica na função de organizadores dos núcleos populacionais”. Fazendo isso, também assume o poder político e apresenta “a ambigüidade do trabalho apostólico que se propunha a conquista de almas, mas se dispunha a conquistar braços escravos”. Os comunitários são dependentes da igreja, precisam participar dos cultos para ter direito aos documentos de residência, necessários para solicitar os benefícios legais. A igreja assume o papel da Prefeitura.

Dando prosseguimento a análise da 3ª. pessoa, o segmento de uma mulher demonstra que a comunidade poderia ser melhor administrada se os comunitários se organizassem em cooperativas, para assim receber incentivos das organizações governamentais. Importante frisar que há aqui um reconhecimento de que eles não devem apenas esperar que o poder público venha até eles com soluções, eles podem se organizar para cobrar investimentos:

A comunidade é devagar. Se as autoridades que ganham ajudassem poderia ser melhor. Tem comunidade bem desenvolvida porque as autoridades ajudam. Só melhora se tiver alguém do nosso rio pra cutucar neles, senão não adianta.

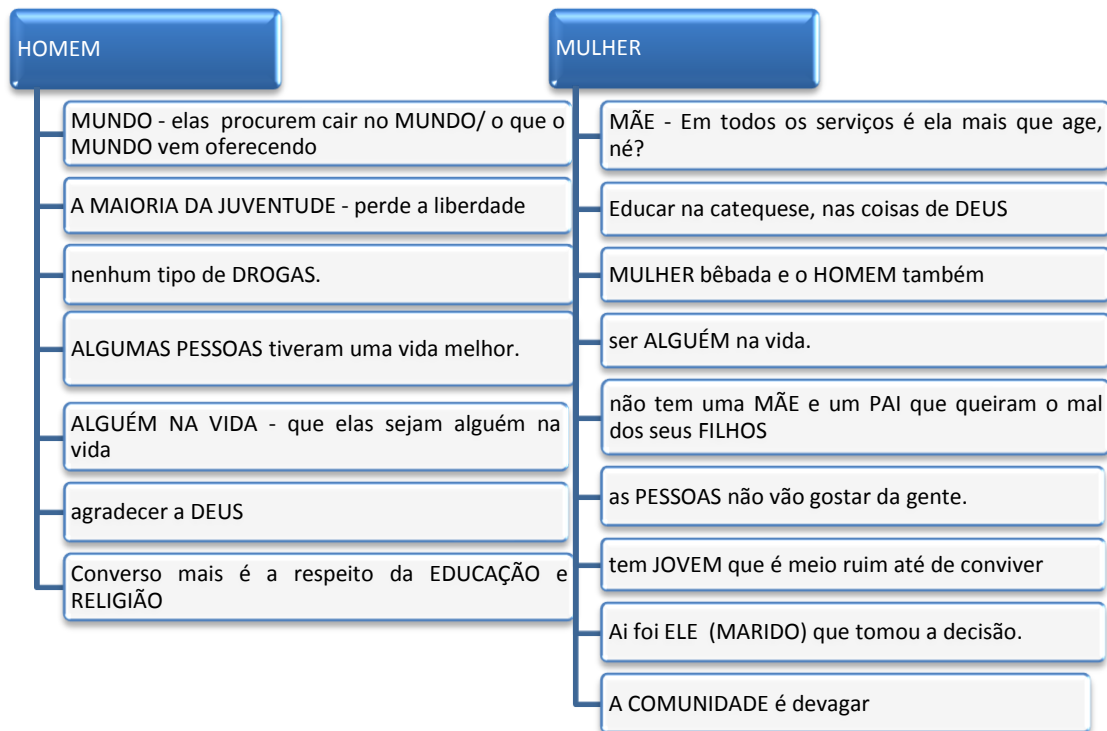
A 3ª. pessoa se volta para a própria comunidade, vista como *devagar*, já que há *outras comunidades* mais desenvolvidas e *as autoridades* poderiam ajudar, mas só o farão se houver um representante destes sujeitos para *lembrá-los/ cutucar* do seu compromisso com eles. Esse dado é significativo, pois demonstra que os sujeitos percebem que a participação política de forma mais efetiva pode lhes garantir melhores ganhos econômicos.

De forma similar aos segmentos dos homens, há um apelo para *ser alguém na vida*, 3ª. pessoa que demonstra um futuro almejado para os filhos, não é somente uma marcação pessoal, mas uma construção sintática que remete a existência do ser²¹.

Comparando a 3ª. pessoa dos segmentos analisados de homens e mulheres, percebe-se que estão voltados para referenciar os filhos e a comunidade. Quanto aos filhos, espera-se que *Deus, religião, educação* possa impedir o *mundo* de agir, através das *drogas* e da *juventude que se perde*. Por parte dos homens, há uma preocupação maior quanto aos perigos que se apresentam como entraves para o futuro promissor dos filhos. Para a mulher, os filhos precisam se preocupar com as *pessoas* que gostam ou criticam as ações deles. Encontra-se ainda uma referência em 3ª. pessoa que apresenta a mulher com mais ação em todas as situações e apresenta certa insatisfação quanto à tomada de decisão. Quanto à comunidade, acredita que seja *devagar*.

O organograma 1 apresenta as referências em 3ª. pessoa feitas por homens e mulheres, possibilitando visualizar a não pessoa, os vários sujeitos ou objetos colocados fora da alocação:

²¹ Esse apelo recorrente, que ultrapassa tempos, sai da esfera lingüística e leva a um questionamento social, pois a existência social desses sujeitos está atrelada a uma organização política, econômica que envolve saúde, educação e trabalho. Certamente, muito já se conquistou: há escola, professores, ensino até a 9ª. série, mas ainda não é o ideal, não consegue dar opção a todos que queiram viver diferentemente do modo como se vive nesta comunidade. Ser alguém implica em ter condições de vida digna, com trabalho reconhecido e bem remunerado, o que não é uma realidade para esses agricultores do guaraná e da farinha.



Organograma 1: Representação da 3ª. pessoa nos segmentos discursivos de homens e mulheres

Os segmentos discursivos de homens e mulheres na construção da 3ª. pessoa em parte se assemelham, pois ambos se preocupam com o presente e com o futuro dos filhos, cuidam para que nada possa interferir na construção de dias melhores. Analisando as duas vozes, fica clara a tensão que se estabelece quando o assunto são os filhos, isto porque fatores como vícios em álcool e droga, violência, gravidez precoce, falta de postura adequada para conviver socialmente afastam os filhos do estudo, frustrando o sonho dos pais de verem seus filhos formados, num trabalho fruto do estudo. Para o homem e a mulher, seguir os seus passos é continuar sem ser alguém. Discursivamente, temos um **eu** – homem ou mulher – que se considera ninguém empreendendo esforços para que **eles** – filhos – sejam alguém.

Há também uma 3ª. pessoa que referencia homem e mulher que bebem, pai e mãe que querem o bem dos filhos, as pessoas que aprovam ou desaprovam as condutas dos filhos, ela – a mulher que age e a maioria da juventude. Neste caso não são apenas seus filhos, seus parentes, são todos, generalizados: qualquer homem, qualquer mulher que bebe não é bonito; todos os pais e todas as mães investem na boa educação dos filhos e desejam o melhor para eles; qualquer pessoa pode ser testemunha das condutas e atribuir a eles significados positivos ou negativos; as mulheres são as que mais empreendem ações, em especial em relação aos

filhos e a maioria da juventude, em todos os lugares, tem dificuldades com regras e respeito aos mais velhos. A generalização, própria da 3ª. pessoa, ganha esta expansão porque não há marcação que restrinjam o sujeito ao local.

A 3ª. pessoa em segmentos de mulheres também apaga a sua individualidade, pois ela toma distância de si mesma e se vê como não-pessoa para se reconhecer como aquela que mais age, que participa das conversas com o marido, mas também se vê sem poder de decisão. Indicação que demonstra como esta mulher se sente: é a que mais age, porém, ao se colocar como não pessoa - ela sai da relação de subjetividade e deixa de se colocar como sujeito para ser predicado por ele. Esta mulher está escondida entre suas ações diversas e o pouco reconhecimento delas, por isso se apresenta como não pessoa. Para Siqueira (2006, p. 266):

Idealmente, em termos de relação de gênero, o homem é considerado o provedor da família, enquanto a mulher é responsável pelo trabalho doméstico e pelo cuidado com as crianças. de fato, porém, a divisão de trabalho e de responsabilidades ligadas à produção e reprodução da unidade doméstica é mais dinâmica. Homens, mulheres e crianças participam ativamente das atividades produtivas [...], mas poucos são os homens que ajudam na cozinha, na limpeza da casa ou lavando roupas. A dupla jornada de trabalho feminina é pouco reconhecida e muito menos contestada. (grifo meu).

Outro dado significativo dos segmentos feitos em 3ª. pessoa aponta para a questão da religião e do papel que homens e mulheres desempenham nesse segmento, pois, os homens conversam: *Converso mais é a respeito da educação e religião*, já as mulheres educam: *Educar eles pra não dar trabalho mais tarde. Educar na catequese, nas coisas de Deus, nas coisas que seja de bom pra eles*. O campo de ação da mulher fica maior quando esta se põe como educadora, em uma dimensão mais abrangente que a conversa realizado pelos homens. Para a mulher, a religião é vista como algo muito importante, tanto que utiliza o verbo educar, o que remete a transmitir o seu saber, dar ensino, instruir *nas coisas de Deus*.

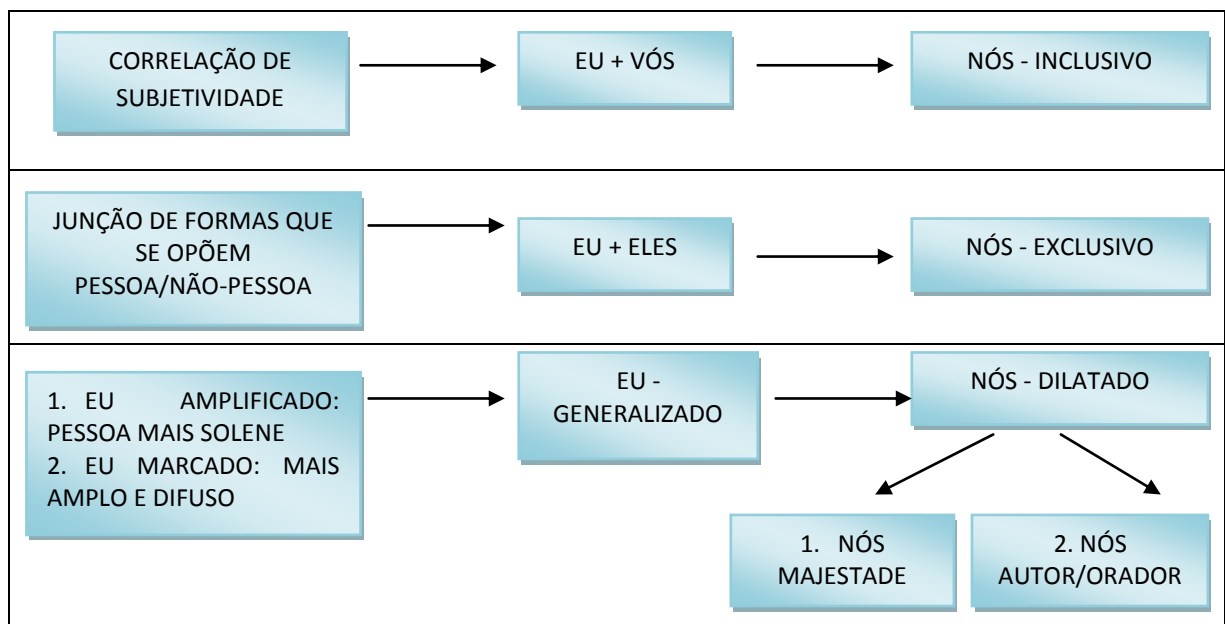
A 3ª. pessoa, embora não possa fazer parte da relação de subjetividade, referencia o mundo, as pessoas. Quando a 3ª. pessoa aparece no discurso, objetiva-se o enunciado, enfatizando o papel social e ‘apagando’ a individualidade. Nos segmentos analisados, a 3ª. pessoa reflete os filhos, os jovens, o marido/a esposa, (pessoas de suas relações); o mundo, drogas (preocupações), também o estudo (investimento) e Deus (o auxílio).

2.3 A construção do nós: da relação discursiva à relação social

O homem se situa e se inclui na sociedade e na natureza, situando-se necessariamente em uma classe de autoridade ou de produção, tendo a língua como uma prática humana que permite interpretar as funções e as estruturas sociais (BENVENISTE, 2006). A construção do **nós** nos segmentos discursivos da comunidade rural permite visualizar como esta organização social está sendo interpretada por homens e mulheres que produziram enunciações e criaram objetos lingüísticos capazes de dizer a respeito deles mesmos. Na perspectiva de língua como espelho da sociedade, a análise do **nós** discursivo dessa comunidade, nesta etapa do trabalho, define melhor a construção da família e traz para o debate questões sociais. A análise é possível porque,

É na prática social, comum no exercício da língua, nesta relação de comunicação inter-humana que os traços comuns de seu funcionamento deverão ser descobertos, pois o homem é ainda e cada vez mais objeto para ser descoberto, na dupla natureza que a linguagem fundamenta e instaura nele. (BENVENISTE, 2006, p. 104)

Para iniciar a construção do **nós**, o quadro 6 demonstra a visão de Benveniste e fundamenta a base das análises pretendidas nas enunciações de homens e mulheres da comunidade rural Lagunho Nossa Senhora do Carmo.



Quadro 6: Quadro teórico: Construção do **nós**.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora a partir da teoria de Benveniste (2005, p. 257).

Como não pode haver vários **eu** na concepção do próprio **eu**, o **nós** não pode ser entendido como uma multiplicação de objetos, mas como uma junção que se estabelece entre **eu** e **não-eu**. É importante dizer que em **nós** predomina o **eu**, como visto no quadro 6, tendo em vista que só é possível sua existência a partir do **eu**.

Benveniste (2005, p. 257), a partir da diferença entre um **nós** que se instaura a partir do **eu + vós** e do **eu + eles**, estabelece uma marcação do plural denominado inclusivo e exclusivo. Considera inclusivo, como demonstrado no quadro 6, a correlação das pessoas subjetivas **eu-tu**, em que predomina o **tu**, deixando ver “as fronteiras de um espaço partilhado”, cujo alocutário é parte semelhante e estabelece uma relação de igualdade entre eles. (SENA, 1997, p. 101).

O **nós** exclusivo se instaura quando as duas formas que se opõem: **eu** – pessoa que predomina, **eles** - não pessoa, constroem o plural. Para Sena (1997, p. 101) “ocorre quando o locutor, embora se referindo a si mesmo e a um alocutário ou a terceira pessoa, provoca o seu afastamento em relação a eles, reforçando a distância e a hierarquia presentes na relação”.

Uma terceira marcação do **nós** acontece quando há uma espécie de amplificação do **eu**, demonstrando uma pessoa mais maciça, mais solene, embora menos definida, é o **nós** de majestade; há também o **nós** marcado pelo **eu**, o **nós** de autor ou orador. Neste caso, para Sena (1997) é apenas um recurso discursivo, no qual, aparentemente, aparecem marcas globalizantes, tendo em vista que há um desequilíbrio entre os interlocutores, supondo uma partilha entre o locutor e o alocutário, sem, contudo, haver a participação efetiva do último. Não há, neste caso, um acordo do locutor com o alocutário para estabelecer o **nós** discursivo.

Analisando os segmentos discursivos que compõem o plural na fala dos homens da comunidade rural, encontram-se três marcações: o **nós** inclusivo e exclusivo e, discretamente, o **nós** dilatado.

Quando aparecem os segmentos discursivos que remetem ao plural, é preciso, primeiro, estabelecer uma relação do **nós** com **a gente**. Na Amazônia, é comum o uso do **a gente** em substituição ao **nós**, não apenas nas regiões interioranas, mas também na zona urbana. Nos segmentos analisados, verificou-se uma incidência do uso de **a gente**. Apesar da diferença na escrita e no uso social dessa expressão, é possível fazer a equivalência dos termos no uso das falas analisadas.

Ao estabelecer as relações da marca discursiva dos homens da comunidade Laginho Nossa Senhora do Carmo com a teoria de Benveniste em relação ao **nós**, percebe-se que os segmentos remetem ao que o autor denomina de **nós inclusivo**, já que prevê a participação do

eu. Há inclusive marcas gramaticais que indicam a proximidade do locutor, como o adjunto adverbial de lugar: aqui.

Embora o **nós inclusivo** apareça predominantemente, é possível dividi-lo em dois grupos: um que se refere ao local, extensivo a todos os que moram ali na comunidade rural: eu + vocês = nós, definido em segmentos como: “O ramo da agricultura aqui no nosso rio é esse”, demonstrado no quadro 7:

NÓS – HOMEM
Aqui nós não temo um emprego pra colocar uma coisa, é só dificuldade, se a gente não botá pra trabalhar mesmo a gente não vive.
Aqui é a condição financeira. Principalmente essa época, se a gente não tiver uma boa roça um bom guaraná, principalmente nessa época a gente vai ver os outros com um dinheirinho por ali e se a gente não tiver vai ficar por ali a desejar. O ramo da agricultura aqui no nosso rio é esse. O ganho aqui é muito fraco, a gente tem dificuldade, padece até dificuldade por causa da situação financeira, falta tudo na casa da gente.
A gente tem muito a agradecer a Deus, né? Dia de domingo participar da reza, é coisa importante pra gente, né? Agradecer aquilo que Deus dá pra gente.
O trabalho é o pão de cada dia de várias formas: farinha, beiju, tapioca, dinheiro mesmo. Com muito sacrificio, mas ela dá. Não se compra nada de valor com o dinheiro da farinha, só pra manter as necessidades. Com o dinheiro do guaraná, quando o fábrica é bom, se a gente não for extraviado, compra alguma coisa que apareça.

Quadro 7: Construção do nós inclusivo a partir de segmentos discursivos dos homens.

Fonte: Entrevista realizada com a comunidade Lagunho Nossa Senhora do Carmo – Maués/AM. Janeiro/2010.

O **nós** discursivo apresentado no quadro 7 trata de problemas próprios do lugar, demonstra preocupações de sujeitos socialmente organizados que trabalham com a terra e dela retiram seu sustento, são dependentes do que ela pode lhes oferecer. Não podem prever o que lhes renderá um fábrica²² de guaraná, nem mesmo podem contar com a roça para fazer farinha como certo, pois questões como pragas, verão intenso, cheia podem causar redução da sua roça, fato constatado no ano de 2010 na própria comunidade, tendo em vista que o período de cheia intensa causou enormes prejuízos na plantação de maniva²³.

Durante a visita a comunidade, constatou-se a preocupação com a cheia do ano anterior (2009), pois os moradores ainda tentavam se recuperar dos danos causados por esse fenômeno e diziam ter medo de que no ano de 2010, novamente, se repetisse o fato, o que seria para eles uma situação de grande sofrimento por conta da fabricação de farinha que já

²² Nesta comunidade, é a época em que se realiza a colheita do guaraná.

²³ Os próprios moradores da comunidade brincavam dizendo: “se eu tivesse 4 quadras de roça, ia dar um passeio no exterior”, isto porque o preço da farinha estava em alta, por conta da escassez do produto, já que algumas famílias perderam completamente seus roçados, ficando até sem maniva para recomençar a plantação.

estava completamente comprometida. Em outros interiores da cidade de Maués, os moradores estavam comprando farinha vinda de fora, nos mercados, ensacada. Não conseguiam sequer manter o próprio consumo.

Fato é que enquanto a cidade tirava foto da cheia, vendo o fenômeno pelo ângulo histórico, inclusive com certo encanto; o interior perdia suas plantações, retirava as crianças da escola, escasseava ainda mais o pão de cada dia.

Esse **nós** do trabalho, presente no discurso dos homens, demonstra a fixação do homem do interior em apenas um segmento, no caso da comunidade investigada: a farinha e o guaraná. Sob este aspecto, quando o **nós** deixa ver a incerteza diante do seu ganho e reclama por não haver outra forma de ganhar dinheiro que não seja através do trabalho do guaraná e da roça, se apresenta como um **nós** desamparado pelo poder público, que se sente *ninguém*, perdido num braço de rio que de um lado lhe dá o peixe, mas de outro lhe tira a farinha, como pode ser retratado no segmento:

Aqui nós não temos um emprego pra colocar uma coisa, é só dificuldade, se a gente não botá pra trabalhar mesmo a gente não vive.

O *nós* deve trabalhar para viver, está preocupado com as questões financeiras necessárias para sua sobrevivência:

Aqui é a condição financeira. Principalmente essa época, se a gente não tiver uma boa roça um bom guaraná, a gente vai ver os outros com um dinheirinho por ali e se a gente não tiver vai ficar por ali a desejar. O ramo da agricultura aqui no nosso rio é esse. O ganho aqui é muito fraco, a gente tem dificuldade, padece até dificuldade por causa da situação financeira, falta tudo na casa da gente.

A linguagem não é um sistema fechado, está em relação direta com o contexto social, com o contexto-ideológico dos sujeitos que o produzem, por isso, quando o sujeito da comunidade rural aponta, discursivamente, a dificuldade financeira, é pertinente tratar de um dos problemas sociais mais constatados nesse país: a pobreza, que para Santos, Milton (2001) pode ser apresentada na forma de pobreza incluída, acidental, residual ou sazonal, produzida em certos momentos do ano, resultado de um acidente natural ou social. Apresenta-se ainda como marginalidade, causada pelo processo econômico da divisão do trabalho, internacional ou interna, neste caso, poderia ser corrigida pelas mãos dos governos.

As duas pobreza existem no contexto social da comunidade Laguinho Nossa Senhora do Carmo. Em determinadas épocas do ano, principalmente na vazante ou em época de grande cheia, os problemas se tornam mais evidentes. Na vazante, as famílias moradoras da cabeceira do rio sobrevivem com água retirada dos chamados olhos d'água, sem contar que o peixe fica mais escasso, sendo necessário pescar em outros rios. Na cheia, perdem suas plantações e têm dificuldade para manter os animais.

Na comunidade analisada, 10 famílias recebem o bolsa família, programa do governo Federal, porém não se percebem outros investimentos das políticas sociais governamentais, voltados especialmente para a agricultura. Há o acompanhamento de uma agente de saúde da própria comunidade que visita periodicamente as casas, fazendo o acompanhamento das famílias nas questões de saúde, apenas nos casos mais sérios. A escola também é mantida pela Prefeitura de Maués.

A comunidade está organizada de modo que as 25 famílias têm suas casas de madeira e um rabetá; 15 têm parabólica, aparelho de televisão, motor de luz; 20 têm mais de um terreno, alguns com criação de boi, mas, segundo os enunciados, é fruto do trabalho duro e organizado entre a família.

Parece plausível afirmar que o **nós** apresentado no quadro 7 quando reclama o dinheiro da roça e do guaraná, que os seus vizinhos conseguem, não é por inveja, por desejo de também possuir os bens que o dinheiro pode trazer, é muito mais uma questão de sobrevivência, pois como foi dito por muito deles:

Já foi o tempo em que se repartia a comida que se conseguia, hoje, se não tiver dinheiro, não come.

Tem-se então, um **nós** que passa necessidades, que “padece”, sofre em consequência da ingratidão do trabalho na agricultura²⁴. O **nós inclusivo** demonstra que esses problemas relacionados ao trabalho não pertencem a uma ou outra família, mas está presente na vida de toda a comunidade, que sem dinheiro, não terá como sobreviver.

²⁴ O guaraná é uma espécie de poupança, de investimento em longo prazo, não se sabe ao certo quanto ele renderá no fim da colheita. Os agricultores não sabem como torná-lo mais produtivo. O guaraná tem vontade própria, subjuga os trabalhadores ao seu querer. Outro problema é o preço do produto, não há um valor fixo, oscila de acordo com a oferta e procura, fazendo com que muitos moradores tenham desistido desse ramo da agricultura. No caso da farinha, ela é a responsável por colocar os gêneros alimentícios como café, açúcar, sal, arroz, feijão, leite (pouquíssimo) na mesa das famílias. Sem ela, o padecimento é certo.

Os dados coletados na entrevista com os homens apresentam a questão econômica da comunidade como sendo uma preocupação intensa. Os sujeitos entendem que somente o trabalho com a terra lhes renderá o ganho para a sobrevivência. Eles afirmam:

Aqui é a condição financeira. O ramo da agricultura aqui no nosso rio é esse. O ganho aqui é muito fraco, a gente tem dificuldade, padece até dificuldade por causa da situação financeira, falta tudo na casa da gente.

O **nós**²⁵ se apresenta conformado ao afirmar que o ramo da agricultura no local é esse mesmo, que a questão econômica é limitada e por isso a situação local se mostra difícil, chegando mesmo à ausência de gêneros alimentícios de primeira necessidade.

Há entre o homem, sua comunidade e o mundo uma relação social, econômica e política que une todos os homens como responsáveis pela produção de bens que mantêm a economia; mas também os distancia, criando entre eles divisão em classes sociais, em escalas menores e maiores. Para Santos, Milton (2001), essas conexões humanas e materiais devem ser analisadas na perspectiva de globalização.

Em outro segmento discursivo, o **nós inclusivo** deixa ver o agradecimento a Deus,

A gente tem muito a agradecer a Deus, né? Dia de domingo participar da reza, é coisa importante pra gente, né? Agradecer aquilo que Deus dá pra gente.

O discurso aponta para uma das forças da comunidade: Deus, apresentado como o grande e único ser a ajudá-los. Diante da incerteza da vida, dos fenômenos naturais, há, para os moradores da comunidade, a certeza de que Deus tudo resolverá, será a grande força nos momentos de dificuldade.

Há, também, outro fator decisivo no discurso da comunidade, é a força de trabalho do **nós inclusivo** que constrói a comunidade local, segundo dados da entrevista. Não aparecem nos segmentos discursivos analisados até aqui, investimentos da Prefeitura, do Governo Federal, voltados especificamente para a agricultura, nem da farinha, nem do guaraná, como

²⁵ No caso específico da comunidade rural Laginho Nossa Senhora do Carmo, a distância entre o homem trabalhador e a indústria do guaraná demonstra, claramente, o sistema que o autor denomina como “o mundo tal como ele é”, ou ainda, “a globalização como perversidade”, que se impõe como uma fábrica de perversidade, gerando desemprego, salários cada vez mais baixos, fome, falta de moradia, novas e velhas doenças, mortalidade infantil, males espirituais e morais: egoísmo, cinismo, corrupção. Neste sistema, só sobrevive quem obtém a maior mais-valia, que, certamente, não é o trabalhador rural, pois este sequer consegue ser visto e reconhecido.

eles afirmam: *abaixo de Deus, somos nós mesmos*. Assim, fazem a organização social dessa comunidade, constroem um espaço, contribuem para a economia do país, ainda que sejam invisíveis para esse mesmo país. O fluxograma 2 pode demonstrar essa 1ª. construção do **nós inclusivo** a partir dos segmentos discursivos dos sujeitos da comunidade Laguinho Nossa Senhora do Carmo.



Fluxograma 2: construção do nós inclusivo a partir da fala dos homens.

Outro grupo de segmentos deixa ver o registro de um **nós inclusivo** que demonstra o homem na sua função de pai, não remetendo a todos os pais, mas sim a uma família local, como pode ser visto no quadro 8. Esse **a gente/nós** está localizado, definido, restrito à família desse sujeito, sem que essa ação seja ampliada para outras famílias da comunidade ou fora dela. Esse **nós** reclama a união nos momentos de decisão, se maldiz por conta da dureza da vida, “dá um duro” para criar os filhos e tenta servir de exemplo. Esse **nós** que representa a figura de pai, mãe, família, centra-se nesses 4 pontos já demonstrados na construção discursiva das outras pessoas: 1ª. e 3ª.

NÓS – HOMEM
É importante, porque a gente nunca pode fazer um negócio se não tiver tudo unido, a família
Ela tem desempenhado um bom papel da mãe, apesar das nossas dificuldades, às vezes a gente se maldiz da vida um pouco, a gente procura passar tudo o que acontece com nós dizendo que a gente ta dando um duro aqui pra criar elas, o sacrifício pra dar de comer e agente tenta servir de exemplo.

Quadro 8: Construção do nós inclusivo a partir de segmentos discursivos dos homens.

Fonte: Entrevista realizada com a comunidade Laguinho Nossa Senhora do Carmo – Maués/AM. Janeiro/2010.

Nos discursos dos homens, encontram-se marcas, também, do **nós exclusivo**, estabelecendo certo distanciamento como em:

A gente quer botar no bom caminho, ele não quer, isso preocupa muito a gente

Aparece um eu + eles - pessoas indefinidas, referindo-se a todos os pais que não são apenas aqueles do local. Esse nós pode ser reforçado pela marca da 3^a. pessoa, presente em vários segmentos. Pode-se verificar a construção desse **nós** no quadro 9.

NÓS – HOMEM
Principalmente sobre a bebida, isso preocupa muito a gente. Eu fui uma pessoa que andei uma parte desse mundo e quando eu sai da casa do meu pai ele disse que o mundo ensina a gente e ensina mesmo, como a gente pode viver.
Tem muita dificuldade para criar os filhos da gente, pra botar num bom caminho, tem daqueles que a gente quer botar no bom caminho, ele não quer, isso preocupa muito a gente.
O pai nunca dá conselho ruim pro filho, só dá conselho bom, agora se os filhos erra não é culpa dos pais. Uma coisa que tá errada a gente pede que não faça

Quadro 9: Construção do nós inclusivo a partir de segmentos discursivos dos homens.

Fonte: Entrevista realizada com a comunidade Laguinho Nossa Senhora do Carmo – Maués/AM. Janeiro/2010.

Quando se analisa o **nós exclusivo** presente nas falas dos homens da comunidade, 4 questões se destacam: dificuldade para criar os filhos, preocupação, orientação para não cometer erros e reconhecimento de que nem tudo os pais poderão ensinar. Os filhos aprenderão também com o mundo, como demonstrado no fluxograma 3.

Estes 4 segmentos demonstram certa coesão, tendo em vista que o processo de educação familiar segue esses passos: dificuldade para educar e fazer dos filhos pessoas de bem; conselhos, conversas, orientações para que sigam os valores morais; preocupação com os filhos e a certeza de que a vida será uma grande educadora e jamais será possível privar os filhos dessa orientação.

Epstein (1993) enfatiza que boa parte da transmissão cultural, nos diversos campos: informações, procedimentos, valores, hábitos é construída a partir de sanções que aparecem em diversos segmentos, dentre eles, na relação familiar entre pais e filhos, quando o pai, através de conselhos, pedidos, ordens assume a sua relação de poder, já que:

Definir o exercício do poder, como circunscrito a situação de emissão e obediência a ordens ou mandados, deixa aparentemente de lado muitas situações mais latentes onde ‘ordens’ são menos visíveis ou concretas, mas nem por isso menos reais em seus efeitos, especificamente em comportamentos ocasionados por valores

introjetados. A razão, todavia, mais importante para esta limitação é nossa intenção de apreender o exercício do poder através do seu objeto concreto: a ordem.

A relação entre pedidos, solicitações, conselhos tem efeito direto na construção social do alocutário – os filhos, que deverão se curvar aos ensinamentos dos pais para serem boas pessoas ou, do contrário, aprenderão com a vida. Torna-se clara a ênfase dos pais para que os filhos sigam o caminho traçado por eles, porém não os coloca em situação de aprisionamento familiar, já que lhes apresenta a vida – outras organizações fora da família que também podem ajudar a efetivar os valores, os ensinamentos necessários para a vida social

Há nessa construção um nós que pede para que os filhos não errem, porém se tal fato acontecer, deixam a responsabilidade por conta deles:

O pai nunca dá conselho ruim pro filho, só dá conselho bom, agora se os filhos erra não é culpa dos pais. Uma coisa que tá errada a gente pede que não faça

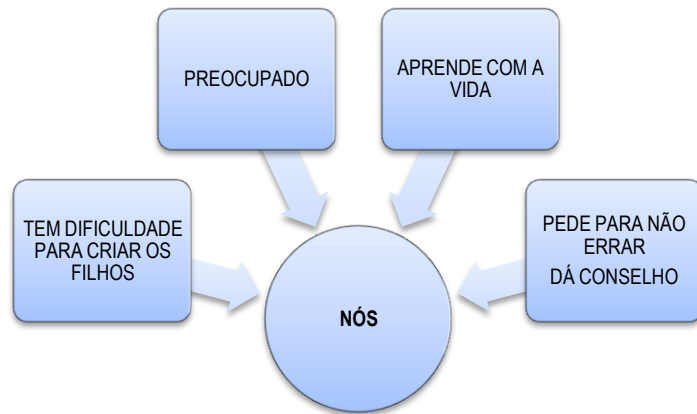
Uma primeira interpretação pode ser feita, a de que há uma omissão da responsabilidade do locutor, porém a primeira parte do enunciado deixa ver a necessidade de acertar, de ser e fazer o certo, reforçada pelo fim do enunciado que *pede*, não ordena, não implora, mas *pede* para que não cometa o erro. O verbo pedir pode indicar a vontade própria do interlocutor, que poderá cumprir ou não o pedido.

Se o interlocutor tem poder de decidir, então, a primeira interpretação precisa ser refeita, não há uma omissão, mas o entendimento de que os atos dos filhos (errados, principalmente) não estão sob o seu poder. Escapa entre os dedos a vontade própria dos filhos. Assim sendo, o locutor entende que o filho traça seus caminhos; que a vida, mais que os pais, poderá ensiná-lo a viver. O argumento mais plausível para entender o enunciado acima é o exemplo dado pelo próprio locutor, quando se coloca na posição de filho:

Eu fui uma pessoa que andei uma parte desse mundo e quando eu sai da casa do meu pai ele disse que o mundo ensina a gente e ensina mesmo, como a gente pode viver.

O segmento demonstra que quando sai de casa, ele traz para si as responsabilidades de seus atos, reforçado pela voz do pai, dizendo que a vida ensina, o que ele constata depois, ao afirmar que *ensina mesmo como viver*. Assim, partindo de sua experiência como filho,

entende que como pai não poderá ser eternamente responsabilizado pelos atos dos filhos²⁶. O fluxograma 3 resume estas ações desempenhadas pelos homens:



Fluxograma 3: Construção do nós exclusivo a partir de segmentos discursivos dos homens.

Prosseguindo a análise do **nós** nos segmentos discursivos dos homens, tem-se um **nós** que não é uma extensão a **vocês**, nem a **eles**, mas é uma marcação de um **eu**, quando diz **a gente**, quer dizer **eu**. Na teoria de Benveniste, é um **eu amplificado**; no segmento analisado se apresenta em um único enunciado:

A gente debate diante do que aparece pra mim ou pra ela, procuro conversar saber se está certo, às vezes insisto, pergunto duas ou três vezes para saber se está de acordo. Às vezes quando a gente vai fazer só o que é do agrado da gente não faz o que é do agrado dos filhos, da mulher.

Ocorre neste trecho, o que Sena (1997, p. 101) denomina como inclusivo estratégico, quando o locutor, ao se referir a si mesmo e ao seu alocutário (supostamente incluso), fá-lo apenas como um recurso discursivo para dar uma “aparência globalizante ao seu dizer”. Há, na verdade, um desequilíbrio entre os interlocutores, pois na construção do enunciado há a presença do locutor e do alocutário, mas não há a efetiva participação deste último.

²⁶ Pode-se relacionar esta fala ao fato de muitos jovens construírem sua vida longe dos pais muito cedo, pois precisam estudar em Maués ou Manaus e quando permanecem na comunidade, constroem suas próprias famílias. Esses jovens, com pouca idade, assumem responsabilidade com o trabalho.

Para continuar dando voz à comunidade, as mulheres pedem passagem para trazer à luz a construção do **nós** a partir de seus enunciados. Nesta etapa da análise, essa voz feminina pode reforçar as vozes dos homens, completá-las ou até mesmo refutá-las, fazendo com que a organização social se amplie ainda mais e ganhe nova forma.

A análise da fala das mulheres demonstra a predominância de um **nós inclusivo**. Há sempre marcações como: aqui mesmo, naquele tempo, que trazem o locutor para dentro do discurso, como demonstrado no quadro 10.

NÓS – MULHERES
Aqui em casa esse meu A. é meio comportado, mas aqui mesmo tem jovem que é meio ruim até de conviver, sabia? Não respeita a gente, aí fica difícil.
A gente trabalha porque tem que trabalhar mesmo, mas se quiser estudar, vocês estudam pra vocês serem alguém na vida e não ficar trabalhando no pesado
A gente incentiva pra eles trabalharem. [os filhos são todos adultos]
Eu acho que naquele tempo que a gente morava com nosso pai era diferente.
Naquele tempo a gente atendia o que os pais diziam, o que eles falassem era aquilo mesmo. Hoje a gente diz uma coisa o filho diz outra.
Aqui em casa tem vez que tá tipo uma novela aí. O que o filho não sabe, a gente orienta e eles também podem dizer coisa pra gente saber como é, como não é.
Aqui em casa, tem várias [decisões] que é nós dois, mas tem vezes que é só um.
Quando quer decidir alguma coisa primeiro é eu e o marido, depois a gente chama eles e diz: a gente vai fazer tal coisa. Nós aqui resolve entre a família.
Aqui em casa, nós dois trabalhamos, mas o L. trabalha mais que eu, até o trabalho que ele faz eu não faço.

Quadro 10: Construção do nós inclusivo a partir de segmentos discursivos das mulheres.

Fonte: Entrevista realizada com a comunidade Laguinho Nossa Senhora do Carmo – Maués/AM. Janeiro/2010.

Aos olhos das mulheres entrevistadas, o **nós** referencia as mulheres e as mães da comunidade. Quando afirma que: *tem jovem que é meio ruim até de conviver, sabia? Não respeita a gente*, inclui o locutor e outros interlocutores que sofrem esta atitude. Não se percebe neste segmento uma predominância do eu, mas há uma relação de subjetividade. Esta caracterização do **nós** se estende nos outros segmentos apresentados na fala das mulheres.

O **nós inclusivo** na fala das mulheres centra-se na construção da família e de sua organização, transitam entre a relação com os filhos, com os pais, remetendo ao passado e ao trabalho. De modo geral, as referências demonstram ações familiares, seja de orientar os filhos, tomar parte das decisões, ser questionada e também ouvi-los. Quando o **nós** demonstra o envolvimento com o trabalho, está, ainda assim, atrelado à família, como demonstra o fluxograma 04.



Fluxograma 4: Construção do nós inclusivo da fala das mulheres.

Apresentam-se, também, dois segmentos em que o **nós exclusivo** pode ser identificado, já que o **a gente** se estende para fora da relação de subjetividade, estabelecendo união entre o **eu** e o **elas**. Assim, quando afirma:

Dificuldade porque quando a criança é criança a gente compra qualquer roupinha e eles se conformam; Trabalhar pra criar os filhos, nós [mães] somos mais preocupadas com os filhos

O **a gente** que aparece se amplia para um **eu** – no papel de mãe + **elas** = **nós** que não estão ali, estabelecendo um **nós** no papel de mãe, não apenas da comunidade, mas de modo geral. Este **nós** indica a preocupação maior das mães com os filhos, em uma alusão de que a elas cabe a maior responsabilidade desse ato. Nos segmentos discursivos das mulheres, não se constatou nenhum **nós dilatado** em que há um nós com apelo para o eu.

Diferentemente dos segmentos discursivos dos homens, o discurso das mulheres não traz para o debate questões sociais e econômicas referentes ao trabalho. Centram-se na sua força trabalhadora e no incentivo para que os filhos trabalhem. Com tais referências, pode-se entender que o papel discursivo dos homens no desempenho de sua função social de pai é o de provedor da família, aquele que deve trazer o sustento, a comida, a roupa, as necessidades básicas de casa.

Os enunciados analisados apontam para uma divisão de tarefas entre os homens e mulheres na constituição familiar. Os homens devem se preocupar com o trabalho e tudo que

se relacione a este campo: plantio, colheita, venda do produto deve ser prioridade do homem. Os segmentos discursivos das mulheres demonstram um envolvimento maior com as questões familiares, com as orientações, com as conversas e quando trata do trabalho, este está vinculado à questão familiar.

O **nós inclusivo** presente nos dois enunciados – homens e mulheres – reafirma essa idéia de que essa organização não é constituinte apenas de uma família, mas é extensivo à comunidade local. É um **nós** que remete a uma separação entre homens e mulheres na função instituída de pai e mãe. Para o homem, a responsabilidade de trabalhar para o sustento da família; para a mulher, segundo o **nós inclusivo** presente em seu discurso, a responsabilidade de educar, conversar, orientar, ouvir os filhos²⁷.

Inclusive, em um segmento discursivo, uma das mulheres, ao se referir à função da mulher na criação dos filhos, diz:

O pai trabalha um bocado, mas ele vai prum roçado, ele vai só fazer isso, a mãe faz comida, lava roupa, briga com os filhos.

De acordo com os enunciados da mulher, sua função na criação dos filhos está voltada para vários aspectos, dentre eles, o cuidar, em especial na doença, além de dividir juntamente com o marido os trabalhos tanto dentro de casa como fora. É importante frisar que o trabalho de casa não se limita apenas a cozinhar, limpar a casa, lavar roupa, como evidenciado pelo sujeito²⁸. Outro destaque deve ser feito ao fato de que o trabalho da mulher nos centros urbanos não é semelhante ao trabalho nas zonas rurais, pois questões sociais, econômicas são diferentes. Segundo a afirmação das mulheres, não é apenas o trabalho de casa, também a roça e demais atividades exigem sua dedicação.

No limiar desta questão está uma divisão que, abandonada na prática, está ainda presente no discurso tanto de homens quanto de mulheres. O trabalho das mulheres fica diluído na quantidade, na variedade das atividades que realiza, aparecendo apenas o trabalho único e específico dos homens.

²⁷ As observações da comunidade, empiricamente feitas pela pesquisadora, contradizem em parte o discurso demonstrado pelo **nós inclusivo**, tendo em vista que as mulheres trabalham em todos os ramos da agricultura presentes no local: fazem roçados e farinha, participam do processo de limpeza da roça e do guaraná, trocam dias de trabalho tanto quanto os homens, e, ainda, cuidam dos filhos, da casa, da comida de forma concomitante.

²⁸ Saindo da esfera lingüística, há que se levar em conta o espaço da comunidade pesquisada, pois para se cozinhar, precisa-se de lenha, já que a maior parte das comidas é feita em fogão à lenha; a roupa é lavada no rio, e algumas roupas de trabalho são grossas. No período de chuva, não se espera o dia de sol, mas faz-se este serviço independente desse fator. Seja para lavar louça ou fazer a comida, precisa-se de água, que é carregada em baldes para suprir esta necessidade. Em época de cheia, o rio fica próximo a casa; na vazante, algumas casas ficam sem água. Abastem-se dos olhos d'água próximos a casa.

Desta questão, muito pode ser analisado no campo social: a mulher trabalha, as crianças trabalham, os jovens trabalham, a família é o centro da organização social. A preocupação com o trabalho, com a manutenção da casa, as negociações parecem ser de responsabilidade do homem, mas a execução do trabalho é tarefa de todos.

A leitura da realidade apresentada possibilita uma reflexão a respeito da divisão do trabalho de homens e mulheres, enfatizando a responsabilidade da mulher no espaço doméstico e de certa forma a invisibilidade das suas contribuições econômicas no meio rural, construída social, cultural e historicamente. Na questão do orçamento doméstico, apesar de uma visível participação da mulher e dos filhos, o homem ainda se situa como o “principal” provedor financeiro da família. Se, de modo geral, homens e mulheres revelam em seus discursos sua invisibilidade, os dados do **nós**, apresentado pelas mulheres, apontam uma mulher ainda mais invisível que os homens. Epstein (1993, p. 101), afirma que:

A posição dominante do homem em relação à mulher tem sido constatada como dado antropológico, isto é, o grande predomínio das sociedades patriarcais, como dado cultural, na própria dimensão política da sexualidade e na desvalorização da atividade produtiva considerada como “vocação” feminina: o trabalho doméstico

Para o autor, esta configuração não tem relação com o que se considera como a “natureza” masculina e feminina, mas está diretamente ligada com os papéis assumidos por homens e mulheres em certos contextos sociais e culturais. Caso estes papéis fossem invertidos, também a função seria invertida.

No que diz respeito à divisão das responsabilidades domésticas e cuidados com os filhos, o discurso aponta para uma mudança, ainda que bastante tímida – posto que a responsabilidade pela casa e filhos continua sendo da mulher e a participação deles é vista apenas como uma “ajuda”. Siqueira (2006, p. 267) enfatiza que: “É comum ouvir a própria mulher dizer depois de horas de trabalho na roça ou fazendo farinha de mandioca que estava “ajudando o marido”, ao invés de dizer que estava trabalhando”. (destaque da autora)

No comportamento masculino, é possível perceber a preocupação dos homens com a educação e criação dos filhos, eles se mostram mais participativos, mas os segmentos analisados evidenciam sua preocupação maior com as questões financeiras. Parece, deste modo, que os sujeitos presentes no discurso da comunidade estão em momento de transição, em que os papéis e posturas de homens e mulheres se encontram em processo de mudança, agregando novas e antigas práticas.

A partir dos segmentos analisados, apresenta-se uma família de preocupações e tensões que se manifestam sob duas óticas: a construção de valores e condutas morais dos filhos e a realização do trabalho, que reflete a parte financeira. O modelo de família tido socialmente como base da sociedade, sinônimo de segurança, o mais importante na vida das pessoas não se apresentou nos segmentos discursivos, porém tanto as construções já apresentadas em “1ª. e 3ª. pessoas”, quanto a construção do **nós** apresentam uma divisão no papel social de homens e mulheres em relação a família.

Observou-se um teor patriarcal nos discursos analisados, tanto no segmento dos homens quanto das mulheres, dando a este um tom tradicional em que o pai é sempre o chefe de família, o provedor, aquele que deve se preocupar com o trabalho e com a parte financeira. Ainda que os discursos apresentem mais conversa, maior diálogo entre pais e filhos; demonstrem a participação das mulheres nas principais decisões, ainda há segmentos das mulheres que apresentam a figura masculina como a detentora de poder na família, como em:

Aqui em casa, tem várias [decisões] que é nós dois, mas tem vezes que é só um. Aqui em casa, nós dois trabalhamos, mas o L. trabalha mais que eu, até o trabalho que ele faz eu não faço.

É perceptível que apenas algumas decisões são tomadas pelo *nós*, quanto ao trabalho, os dois trabalham, mas há uma separação entre o trabalho desenvolvido pelo homem e o desenvolvido pela mulher, aqui, claramente, separado pelas questões físicas, o que permite entender que esta pretensa superioridade do discurso masculino está posta por sua força física.

Os aspectos já apresentados refletem o discurso de que a família possui um papel fundamental no desenvolvimento da socialização e da afetividade, contribuindo para que ela não seja apenas uma rede de relações, mas uma união de papéis que precisam ser trabalhados dentro da convivência social dos indivíduos.

A análise do **nós**, neste trabalho, trouxe questões importantes na organização da família, especialmente nessa comunidade que a tem como base de toda a organização social. A partir da construção do **nós**, questões como trabalho e relações exteriores à comunidade apareceram, em parte reafirmando as outras pessoas do discurso, mas também agregando novos dados.

A relação trabalho X poder aquisitivo da família demonstra o lado da balança do **nós** dessa localidade: o de menor peso no recebimento do pagamento, o de maior peso na produção da matéria prima.

Quanto aos papéis desempenhados pelo **nós** no papel de pai e mãe, foi possível perceber uma relação que se encontra entre o conservador e o moderno, em uma relação de poder desigual: o homem é o provedor, o que trabalha para o sustento da família; a mulher cuida dos filhos, se preocupa com a educação e com a religião. O maior diálogo com os filhos, a participação da família nas principais decisões familiares são evidências de que um novo tempo está sendo construído na comunidade.

III CAPÍTULO

IDEOLOGIA E POLIFONIA: OS ECOS DISCURSIVOS NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO SUJEITO



[...] Todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo. Os próprios limites do enunciado são determinados pela alternância dos sujeitos no discurso. [...]. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva [...]. (Bakhtin, 2010, p. 297)

O sujeito ou os sujeitos que se mostram através da polifonia e da ideologia é objetivo deste capítulo, entendendo que o discurso está relacionado às organizações sociais, aos contextos históricos e por isso não pode ser analisado separado destas questões. Nesta busca de compreender o sentido do material simbólico coletado nas entrevistas com homens e mulheres da comunidade rural Lagunho Nossa Senhora do Carmo, pretende-se traçar um caminho entre a polifonia e a ideologia para que se perceba como esse dizer produz sentidos enquanto um objeto lingüístico-histórico.

Comunicar é agir no mundo, seja para reforçar a estrutura de dominação, para colocar em xeque as estruturas sociais; seja para fazer reaparecer um mundo que não mais existe ou para criar um mundo novo. A linguagem, neste processo, pode ser instrumento de libertação, de mudança ou de opressão, de manutenção de uma ideologia que reforça as injustiças. (FIORIN, 2007). Por isso, o sujeito pode ser entendido como um acontecimento simbólico. “Se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, ele não produz sentidos” (ORLANDI, 2009, p. 49).

Pode-se afirmar que uma das grandes contradições do sujeito está no fato dele produzir o discurso e, ao mesmo tempo, ser produzido por ele. É através das relações sociais que os sujeitos se firmam, é através do olhar do outro que ele constitui a imagem unitária de si mesmo, fazendo com que a subjetividade não aconteça sem a intersubjetividade²⁹. Há um mosaico de vozes que formam um saber sobre si, sobre o outro, estabelecido através dos jogos ideológicos.

²⁹ Isto porque, para Benveniste (2005), o emprego do *eu* é feito quando se instaura um *tu*, fazendo com que a consciência de si seja realizada por contraste, com base na reciprocidade de *eu/tu*.

Tratar da ideologia e da polifonia é adentrar na teia discursiva, que do ponto de vista ideológico significa ir para além das palavras, já que a polifonia apresenta os vários “eus” que constituem o discurso. Como afirma Orlandi (2009, p. 43): “as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória”.

Entrar neste mundo e seguir cada fio dessa teia discursiva possibilitará cumprir o objetivo de identificar as demais vozes que marcam a polifonia na construção discursiva de homens e mulheres da comunidade pesquisada, deixando ver suas relações familiares, que se desdobram em relações sociais de trabalho, de educação e de religião. Assim, primeiro a ideologia será ponto de análise, buscando identificar os sentidos que se apresentam em alguns segmentos discursivos dos sujeitos da comunidade, já que é na língua que ela se concretiza, nas palavras dos sujeitos.

Também a polifonia ganhará espaço neste trabalho para que se possa entender como esse sujeito da comunidade rural que vive o presente se relaciona com as vozes do passado e com as vozes do presente. Esta etapa é importante porque o discurso não se encontra todo reunido no mesmo texto. Ele está disperso por muitos textos, originários de diferentes “autores”, escritos em distintos espaços e em épocas diversas (INDURSKY, 1998, p. 10, APUD RIBEIRO, 2011). Através do exame da materialidade dos dados coletados nas entrevistas e da articulação do discurso com a história, pode-se atingir a discursividade. Assim, as análises feitas aqui se relacionam com a exterioridade e são marcadas pela incompletude, já que o discurso não começa, nem termina naquele que o pronuncia. Outras vozes, em outros contextos, já o pronunciaram e ainda vão pronunciá-lo. É um círculo que está sempre em movimento, ganhando vida nas relações sociais.

Os estudos realizados por Ducrot (1987) Bakhtin (2006), Orlandi (2009) Possenti (2008, 2009) e Sena (1997) conduziram a discussão teórica neste capítulo, dando suporte as análises pretendidas.

3.1 Das palavras aos signos lingüísticos, um mundo ideológico a desvendar

A ideologia é *significado* que remete a algo fora de si mesmo, tal qual o signo, o que leva Bakhtin (2006, p. 31-32) a afirmar que tudo que é ideológico é um signo, por outro lado, sem signo não há ideologia. Entendidos num primeiro momento como objeto natural ou

tecnológico, pode vir a ser um signo e remeter a um sentido para além das suas particularidades. Partindo desse princípio, signo e ideologia estão presentes na realidade ora refletindo-a, ora refratando-a.

A partir das ideologias presentes no discurso de homens e mulheres na Comunidade rural Laguinho Nossa Senhora do Carmo, encontra-se um sujeito confrontado por questões econômicas, sociais e políticas; um trabalhador que sobrevive do seu suor, dos seus braços; um pai e mãe que visualizam um futuro promissor para os filhos a partir da educação; um sujeito produtor de grande riqueza, que constrói a história, ao mesmo tempo em que é fruto dela.

Na composição da vida rural, o homem não compreende a extensão dos seus poderes, não consegue se reconhecer como o criador dos bens materiais e culturais do mundo no qual se encontra, não consegue perceber que o seu produto é matéria prima fonte de grande riqueza econômica para uma grande indústria. Nesta concepção, o trabalho com o guaraná para o homem rural é apenas um meio de sobrevivência. Ele não demonstra, discursivamente, que alguém se beneficia do seu esforço, da sua dedicação. Para esse agricultor, é um processo natural trabalhar, vender seu produto, receber a quantia que quiserem lhe pagar e começar novamente o processo de trabalho ano após ano.

Esse contexto social é um *terreno interindividual* na teoria de Bakhtin (2006), responsável pela concepção de ideologia que é social e econômica por excelência, não psicológica. Através do olhar do *outro* se dá a constituição de uma imagem unitária do *eu*, de modo que o *eu* só tem sentido quando o *outro* lhe atravessa. Por isso, não existe subjetividade sem a intersubjetividade, os dois não se separam por uma fronteira bem definida, pelo contrário, formam um mosaico de vozes, demonstrando um saber sobre si e sobre o outro. Para Souza (2005, p. 51), “o sentido da palavra é o caminho para o resgate daquilo que no homem é sujeito, no qual ele não se anula e nem se desfaz”. No estudo enunciativo de um sujeito, encontra-se um reflexo da realidade, da organização social de indivíduos, regra para a constituição dos signos.

As leis da realidade são as leis da comunicação semiótica, que por sua vez, são diretamente determinadas pelas leis sociais e econômicas. E é na linguagem que estas leis aparecem de forma mais clara e completa. “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência”, já que pode revelar de forma mais sensível e pura as relações sociais de forma *neutra*, pois pode preencher qualquer função ideológica, diferente do signo que é criado por uma determinada função ideológica e mantém-se inseparável dela. (BAKHTIN, 2006, p. 36). Importante ressaltar que a neutralidade só pode existir porque uma única palavra pode ser

utilizada para diferentes fins, mas uma vez que esta seja posta no contexto social e ganhe significado, deixa a neutralidade e entra no campo ideológico, passando a servir aos interesses de alguém ou de alguma instituição.

Nesta relação palavra/signo ideológico, a comunidade analisada deixa transparecer traços da sua construção social. O quadro 11 é uma demonstração de que, tal como propôs Bakhtin, palavra / signo ideológico / construção social estão entrelaçadas para representar a realidade, neste caso, da Comunidade rural amazônica Lagunho Nossa Senhora do Carmo.

PALAVRA	SIGNO IDEOLÓGICO
Trabalho	Força que move a comunidade, principal organização social realizada eminentemente pelas famílias
Dinheiro	Responsável pela aquisição de bens de consumo e de sobrevivência. É escasso e fruto do trabalho da roça e do guaraná. Também se apresenta no esquema de trocas de dias de trabalho.
Estudo	Aposta de futuro promissor para os filhos, capaz de dar uma nova vida para os filhos e para os pais na velhice.
Conversas e Exemplos	O caminho escolhido para que os filhos sejam pessoas de bem.
Cultos da Igreja	Momento para agradecer a Deus e oportunidade para marcar a participação nas atividades comunitárias.

Quadro 11: Relação – palavra/signo ideológico a partir de dados coletados em entrevistas/2010.

Fonte: Entrevista realizada na comunidade rural Lagunho Nossa Senhora do Carmo - 2010.

O campo semântico criado a partir da linguagem não se encerra nas interações estritamente verbais entre os homens, mas se expande e se renova nas interações dos homens com o mundo dos objetos e das relações criadas por eles, sem desconsiderar o mundo que é exterior a comunidade, mas que também influencia suas relações.

Assim, ao se observar as enunciações da comunidade rural, é possível, como afirma Souza (2005, p. 67), “fazer falar o mundo das coisas que age sobre a pessoa” para então desvendar o mundo que os sentidos das palavras encobrem. Ao analisar a palavra *culto* pelo viés de signo ideológico, percebeu-se que este se apresenta sob duas óticas na comunidade: o primeiro, o culto como momento de fé e religiosidade, já bem desenhado pela igreja católica; o segundo, que apresenta interesses da igreja católica e também da organização governamental Municipal e Federal. Nas palavras do sujeito entrevistado:

A igreja veio trazer muito conhecimento pra mim. A gente não é nenhum exemplo, mas eu me sinto realizado em parte pela religião. É importante participar do culto no dia de domingo.

Esse segmento apresenta o culto realizado pela igreja católica como momento de realização, significativo para a construção pessoal, trazendo, inclusive conhecimentos. Já o segmento abaixo, apresenta o outro lado da participação dos sujeitos nos cultos:

O padre mandou fazer um cadastro de todas as famílias pertencentes a cada comunidade. Se for alguém com uma declaração dizendo “eu sou fulano de tal e participo da comunidade fulano de tal” e dá a declaração, ai ele bate lá no cadastro e a pessoa não é de lá, pode até pegar pro coordenador.

Para que se possa entender este segmento além das palavras, é importante ter a clareza de que “[...] apenas metaforicamente a língua deve ser encarada como um instrumento de comunicação: ela não é um fenômeno amorfo e alheio ao que está ao seu redor, mas um trabalho que tem como realização a interação entre o homem e a realidade natural e social [...]”. (SENA, 1997, p. 50). Assim, a realidade social da comunidade rural ajuda a entender esse papel desempenhado pela igreja católica, que vai repercutir diretamente na vida pessoal de cada sujeito da comunidade.

O segmento acima evidencia o signo ideológico presente na palavra culto, quando estende o significado deste para além da perspectiva religiosa e se desdobra em conseqüências na esfera social. Ora, os benefícios como bolsa família e, principalmente, aposentadoria só são efetivados através de documentos que comprovem a participação regular nos acontecimentos da comunidade, inclusive dos cultos e demais atividades realizadas pela igreja católica local.

No campo lingüístico, temos um enunciador instaurado em 3ª. pessoa na figura do *padre* que *mandou fazer um cadastro*, o que revela a autoridade deste. No final do segmento, *o coordenador*, outro enunciador, pode ser punido caso ateste a participação dos moradores sem estes, de fato, pertencerem à comunidade rural. Na figura desses enunciadores, temos uma relação de autoridade e hierarquia que deve ser respeitada. O *padre manda*, o *coordenador* deve seguir as ordens estabelecidas e os *moradores* devem seguir o que está estabelecido pela 1ª. hierarquia, o *padre* – a igreja católica – e também pela 2ª. hierarquia, o *coordenador* da comunidade. O locutor assume o papel de autoridade, não cabendo aos alocutários a discussão das ordens estabelecidas.

A função apresentada no discurso, de comprovar residência, deveria ser dos órgãos governamentais, no entanto está sob domínio da igreja e faz parecer algo normal e positivo, encobrindo a realidade sócio-histórica desta prática. Para Sena, (1997, p. 54): “[...] quanto mais as classes dominantes conseguem ocultar a realidade sócio-histórica que marca as relações sociais, mais reforçado será o seu poder e mais reforçada será a ideologia atrás da qual se abriga”.

O signo ideológico representado na palavra culto³⁰ traz embutido outros signos ideológicos - aposentadoria e benefícios - que refletem a realidade social. Segundo o enunciado:

Aquele que participar tem direito a tudo o que ele precisar referente a comunidade. Têm muitos que não participam e querem ter o mesmo direito daquele que participa corretamente. Por exemplo, hoje tu precisa pegar a declaração do coordenador para uma declaração de benefício. Por exemplo, se vai fazer cadastro no banco tem que ter a declaração do coordenador, se vai fazer bolsa família, salário maternidade também³¹.

Sem adentrar nos meandros da história, o enunciador presente no segmento faz emergir o direito garantido legalmente sob o domínio da igreja. A 3ª. pessoa do discurso se refere indefinidamente aos participantes da comunidade, que se encontram compelidos a participar das atividades comunitárias, sob pena de não receber comprovantes de residência na zona rural efetivados pela coordenação da comunidade.

Há uma marcação que coloca em pólos opostos os que *não participam e querem ter o mesmo direito daquele que participa corretamente*. O direito aqui deve ser entendido como benefícios garantidos legalmente, mas que só podem ser requeridos por aqueles que atestem a participação na comunidade. Outro enfoque deste segmento se refere ao indefinido *tudo*,

³⁰ As comunidades rurais em Maués são organizações que primeiro fazem parte da igreja. A Paróquia Nossa Senhora da Conceição é uma organização social regida pelos Carmelitas que instauram as comunidades rurais como forma de evangelizar a todos, não importando a distância. Segundo dados da própria paróquia, divulgados por Carneiro; Sarquis; Viana (2006), as comunidades rurais totalizam 166, mas apenas 123 estão cadastradas, desconsiderando as aldeias de etnias Sateré-Mawé. Os Carmelitas, em 1798 ergueram uma capela de palha e barro em louvor a Nossa Senhora da Conceição, hoje padroeira de Maués. A igreja é uma forte presença na história de Maués, com grande influencia não só religiosa, mas também social na cidade e nos interiores que se espalham ao longo dos rios. Na comunidade rural observada, há pequenas burocracias que ajudam a manter a presença dos comunitários na igreja local.

³¹ As conversas com a comunidade apresentam registros de pessoas, em outras comunidades, que não conseguiram se aposentar na idade estabelecida pelo Governo Federal como agricultores (55 anos para mulheres e 60 anos para os homens) porque não tinham como comprovar a sua residência na zona rural.

usado como indicador da quantidade de benefícios assegurados aos participantes assíduos da igreja local: *tem direito a tudo o que ele precisar.*

A presença do alocutário reforça esta questão, trazendo-o para exemplificar o que pode acontecer com aqueles que não cumprem com o que está estabelecido: *hoje tu precisa pegar a declaração do coordenador para uma declaração de benefício [...] se vai fazer cadastro no banco tem que ter a declaração do coordenador, se vai fazer bolsa família, salário maternidade também.*

Este discurso, aparentemente sem interesse e de ordem organizacional, demonstra que nessa hierarquia, os *comunitários*, estão, de certa forma, presos à igreja - representada na figura do *padre*, já que se institui legalmente como responsável por dar fé da residência e participação na comunidade rural³².

A partir desse entendimento, pode-se afirmar que o signo ideológico – culto apresentado pelos sujeitos entrevistados já passou por diversos sentidos, mas ganhou um novo no decorrer de sua existência social e histórica e ainda não está completamente definido na esfera social, poderá alcançar outros sentidos. Importante ressaltar que somente levando em consideração as relações sociais locais é que esta palavra ganha o sentido aqui apresentado.

Nesta relação palavra/signo/ideologia, certamente a igreja ganha novos sentidos, que embora não seja o foco desta pesquisa, não é possível passar por ela sem comentá-la, principalmente porque está presente no discurso dos sujeitos, tanto a igreja que faz culto para agradecer a Deus e solicitar sua ajuda, quanto à igreja que se institui como lei dos homens, que assume responsabilidades da instância governamental. Estes segmentos discursivos apresentados põem em evidência relações que se materializam no discurso, mas que são construídos historicamente, pois: “O falante não opera com a literalidade como algo fixo e irredutível, uma vez que não há um sentido único e prévio, mas um sentido instituído historicamente na relação do sujeito com a língua e que faz parte das condições de produção do discurso”. (ORLANDI, 2009, p.52)

Trabalho, dinheiro, estudo são outros três signos ideológicos que mantêm relação entre si e significam mais que simples sobrevivência. No campo social, o trabalho se apresenta como razão de estarem naquela comunidade, é o que os faz permanecer ali e investir tempo na realização do mesmo. Não é apenas a forma de ganhar dinheiro ou de sobreviver, é a herança dos pais, é o trabalho de outras gerações que continua, é a memória dos que já se foram e ainda sobrevive no terreno deixado de herança, nos pés de guaraná plantados, na dignidade de

³² Na esfera social local, percebeu-se, através da entrevista com o coordenador da comunidade, que é exigência da prefeitura haver igreja para construir uma escola, já que isso indica certa organização.

ser um trabalhador da terra e dela sobreviver sendo pessoas, como queriam seus antepassados, trabalhadoras e honestas.

Pode-se mesmo dizer que o trabalho faz destes homens e mulheres sujeitos, já que com essa força constroem a organização social, familiar e cunham valores morais que lhes dão dignidade. O trabalho tem uma importância tal, que quando se solicitou que eles se definissem, a grande maioria se identificou como um trabalhador, porque é isso que eminentemente são, mesmo quando vão aos cultos, quando são pais e mães, quando vão à cidade, quando reclamam a assistência governamental.

Para melhor entender o que o trabalho representa para os pais e mães, alguns segmentos com as ações dos pais ajudam a compreender o trabalho para além da questão econômica.

Eu acho que pelas crianças que a gente vive. Das crianças nasce um futuro. A gente precisa colocar elas num bom caminho para poder ter um futuro melhor. Elas precisam saber trabalhar para poder saber como lidar na vida.

O enunciado apresenta um locutor que se coloca como aquele que vive em função de outros, no caso, as crianças. Este locutor instaura um enunciatador que tem um futuro, deve seguir um bom caminho para assim ter um futuro melhor, deve saber trabalhar para saber lidar na vida. Neste segmento, o trabalho aparece como condição para saber viver e conseqüentemente ter um bom futuro. Já no segmento abaixo, pode-se visualizar a relação trabalho-estudo na fala do sujeito:

A gente quer a melhora dos filhos, das crianças, porque eu estou acostumado desde pequeno trabalhando por ali, aprendendo. Eu digo para eles que quando a pessoa não quer estudar, tem que pelo menos assinar o nome e aprender a caçar, a pescar a ser bem mandado. Quando não quer estudar deve trabalhar. Eu apresento os dois, o trabalho e o estudo, se não der certo num, dá no outro.

Apresenta-se um locutor que está acostumado a trabalhar desde cedo, cujo aprendizado se deu a partir de sua relação com o trabalho. Instaura, em seguida, um enunciatador que são *as pessoas*, especificamente aquelas que não querem estudar. Estas devem saber: pelo menos assinar o nome, caçar, pescar, ser bem mandado. As características exigidas aos que não tem estudo são do campo do trabalho e uma está voltada para uma conduta que remete à passividade, à obediência – *ser bem mandado*.

O locutor também se coloca numa perspectiva de respeito à escolha do sujeito, já que *apresenta*, não impõe, o trabalho e o estudo. A escolha definirá a constituição do indivíduo que precisa de um ou outro para se construir enquanto sujeito que *sabe lidar com a vida*.

No campo ideológico, os que caçam, pescam, só sabem assinar o nome são mandados, estão sob o domínio de outros e para sobreviver precisam saber obedecer. Os dois pólos presentes nos segmentos, o trabalho e o estudo, são possibilidades para construir os valores necessários à vida. A questão econômica, tão ligada ao trabalho, não aparece nestas falas, o que leva ao entendimento de que o trabalho, nestes discursos, está para além da recompensa financeira. A visão de mundo, do estudo e do trabalho como meio de construção dos valores, atrela-se a linguagem e expressa a vida real, pois “o discurso materializa as representações ideológicas. As idéias, as representações não existem fora dos quadros lingüísticos. Por conseguinte, as formações ideológicas só ganham existência nas formações discursivas” (FIORIN, 2007, p. 34)

Como demonstrado, o trabalho é mais que o pão, é a construção da personalidade, dos valores, do caráter que começa na infância e se estende nas demais etapas da vida. O trabalho é uma espécie de ordem local, é o elo que entrelaça os sujeitos. Construção de valores morais e trabalho caminham mesmo de mãos dadas, são marcas de sujeitos sociais que sentem orgulho de participarem da construção da vida, ainda que para eles estejam restritos à comunidade local.

Outra característica do trabalho, presente do discurso, diz respeito à necessidade da participação das crianças, o segmento abaixo confirma que:

Nós não podemos cumprir o estatuto da criança, deixando nossos filhos sem fazer nenhum trabalho, senão, como vamos viver?

Para tratar desta questão, há um enunciador que se coloca como *nós* e não pode cumprir as leis de amparo às crianças e adolescentes, pois isso implica em ter dificuldade para viver. O que se coloca aqui é a necessidade do enunciador, extensiva aos demais participantes deste discurso, em ter os filhos auxiliando no trabalho, como forma de garantir a sobrevivência.

Além de auxiliar na construção dos valores, o trabalho também é necessário para a sobrevivência. É fundamental que *os filhos*, mesmo sendo crianças, colaborem com alguns afazeres. Importante ressaltar a presença do indefinido *nenhum* se referindo ao *trabalho*, num claro entendimento de que o Estatuto ao qual se refere o enunciador proíbe todo e qualquer

trabalho dos menores, por isso enfatiza não poder deixar *nossos filhos sem fazer nenhum trabalho*. A presença do indefinido indica também que o enunciador não tem clareza do que realmente está previsto neste Estatuto, sabe apenas que o trabalho dos filhos é determinante para a vida, ou melhor, para a sobrevivência.

Para ampliar esta análise, outro segmento apresenta um locutor *eu* centrado no trabalho para evitar as privações econômicas e leva esta prática aos filhos numerosos. Para dar mais ênfase à necessidade de saber trabalhar com os filhos, cria um enunciador no plural, trazendo *a gente/nós* para expandir o discurso e dividi-lo com os demais participantes da localidade.

A quantidade de filhos é importante para o trabalho e para a sobrevivência, mas é preciso ensinar-lhes como proceder nesta relação, pois a mão de obra – os filhos – precisa ser bem orientada para trazer o resultado esperado, como demonstra o segmento abaixo:

Eu criei 12 filhos, procurei trabalhar pra não padecer porque é importante a gente saber trabalhar com os filhos da gente. Não adianta ter um monte de filho e não saber trabalhar.

O trabalho também está diretamente ligado ao dinheiro³³. O enunciado de um morador da comunidade confirma que:

O trabalho é o pão de cada dia de várias formas: farinha, beiju, tapioca, dinheiro mesmo. Com muito sacrifício, mas ela dá. Não se compra nada de valor com o dinheiro da farinha, só pra manter as necessidades. Com o dinheiro do guaraná, quando o fabrico é bom, se a gente não for extraviado, compra alguma coisa que apareça.

O enunciador evidencia o trabalho como sobrevivência atrelada ao sacrifício. Reforça o entendimento de que um segmento mercadológico, a farinha, não possibilita grandes

³³ De acordo com as observações realizadas, o dinheiro na comunidade se apresenta de duas formas: em espécie e em troca de dias de trabalho. A primeira se dá quando, segundo os dados, se fabrica a farinha para ser vendida, na maioria das vezes, em um comércio flutuante próximo à comunidade rural. Neste caso, o que se vê são produtos do gênero alimentício, restando apenas pouca quantia em espécie para demais necessidades. Ainda se consegue dinheiro, no período denominado fábrica do guaraná, quando se faz a colheita e a venda do produto. Essa é uma época, que dependendo da produtividade e do preço do produto, pode ser mais farta. É com essa renda que se expandem os ramos de trabalho: a compra de outro terreno, de gado; a construção ou reforma da casa; a compra de motor de luz, rabeta etc. O dinheiro também aparece no esquema de troca de dias de trabalho. Este pode ser de duas formas: o agricultor trabalha X dias para o outro, que depois lhe devolverá esses mesmos dias de trabalho. Pode ser ainda em uma espécie de sociedade. Duas famílias se unem para plantar roça no terreno de uma delas, mas o produto é dividido ao meio. Estas relações comerciais informais são feitas sem grandes acordos ou reuniões, estabelecem-se de forma natural e todos cumprem a parte que lhes cabe.

ganhos, mas é fundamental para auxiliar nas necessidades básicas. O plural, marcado pelo *a gente/nós* apresenta outro segmento mais rentável – o guaraná, porém estabelece algumas condições para adquirir este ganho superior: *quando o fabrico é bom, se a gente não for extraviado, compra alguma coisa que apareça.*

Neste segmento, as questões econômicas do trabalho se destacam mais e reforçam questões anteriores de dificuldade, sacrifício para se apropriar dos ganhos advindos do trabalho. Visto sob uma ótica mais interior do discurso, as condições estabelecidas pela conjunção condicional *se* e pela conjunção temporal *quando* denunciam que o trabalho é certo, mas o retorno depende de fatores naturais e pessoais.

Como se pode ver, o trabalho se apresenta em dimensões diferentes na constituição familiar: é o construtor dos valores morais, é a necessidade do envolvimento de todos, inclusive das crianças e é o meio de subsistência financeira. Aquilo que, aparentemente, está sob uma única esfera, pode ser entendido sob diversos ângulos quando visto a partir do discurso, do signo ideológico. Para Bakhtin (2006, p. 141):

[...] A sociedade em transformação alarga-se para integrar o ser em transformação. Nada pode permanecer estável nesse processo. É por isso que a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias.

Dando continuidade a análise, o estudo será analisado a partir de uma esfera ideológica, já que, assim como o trabalho, traz outros sentidos que fazem este signo se expandir para além da palavra. Como já demonstrado anteriormente, o estudo promete uma vida mais confortável e com possibilidade de trabalho menos pesado e o segmento abaixo descrito revela um ganho para todos os que dele participam direta ou indiretamente:

Eu falo que ela tem que estudar, o que vai ser melhor para ela mesma e pra nós, porque vai ajudar a gente.

O locutor deixa ver que o estudo será bom tanto para o delocutário, *ela mesma*, quanto para o enunciador que se faz ver através do *nós*. Nesta relação, o estudo amplia os ganhos e se estende não só para os que dele se apropriam, mas para os que indiretamente participam dele.

No discurso, o estudo é a chave que abrirá portas para um novo tempo, um trabalho melhor, recompensa financeira e reconhecimento que juntos trarão maior respeito da sociedade para os sujeitos em questão. A palavra estudo, ideologicamente, se transforma em

uma espécie de antídoto para trazer novo trabalho e dinheiro mais fácil e farto, é um porvir que se contrapõe ao que foi apresentado antes, o trabalho.

Na análise feita por Bourdieu (2008), quando trata do sentido do estudo para os originários do interior, o autor demonstra que o certificado ganha nova simbologia quando as classes de menor prestígio econômico passam a freqüentar a escola, já que não basta ter acesso ao ensino para ter êxito nele, ou mesmo ter êxito no ensino secundário para ter acesso à posição social possibilitada pelo diploma. Nessa linha de pensamento,

[...] a instituição escolar tende a ser considerada cada vez mais, tanto pelas famílias quanto pelos próprios alunos, como um engodo, fonte de uma imensa decepção coletiva: essa espécie de terra prometida, semelhante ao horizonte, que recua na medida em que se avança em sua direção. (BOURDIEU, 2008, P.221)

Para os sujeitos do discurso analisado anteriormente, a escola não é um engodo, é uma aposta de futuro melhor, porém eles não apostam todas as suas fichas neste segmento, pois não têm ainda comprovação de que o estudo garantirá, efetivamente, a sobrevivência de forma digna. O trabalho, como já demonstrado, lhes dá a certeza de comida e honradez, que o estudo ainda não pode garantir. Simbolicamente, o estudo é como propôs Bourdieu, um horizonte do qual tentam aproximar os filhos para chegar à terra prometida e usufruir dos benefícios deste paraíso, mas ainda duvidam que realmente essa terra prometida exista.³⁴ Em outro segmento:

Eu mando meus filhos pra escola e acompanho. Tenho preocupação de fazer ele ir pra aula, entrar na escola, mas a gente não pode deixar os filhos só estudando, tem que ajudar no trabalho, porque se não gostar de estudar tem que trabalhar, se não, não vai ter o que fazer quando crescer e vai mexer nas coisas dos outros.

O locutor *eu*, ao usar o verbo *mandar*, enfatiza a sua ação de investir no estudo do filho e reforça a ação com o verbo *acompanhar*. O segmento seguinte evidencia a *preocupação* do locutor em fazer com que os *filhos* – agora no papel do delocutário, cheguem à escola, participem do que ela pode oferecer.

Dando continuidade ao segmento, o locutor *eu* dá espaço ao enunciador *a gente/nós* que passa a assumir a voz do enunciado, como para ampliar esta ação para demais vozes. Não

³⁴ Durante as entrevistas, perguntou-se aos pais e mães, se num dia de muito trabalho os filhos iam à escola ou ficavam ajudando os pais, dos 16 entrevistados, 6 disseram que os filhos precisavam ajudar em casa. No caso de ter muitos filhos, faz-se uma divisão, naquele dia vão alguns e ficam outros para ajudar. 10 afirmaram que ficam sozinhos realizando o trabalho e seus filhos vão para a escola. As respostas demonstram que o estudo é importante, mas que o trabalho reclama a presença constante de muitas pessoas, o que faz os pais em alguns dias privarem seus filhos da escola.

há somente uma mudança na pessoa do enunciado, mas também o tema do discurso sai do estudo e vai para o trabalho.

O segmento dá conta de que não só o estudo pode ser parte da vida dos filhos, o trabalho é a opção daqueles que não gostam de estudar. Um dado significativo é o fato de *ter o que fazer quando crescer*, a preocupação com o futuro, com valores morais capazes de construir pessoas de bem. Ideologicamente, o estudo é uma aposta para um futuro, que está atrelado ao trabalho, pois as crianças e os jovens não se dedicam apenas aos estudos, como pode ser visto no enunciado de um sujeito na função social de pai:

Se não quer estudar, bora trabalhar porque ai num vai tá padecendo por ai. Eu aconselho estudar, mas tem que trabalhar. Sempre cuidando dos dois. Se tá estudando lá em Maués, quando chegar as férias vem pra cá pra trabalhar, pra ajudar, só porque vem de Maués e tá estudando não quer mais trabalhar? Tem que trabalhar.

Esse enunciado deixa ver a incerteza do enunciador diante da escola. Se o filho não quiser estudar, como vai sobreviver se também não sabe trabalhar? Tem-se a convicção do enunciador diante do trabalho, certamente porque é nesse campo que sente segurança. Ele sabe que algumas pessoas conseguem outros trabalhos em função do estudo, por isso investe nele, na esperança de que alguns dos filhos cheguem a esta condição.

Por outro lado, há a preocupação com a formação do caráter dos filhos. Será que somente o estudo conseguirá formar os valores desejados pelo enunciador? No campo do trabalho eles sabem como formá-los, por isso o trabalho é o presente, é a certeza, enquanto o estudo é o horizonte, o porvir, a aposta. Essa desconfiança em relação ao estudo também pode ser analisada em função das diferenças sociais estabelecidas. Novamente, Bourdieu serve como base para a análise:

E fazem com que o sistema de ensino, amplamente aberto a todos e, no entanto, estritamente reservado a alguns, consiga a façanha de reunir as aparências da “democratização” com a realidade da produção que se realiza em um grau superior de dissimulação, portanto com efeito acentuado de legitimação social. (BOURDIEU, 2008, P.223)

O segmento discursivo de uma mulher reafirma essa mesma situação:

A aula daqui não é como a da cidade. Se o aluno fizer tarefa tá bom, se não, por isso fica. Aqui aqueles que tiverem condição de sair pra estudar noutra paragem ainda vão conseguir ser alguém, conseguir

alguma coisa, que a aula daqui é só pra desemburrar. Os meninos daqui todo ano eles entram na aula, eles sabem alguma coisa, mas não é muito, é só pra desenrascar. A aula daqui é muito fraca.

Nesse enunciado, tem-se uma oposição de espaços que se confrontam e se mostram desiguais. O aqui, espaço rural e a cidade se apresentam no discurso como campos sociais diferentes. O aqui representa a invisibilidade, mesmo diante do estudo; a cidade é o espaço onde se pode conseguir um estudo melhor e a visibilidade, o reconhecimento para ser alguém. O aqui se relaciona ao estudo como forma para saber alguma coisa e *desenrascar*, mas não garante o que Bourdieu (2008) afirmou acima como democratização do ensino, que visto sob uma máscara está mais acessível a todos, porém está limitado quanto ao seu conteúdo, às estruturas das escolas, à metodologia adotada.

Das palavras para os signos, dos signos para a ideologia, assim é possível se aproximar de realidades sociais inscritas nas palavras, demonstrando estreita relação linguagem/sociedade. Quando se propôs este trabalho de pesquisa, o interesse era adentrar neste universo feito de palavras e sentidos, de enunciados e sujeitos que se fazem sujeitos pela língua e que deixam rastros de sua vida social, cultural e histórica.

O sujeito, quando interpelado pela ideologia, é chamado à existência através da relação do simbólico com o mundo a se inscrever na história por meio da discursividade. Orlandi (2009, p. 47) acredita que:

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. [...].

É importante nesta relação sentido/mundo, ideologia/sujeito entender os sujeitos desta comunidade a partir dessa constituição, já que são moradores de uma zona rural, distante das tecnologias e recursos sociais mais desenvolvidos da saúde e da educação; são trabalhadores do guaraná, produto internacionalmente consumido e fonte de muita riqueza; aparentemente esquecidos pelo poder público que os deixa a própria sorte; mas que acreditam no seu trabalho e investem em estudo para os filhos, ainda que com certa parcimônia.

Para entender o sujeito na Análise do Discurso, é preciso voltar os olhos para os contextos históricos e sociais. Histórico, porque não está alienado do mundo que o cerca. Social, porque é apreendido num espaço coletivo. A noção de sujeito, nesta perspectiva, deixa

de ser idealista, imanente, pois o sujeito da linguagem não é o sujeito em si, mas é como existe socialmente, interpelado pela ideologia.

A ideologia constitutiva dos sujeitos desta comunidade embaralha instituições como família, trabalho, educação e religião estreitando essas relações de forma que não é possível entender uma sem entender outra. Neste campo social, o sujeito aparentemente pacato e sem expressão econômica é um sujeito envolto em uma complexidade própria das organizações sociais de grandes centros. Essa idéia de que o homem rural está apenas ligado ao meio natural, que vive a mesma vida sempre, cai por terra quando se percebe que as ideologias globais interferem no local, dando novo dinamismo e complexidade a essas organizações, exigindo renovações constantes e redimensionamentos sociais, econômicos e culturais. Para Morin (2008, p. 25):

Trata-se de procurar sempre as relações e inter-retro-ações entre cada fenômeno e seu contexto, as relações de reciprocidade todo/partes: como uma modificação local repercute sobre o todo e como uma modificação do todo repercute sobre as partes. Trata-se, ao mesmo tempo, de reconhecer a unidade dentro do diverso, o diverso dentro da unidade; de reconhecer, por exemplo, a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, as diversidades individuais e culturais em meio à unidade humana.

As inscrições ideológicas dessa comunidade rural evidenciam um homem singular, mas refletem os contextos globais que o tornam um sujeito ao mesmo tempo rural e urbano, produtor e consumidor de cultura, representante do seu tempo, mas entranhado de outras vozes. Para que se possa fazer uma análise mais ampla desse sujeito, é preciso seguir a proposta de Morin (2008, p. 25): “para pensar localizadamente, é preciso pensar globalmente, como para pensar globalmente é preciso pensar localizadamente”.

Bakhtin (2006) analisa o signo na realidade ou no saber do indivíduo que o produz; entendendo essa relação no interior de um sistema de signos. Seus estudos preconizam dependência do signo com as significações ideológicas, por isso, separar a linguagem de seu conteúdo ideológico é ter uma visão pela metade, pois a linguagem não é um sistema pronto.

As inscrições ideológicas analisadas nesta pesquisa demonstram relações sociais e históricas, por exemplo: o trabalho das crianças não é apenas auxílio, mas construção de caráter, de valores; a igreja local presta contas da participação dos comunitários à igreja de Maués e esta instituição, em princípio de cunho religioso, atesta para fins legais a residência dos moradores na zona rural.

Está posto que o centro da organização social na comunidade pesquisada é a família, que, de várias maneiras, atua, dando dinamismo às relações sociais, econômicas e políticas

locais, construindo sentidos e história; fazendo e refazendo ideologias que se manifestam em seus discursos e se materializam em suas ações.

3.2 Mosaicos de vozes: sujeitos de ontem e hoje

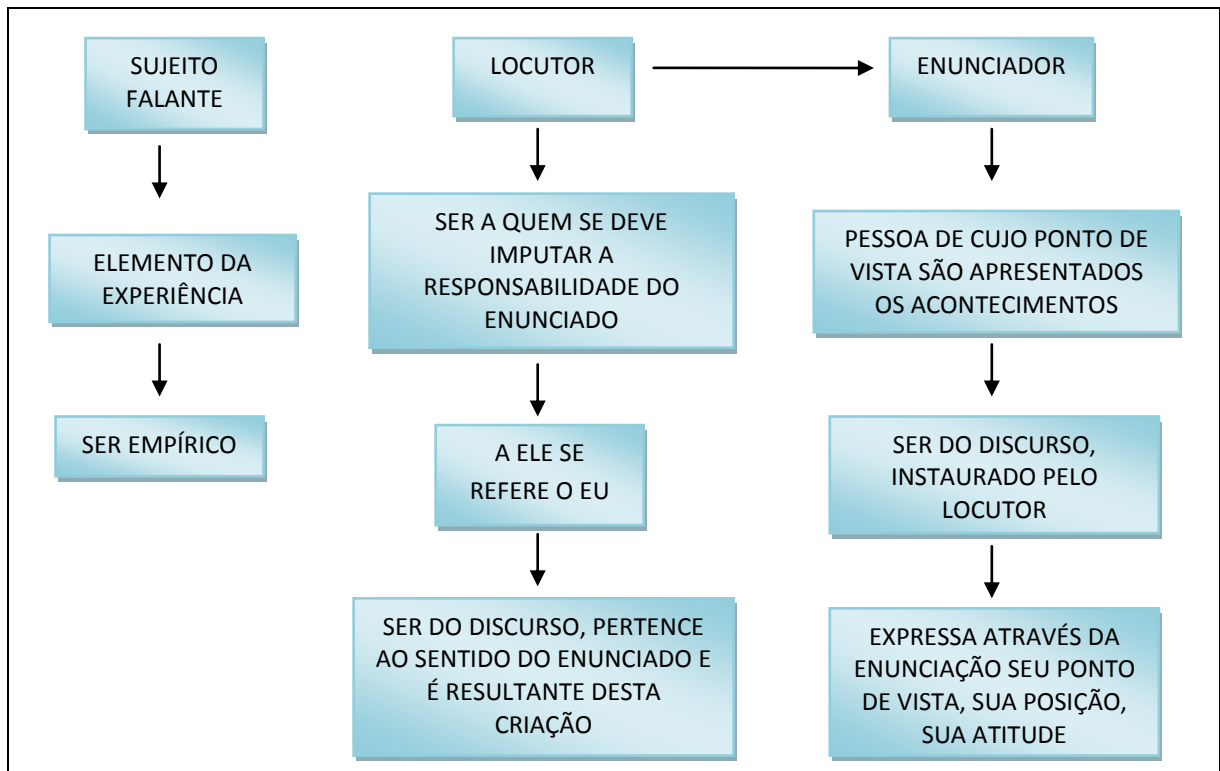
Quando fazemos uso da língua em suas variadas formas, nem sempre estão claras as várias pessoas que emergem desses enunciados, pois os discursos vão em direção a outros discursos. O que parece ser o início de uma enunciação, própria de um sujeito específico, está atravessada por vozes outras que o antecederam, numa batalha sem fim, que legitima as práticas atuais ou as condenam. Fernandes (2005, p. 35) afirma que “compreender o sujeito discursivo requer compreender quais são as vozes sociais que se fazem presentes em sua voz”.

É nesta construção de sujeito constituído por vários “eus”, em que não há um centro do ser, mas várias vozes enunciativas, que se quer refletir as enunciações da Comunidade rural Lagunho Nossa Senhora do Carmo, buscando identificar as demais vozes que marcam a polifonia na construção discursiva de homens e mulheres.

Para estabelecer a enunciação, Ducrot apresenta três acepções: primeiramente, é uma atividade psico-fisiológica o que implica a produção do enunciado, sem desconsiderar as influências sociais que condicionam tal ato; como segunda acepção, tem em mente que “a enunciação é produto da atividade do sujeito falante”; como terceiro aspecto, apresenta o acontecimento do discurso, quando se dá existência a algo que não existia antes de se falar e que também não existirá mais depois desse ato, assim essa aparição momentânea do discurso é a enunciação (DUCROT, 1987, P. 168).

Quanto à construção do sujeito, Ducrot (1987) também estabelece 3 propriedades para essa construção, são elas: é um ser dotado de capacidade psico-fisiológica necessária para que se produza o enunciado; é o autor, a origem dos atos ilocutórios que se realizam na produção de um enunciado, em outras palavras, o sujeito é aquele que afirma, pergunta, reclama etc.; como terceira propriedade, o sujeito é designado em um enunciado pela 1ª. pessoa.

Para desvendar os vários papéis assumidos pelos sujeitos, as teorias de Ducrot (1987) e os estudos realizados por Bakhtin (2006) ajudam a destacar os fios dessa teia discursiva que é a polifonia. O quadro teórico 12 demonstra a contribuição de Ducrot quanto à construção da polifonia.



Quadro 12: Quadro Teórico: Distinção entre Falante/Locutor/Enunciador.
Fonte: elaborado pela pesquisadora a partir da teoria de Ducrot (1987).

Para Ducrot, o sentido do enunciado se dá na descrição do mesmo, que por sua vez indica, no seu próprio sentido, sobre o(os) autor(es) eventual(is) da enunciação. Essas vozes que emergem na enunciação fazem parte do discurso ainda que tenham tido existência no campo social. Assim, o autor estabelece diferença entre o sujeito falante, o locutor e o enunciador, como visto no quadro 12, que podem mesmo ser comparados a uma teia em que cada fio representa uma voz a emergir do discurso de um ser empírico.

Certamente do ponto de vista empírico, a enunciação é ação de um único sujeito falante, mas a imagem que o enunciado dá dela é a de uma troca, de um diálogo, ou ainda de uma hierarquia de falas. Não há paradoxo neste caso senão se confunde o locutor – que para mim é uma ficção discursiva – com o sujeito falante – que é um elemento da experiência. (DUCROT, 1987, p. 187)

Quando se coloca em questão as enunciações dos moradores da comunidade pesquisada, essa troca, esse diálogo, essa hierarquia de falas, demonstra a estreita relação dos sujeitos do agora com os sujeitos do passado. Nessa teia discursiva, os locutores são homens

e mulheres a enfatizar suas opiniões, os enunciadores personificam seus pais e avós, ora demonstrando suas falas, ora evidenciando suas ações, como será apresentado no quadro 13.

LOCUTOR	ENUNCIADOR ₁	ENUNCIADOR ₂
Eu acho que antes tinha mais conversa, por mais que lá em casa aconteceu certas coisas erradas,	mas o papai e a mamãe conversavam bastante com a gente, falavam tudo sobre a vida, até quando a gente se queixa de alguma coisa,	a mamãe diz: eu não falava para vocês, mas vocês quiseram passar pelo mesmo caminho que já tinha passado eu falava que nesse caminho ia ter pedra, algum obstáculo.
Meus pais nunca me deram mau exemplo de ser um pai beberão, só tem os atritos com a mamãe, mais de briga de casal [...] [...] então eu tenho mais preocupação ainda porque há 30 anos as coisas não eram tão assim, está evoluindo o crime que pode botar o ser humano a perder.	[...] Tem pai que não tem responsabilidade, não tem amor pelos seus filhos, não tem a mínima preocupação com os filhos, tão fazendo o que querem e os pais não se importam [...]	[...] mas eles, nesse ponto meus pais tiveram essa preocupação [...]
Antes quase a gente não conversava quase com o pai da gente, basta que o pai da gente era brabo que só.	quando eles estavam conversando: vai fazer outra coisa, quer estar escutando conversa.	
Eu acho que sobre negócio de estudo,	que o papai com a mamã sobre outras coisas eles eram bem organizados, mas sobre estudo não. Se quisesse ir bem, se não quisesse, eles não estavam nem aí.	
O pior que aqui tá tudo mudado, aquele negócio de vizinhança como tinha de 1º, não tem mais não. Se tu tiver dinheiro pra comprar um pedaço de carne, de peixe vai comer, se não, já era. Aquilo lá já foi no tempo dos que morreram, no tempo do meu pai. É tudo comprado se quiser comer, beber. [VOZ DO ENUNCIADOR] →		
E pra voltar tá difícil, talvez na outra geração. Essa geração de agora já é outra. Naquele tempo era de um jeito, agora já é outro.	- Leva um pedacinho de comida lá pra fulana, qualquer coisa lá pra fulana.	
Eu fui uma pessoa que andei uma parte desse mundo e quando eu sai da casa do meu pai [...] e ensina mesmo, como a gente pode viver.	ele disse que o mundo ensina a gente [...]	

Quadro 13: Construção do Locutor e do Enunciador a partir da fala de homens e mulheres da comunidade pesquisada.

Fonte: Entrevista realizada na comunidade rural Laginho Nossa Senhora do Carmo - 2010.

Analisando o quadro 13 é possível perceber as relações sociais estabelecidas pelos sujeitos do presente com os sujeitos do passado. Temos uma espécie de saudosismo e um confronto de posicionamentos que na organização do momento já não cabe mais, tendo em vista que:

Essa geração de agora já é outra. Naquele tempo era de um jeito, agora já é outro.

Dizeres como: “no meu tempo”, “quando eu era criança”, “com meus pais era diferente” são comuns nas conversas entre pais e filhos, avós e netos. Este choque entre gerações tem sido apontado, inclusive, como causador de pequenos desentendimentos entre pais e filhos, já que os valores mudam rapidamente, sem que os pais consigam acompanhar as novas ordens sociais e econômicas que se estabelecem.

Considerando as observações de Ducrot, o locutor marca um posicionamento quando diz:

Eu acho que antes tinha mais conversa [...]. Antes quase a gente não conversava [...] o pai da gente era brabo que só. Eu acho que sobre negócio de estudo. O pior que aqui tá tudo mudado, aquele negócio de vizinhança como tinha de 1º, não tem mais não. Aquilo lá já foi no tempo dos que morreram, no tempo do meu pai.

Há 1 segmento em que o Locutor demonstra sua trajetória de vida: “*Eu fui uma pessoa que andei uma parte desse mundo[...]*” e outro em que traz a tona a atitude dos seus pais em relação a criação dos filhos, retomando mais adiante para enfatizar suas próprias ações hoje como pai.

O Locutor, enquanto ser responsável pelo enunciado aparece apenas para marcar posicionamentos, para trazer à lembrança os ecos de enunciadorees presentes em sua memória, organizando pontos de vistas e atitudes destes. Por outro lado, o enunciadoree não responde pelo material lingüístico utilizado, que é de responsabilidade do locutor. “Dizendo que o locutor faz de sua enunciação uma espécie de representação, em que a fala é dada a diferentes personagens, os enunciadorees, alarga-se a noção de ato de linguagem”. (DUCROT, 1987, p. 217)

Quanto aos enunciadorees dos segmentos apresentados nesta etapa do trabalho, observam-se sujeitos do passado - pais e mães - cujas vozes ecoam no dia-a-dia desses pais e mães do presente. Os enunciadorees referem-se aos conselhos e conversas, às atitudes que tinham, aos valores daquele tempo. Em dois enunciados, temos falas em discurso direto, uma espécie de reprodução da fala dos pais:

“vai fazer outra coisa, quer estar escutando conversa”, “Leva um pedacinho de comida lá pra fulana, qualquer coisa lá pra fulana”.

Neste caso de discurso direto, Bakhtin (2010) afirma que se ouvem nitidamente os ecos da alternância dos sujeitos que se tornam perceptíveis e parecem ganhar mais vida no discurso. As falas em discurso direto nos segmentos analisados marcam uma separação entre dois tempos, demonstram duas ações dos enunciadores, a primeira define o tratamento destinado às crianças, evidenciando um tempo em que lugar de criança era longe dos adultos e das conversas, quando havia dois mundos distintos e bem separados: o dos adultos e o das crianças. Não era comum que crianças conversassem com os adultos, que se intrometessem trazendo quaisquer contribuições quando estes estavam conversando. Era comum controlar as atitudes destas apenas com o olhar do pai ou da mãe, sem que precisassem usar de palavras – ao menos enquanto estivesse fora de casa ou com a visita em casa – já que cada ato errado seria severamente punido com peias e castigos, como confirma o enunciado: *“papai batia na gente por qualquer coisa”*.

A segunda ação depreendida dos segmentos em discurso direto indica uma prática comum no tempo passado, na vida comunitária, de divisão de comida³⁵. O segmento dá conta de que essa ação pertence *aos mortos*, representação do passado, e pode levar ao entendimento de que enquanto prática social não é mais seguida. Essa mudança ainda é muito sentida por sujeitos que tiveram mais acesso a tal prática social, que ainda viram seus pais e avós tendo essa atitude, o que reflete no discurso:

Antigamente, se eu matasse uma caça, mandava um pedaço, pelo menos pro meu irmão aqui do lado. Hoje, tanto faz eu ou ele, se pegar alguma comida ninguém divide, nem sabe se tá precisando.

O discurso aponta um *eu* que, no passado, tende à divisão do que caça, do que consegue para manter as necessidades básicas. Já no presente, esse mesmo *eu* se desprende dessa prática e demonstra certo distanciamento em relação às necessidades dos demais sujeitos com os quais mantêm relação social.

Talvez uma análise mais ingênua dos segmentos desse conta de que os sujeitos de agora são mais egoístas e menos solidárias, só se interessam por dinheiro, não pelo bem

³⁵ Essa prática, na vida social, consistia em dividir a comida adquirida entre os vizinhos mais próximos, garantindo que se um morador tivesse comida, um grupo seria beneficiado. Se a pesca de um fosse boa, seria comida na mesa de muitas famílias. Em época de peixe escasso, as caças, o feijão e todo alimento que se conseguisse eram divididos.

comum como antes, porém, o estudo de Santos (2001) apresenta uma interpretação possível para a mudança de ação dos sujeitos. As relações sociais, econômicas criam necessidades eternas, de possuir bens que jamais serão suficientes para satisfazer as necessidades.³⁶

A idéia de que os sujeitos da zona rural estão imunes às relações globais é abandonada, pois, ainda que em escala diferente, eles também estão envolvidos nas teias ideológicas do capitalismo e se adaptam às suas regras e às necessidade criadas em nome do bem estar e do conforto.

Possenti (2009, p. 73) acredita em sujeitos ativos, cujas ações se dão no interior dos sistemas em processo em que “nada é estanque, nem totalmente estruturado”. Isto nos leva a entender que todo e qualquer enunciado se dá em uma interdependência só possível de acontecer levando em consideração a experiência individual, recheada de valores sociais circunscritas no contexto social do falante. Não se pode entender o extraverbal como algo que age fora do enunciado, mas é uma força integrada ao mesmo.

Os demais segmentos polifônicos ressoam também a voz do passado, um segmento reproduzido em discurso indireto: *ele disse que o mundo ensina a gente e ensina mesmo, como a gente pode viver* evidencia a voz do enunciador/pai ao filho para lhe dizer do ensinamento que adquiriria com o mundo, sendo em seguida confirmado pelo locutor: *e ensina mesmo, como a gente pode viver*.

O segmento abaixo deixa ver o enunciador em duas posições que destoam com os investimentos do presente. De um lado, há uma evidência do interesse *do pai e da mãe*, de como eram organizados em relação a outros aspectos, mas em relação ao estudo, era uma decisão que deixavam por conta dos filhos. Essa é uma demonstração de que este assunto: estudo estava em segundo plano para o enunciador.

O papai e a mamãe conversavam bastante com a gente, falavam tudo sobre a vida, o papai com a mamãe sobre outras coisas eles eram bem organizados, mas sobre estudo não. Se quisesse ir bem, se não quisesse, eles não estavam nem aí.

Neste caso, o discurso, somado às relações sociais, permite ter um entendimento ampliado desta questão, pois não se pode julgar que os sujeitos do passado eram

³⁶ Observando as relações sociais da comunidade rural, percebe-se que não é mais suficiente apenas a lamparina, o motor de luz é indispensável, sem ele, a televisão e o DVD deixam de existir. Telefone celular, como nas áreas urbanas, é também um artigo de extrema necessidade, ainda que este só seja utilizado aos domingos, na vila da comunidade, quando ligado à antena. Uma canoa maior, um rabeta e um motor de luz com mais potência são necessidades sempre urgentes. Há ainda que investir em algo para o futuro: gado e novas propriedades, sempre que possível.

desinteressados pelo estudo dos filhos a ponto de atribuir a eles a decisão de freqüentar ou não a escola. O tempo, como diz o enunciado, é outro, no passado não havia tantas possibilidades de estudo quanto hoje³⁷, como é revelado no segmento discursivo:

Eu tenho contato com essas pessoas que não tiveram essa oportunidade que hoje estão tendo. O governo dá o maior apoio pras crianças e pros jovens. Eu me lembro que há 15 anos, há 20 anos atrás não tinha toda essa facilidade. Eu me lembro que quando eu ia estudar, nós tinha que andar por dentro da mata e hoje em dia o transporte vem buscar no porto da casa, tem merenda, material tudo é por conta do governo. Essas pessoas não tiveram a oportunidade que tem hoje.

Tem-se um locutor *eu* marcando a diferença entre os tempos e as pessoas, quando o estudo era mais dificultado por questões físicas do espaço rural. Na verdade, tem-se 3 tempos instituídos, em cada um a situação do estudo é diferente e também as pessoas do discurso: o primeiro, quando o enunciador se apresenta como as pessoas que não tinham a oportunidade; o segundo, quando as distâncias eram maiores e o locutor assume o posicionamento discursivo, instaurando as lembranças de um tempo em que para estudar era preciso vencer as distâncias próprias do lugar; o terceiro tempo se apresenta na voz do enunciador como *o governo* que, no presente, dá condição para um estudo com menos dificuldade e possibilita condução, alimentação escolar, material didático.

Batista (2006) demonstra em seus estudos o descaso na educação, em especial no interior, em que havia professores efetivados devido aos 10 anos de regência escolar, sem que tivessem sequer sido bem alfabetizados. Era condição para ser professor ter o ensino básico: saber ler, escrever e fazer conta. Isso bastava para ensinar as crianças no interior. Diz o autor: “dificilmente os normalistas se abalançam a ensinar nas cadeiras do interior: se forem, vão ganhando uma ninharia, menos que um ordenado de fome, sem passagens fornecidas pelo Estado, sem ajuda de custo e sem terem onde se alojar [...]”. O autor destaca ainda as instituições escolares, dando conta do improvisado de suas construções.

Tanto os discursos apresentados pelos sujeitos da zona rural, quanto os estudos sociais e históricos dão conta de que o estudo na atualidade está mais acessível, se não em todos os aspectos, pelo menos no acesso à escola. Apesar de o estudo não ser o único investimento dos

³⁷ Há condução para buscar e deixar as crianças e jovens em suas casas, os professores são mais cobrados e ainda que não seja o ideal – professores com a devida formação acadêmica – estão em tese mais aptos ao ensino, já que sua formação é maior que dos professores de outrora.

sujeitos e estes entenderem que não se apresenta na sua plenitude, há um reconhecimento de que em outros tempos foi mais difícil.

O ontem e o hoje se contrapõem e iluminam o cenário social de sujeitos que vêem a história se transformar diante de si e, certamente, com sua participação. Todos esses fatores apresentados fazem com que o estudo tenha mais proximidade com os sujeitos do presente que do passado. Não é sinal de desinteresse, é uma realidade que se mostra diferente, com regras outras que levam a ações condizentes com o presente.³⁸

Os locutores e enunciadores presentes no discurso de homens e mulheres sinalizam que o tempo atual traz uma nova proposta para a educação, mas afasta a comunidade de práticas mais solidárias, instituindo um sujeito lingüístico que transita entre a demarcação de uma posição, de idéias do locutor e dos exemplos e ações de enunciadores que representam pais, mães e avós.

Essas vozes discursivas, mesmo distantes uma das outras, mesmo pertencentes a tempos e espaços diferentes, que aparentemente não sabem uma das outras, quando se fundem em sentido apresentam relações dialógicas (BAKHTIN, 2010, p. 330), pois: “na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais [...], quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente”.

Construir o sujeito a partir dos dados coletados implica em vê-lo sob vários ângulos, a partir de várias vozes que vão representar: o seu lugar, a sua história, as suas relações sociais. O sujeito analisado nesta pesquisa está atravessado por tempos passados, por práticas sociais que se desfizeram, por um trabalho constante e duro, por uma proposta que lhes aponta outra construção social e econômica: o estudo, que por fatores sociais e políticos ainda é limitado e não está construído como certeza de um futuro melhor.

Certamente, as comunidades rurais na Amazônia apresentam uma organização social diferente de outros espaços rurais no Brasil, trazem especificidades na forma de trabalho, na organização do espaço, na construção cotidiana da vida. No caso da comunidade estudada, embora estejam rodeados por outras comunidades, próximos da cidade de Maués, em alguns aspectos, são únicos em suas ações, na construção e organização do espaço, do trabalho, das relações sociais, porém, segundo Arendt (2009), só se tornam comunidade porque agem em conjunto, porque elaboram e seguem leis, pois não há homens isolados fazendo suas próprias leis.

³⁸ Para relacionar ao contexto social, é bom destacar que Maués, atualmente, conta com Ensino Médio e Ensino Superior, já há 50 anos, o Ensino Médio era privilégio da capital Manaus.

Em cada plantação, em cada conversa ao longo do rio, em cada produto fabricado e vendido, em cada decisão tomada, ações se fazem, decisões são tomadas. Esses espaços passam a ser um espaço de construção de sentido e de ações, diretamente ligados.

Ainda nesta relação de vozes que se entrecruzam num mesmo enunciado, Bakhtin (2010) é autor importante por entender que a verdadeira substância da língua se constitui pelo fenômeno social da interação verbal, realizado através da enunciação. Para este autor, o sujeito emerge do outro, por isso é dialógico, seu conhecimento está pautado no discurso que ele produz, não é possível perceber e estudar o sujeito como se ele fosse uma coisa, posto que ele não pode permanecer sujeito se ele não tem voz; por outro lado, seu conhecimento só pode ser *dialógico*. O *eu*, para Bakhtin, não é monádico e nem autônomo, ele existe a partir do diálogo com os outros *eus*; necessita da colaboração de outros para poder definir-se e ser “autor” de si mesmo. Nas palavras do próprio autor:

Em realidade, repetimos, todo enunciado, além do seu objeto, sempre responde (no sentido amplo da palavra) de uma forma ou de outra aos enunciados do outro que o antecederam. O falante não é um Adão, e por isso o próprio objeto do seu discurso se torna inevitavelmente um palco de encontro com opiniões de interlocutores imediatos [...] ou com pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias, etc [...]. Tudo isso é discurso do outro (de forma pessoal ou impessoal), e este não pode deixar de refletir-se no enunciado. (BAKHTIN, 2010, p. 300)

Nos enunciados analisados, é possível perceber como esse dialogismo acontece, seja quando os sujeitos trazem à tona a voz de seus pais e avós, de forma consciente; ou ainda, quando sua voz já se apropriou de idéias, de pensamentos de outros, sem conseguir separar as vozes, entendendo-as como se fossem apenas suas opiniões, suas falas.

O quadro 14 demonstra um diálogo que se propaga através do tempo, rompe barreiras e deixa marcado o presente com ecos do passado, seja de forma positiva: a participação dos filhos nas decisões da família, inclusive as crianças tem direitos de se manifestar, não são afastadas das conversas, podem dar sua opinião e são corrigidas sempre que necessário; o diálogo entre pais e filhos, mais evidente hoje que antes; a opção por outros meios de correção dos filhos que não seja o castigo físico. Há, por outro lado, uma voz indicando que nos tempos idos havia mais respeito.

HOMENS	MULHER
A nossa criação daquela época é diferente dessa de hoje, naquele tempo havia respeito. Se Deus o livre, estivesse conversando com uma pessoa assim e os filhos passassem no meio, quando o visitante saísse de casa a gente ia apanhar. A	Bater, papai batia muito na gente. Até por causa se a gente não fizesse uma coisinha ele batia mesmo, batia muito. Eu me lembro que até com 18 anos eu apanhei muito do papai. Eu não bato nos meus filhos, mesmo

criação de antigamente era outra.	quando estão errados, chamo eles pra não bater, eu tenho muita pena de bater neles.
Hoje em dia nessa parte, eu nunca fui mal aconselhado pelos meus pais, nunca fui mandado fazer algo que desagradasse eles, nem me deram mal exemplo de nada, mas só que não tinha aquela conversa, aquele diálogo de família, de pai pra filho, de filho pra mãe, aquele carinho assim. Só no momento preciso, momento que eu me achei muito preciso eles foram positivos nessa parte me ajudaram, já eu não, eu procuro conversar mais com meus filhos, incentivar e mostrar qual é o ponto porque eu já com 32 anos sei o que é bom e o que é ruim na vida, incentivo também minha esposa pra dar incentivo para elas porque só o que o mundo oferece não é importante tem que saber viver. Eles nunca me chamaram para conversar. Eu todo dia tenho essa obrigação de conversar com elas. Procuro fazer o máximo.	Naquele tempo meu pai era brabo, ele não deixava eu andar por ai, hoje meus filhos passeiam. Hoje já é outra geração e eu acho que todo mundo tem direito de se divertir, de passear, de brincar.
Na minha época tinha respeito mesmo. Hoje o negócio tá muito virado.	O que eu aprendi com meu pai é o trabalho e as coisa da igreja católica, eu repasso para os meus filhos. Reza
	Hoje em dia, a gente está conversando com o marido, os filhos estão aí ouvindo.

Quadro 14: Segmentos discursivos de homens e mulheres em relação a construção da polifonia

Fonte: Entrevista realizada na comunidade rural Laguinho Nossa Senhora do Carmo - 2010.

Essa relação dialógica do enunciado é para Bakhtin (2010, p.300) “um elo na cadeia da comunicação discursiva”, portanto, não pode ser entendido “separado dos elos precedentes”, posto que são fatores determinantes para criar as atitudes responsivas diretas e as ressonâncias dialógicas. O tempo presente traz marcas do tempo passado, traz vozes que ora são afirmadas, ora são negadas, estabelecendo uma teia discursiva em que várias vozes se cruzam, se misturam.

Vários “eus” constituem o sujeito. O seu interior está impregnado por várias vozes, de modo que, quando fala, o seu dizer não mais lhe pertence: “Ele é polifônico, uma vez que é portador de várias vozes enunciativas. Ele é dividido, pois carrega consigo vários tipos de saberes, dos quais uns são conscientes, outros são não-conscientes, outros ainda inconscientes” (CHARAUDEAU, 2004, p. 458).

O “eu” pluralizado se constitui na e pela interação verbal. “É múltiplo porque atravessa e é atravessado por vários discursos, porque não se relaciona mecanicamente com a ordem social da qual faz parte, por que representa vários papéis etc.” (ORLANDI, 2009, p. 11). O sujeito é caracterizado pela incompletude, que vai se apagando de acordo com a função enunciativa que o sujeito assume. Na cadeia hierárquica, esse apagamento acontece instaurando o locutor/ enunciador/ autor.

O discurso polifônico analisado nos segmentos demonstra um sujeito que se encontra dividido entre a configuração do mundo com suas regras atuais e os valores recebidos dos pais e avós que destoam do presente. São homens e mulheres que vivem o agora, com ecos do passado a lhes lembrar de outras formas de vida, de outras construções sociais. Mas também são homens e mulheres com ecos do presente, validando ou rejeitando os valores, as normas atuais de organização social.

Tanto homens quanto mulheres indicam a coerção como forma de impor limites, presente em uma geração passada, de construir valores importantes para aqueles pais, como obediência, distanciamento do mundo adulto:

Se Deus o livre, estivesse conversando com uma pessoa assim e os filhos passassem no meio, quando o visitante saísse de casa a gente ia apanhar.

Os olhares agressivos simbolizavam o erro dos filhos; a peia, o castigo físico servia para ensinar como agir corretamente: “*Bater, papai batia muito na gente [...]*”. É possível observar que no segmento do homem, ele vê essas ações como construção de respeito:

A nossa criação daquela época é diferente dessa de hoje, naquele tempo havia respeito.

Esse enunciado do homem dá validade a essa prática ainda hoje, entendendo que respeito se constrói a partir da punição, inclusive física. Estabelecem-se dois mundos: o antigo, melhor porque havia respeito e o de hoje, “virado”, entendido como sem respeito:

Na minha época tinha respeito mesmo. Hoje o negócio tá muito virado.

Aqui, não é possível depreender exatamente o que seja entendido como respeito, mas há indícios que levam a entender esta palavra como obediência total ao que os pais decidem, a passividade de filhos que devem ser calados e distantes do mundo adulto, submetendo-se aos quereres do pai/mãe.

Contrapondo-se a visão de passividade, de submissão dos filhos, há um encontro de vozes reforçando o que a análise feita no capítulo 2 já demonstrava: há, na relação pais e filhos atual, maior diálogo, maior participação dos filhos na vida familiar, não há uma separação radical entre o mundo dos pais e o mundo dos filhos. Se a construção familiar

anterior aconselhava, sem se interessar pela resposta dos filhos, a construção familiar atual prevê a conversa, o diálogo. Importante diferenciar as duas palavras usadas no discurso do homem:

*eu nunca fui mal **aconselhado** pelos meus pais, nunca fui mandado fazer algo que desagradasse eles, nem me deram mal exemplo de nada, mas só que não tinha aquela **conversa**, aquele **diálogo** de família, de pai pra filho, de filho pra mãe, aquele **carinho** assim.*

Evidencia-se que o conselho prevê uma atitude passiva do ouvinte, o que não acontece porque, segundo Bakhtin (2010), o critério mais importante da conclusividade de um enunciado é a possibilidade de resposta, como será destacado posteriormente. Já a conversa, o diálogo ainda mais, traz para a realidade discursiva uma troca de falas que se fundem, se completam, se contradizem.

Outro ponto desse segmento revela que este sujeito considera a atitude de conversa como um carinho, possibilitando a ele se posicionar, dando-lhe o direito de ser alguém discursivamente, o que só pode ser feito por aqueles que respeitam suas opiniões.

Esse dado representado na fala do homem revela uma ruptura com práticas antigas repercutidas no ditado popular do: “faz o que eu digo, não faz o que eu faço”. Com base nesse segmento, levando em consideração que é o homem quem manifesta a importância do diálogo, chega-se a conclusão de que uma nova prática está se instalando neste espaço social. Mas o que pensar das marcações analisadas acima, quando este mesmo sujeito/homem evidencia a criação dos filhos daquela época como diferente dessa de hoje, quando havia respeito?

Esse discurso, em parte se mostra contraditório: acredita na conversa, no diálogo com os filhos, porém vê essa mesma criação como sinônimo de desrespeito. Isso pode ser o indicativo de que mesmo lenta e gradual já acontece uma mudança nas relações familiares. O diálogo é uma construção nas famílias, que não está ainda consolidado, embora seja visto como positivo. O fato de o filho ter liberdade de se expressar, de discordar, de apresentar sua visão de mundo causa estranhamento para aqueles que, diante de seus pais, se mantinham calados, obedientes. A autonomia conseguida pelos jovens, que lhes permitem sair, se divertir, se expressar parece um ato de rebeldia, de bagunça.

O mundo virou, transformou-se, trouxe um novo tempo para as relações familiares na comunidade pesquisada. As novas práticas circulam entre o velho modo de ser e os homens já

se apresentam abertos a novas práticas, embora agarrados a outro tempo. O discurso dos homens, analisado na construção da polifonia, traz traços do conservadorismo: *na minha época havia mais respeito*, mas também abre espaço para a construção de uma família que conversa, que dialoga, que tem carinho entre seus participantes.

O novo e o velho se unem e pouco a pouco um se sobrepõem ao outro. Para a mulher parece mais fácil aceitar a nova perspectiva de construção familiar, do novo que bate à parta, tendo em vista que seu discurso não revela grande apego ao sistema anterior, embora reconheça a mudança, inclusive, a prática da surra, do castigo físico é rebatida com veemência.

A mulher demonstra aversão ao castigo físico e sua atitude diante desse fato é evitar a prática comum quando esta era criança. Essa idéia de educar através da peia é repudiada por ela e afastada da sua prática de mãe, como pode ser visto no segmento:

Bater, papai batia muito na gente. Até por causa se a gente não fizesse uma coisinha ele batia mesmo, batia muito. Eu me lembro que até com 18 anos eu apanhei muito do papai. Eu não bato nos meus filhos, mesmo quando estão errados, chamo eles pra não bater, eu tenho muita pena de bater neles.

Há um enunciador que representa a voz do pai, visto como agressor, que batia por qualquer motivo. Em seguida a voz do locutor traz a lembrança de que não foi apenas na infância que esta prática aconteceu. Se compararmos os segmentos entre homens e mulheres, o homem apenas indica a prática do castigo físico, já a mulher se mostra mais ofendida, mais afetada por essa situação, o que pode revelar que tal prática deixou marcas na mulher que ainda hoje existem, por isso, busca outras formas de correção para os seus filhos.

No discurso da mulher, observado no segmento abaixo, o tempo passado deixa transparecer o seqüestro da subjetividade, quando os pais traçavam o futuro dos filhos:

Naquele tempo meu pai era brabo, ele não deixava eu andar por ai, hoje meus filhos passeiam. Hoje já é outra geração e eu acho que todo mundo tem direito de se divertir, de passear, de brincar.

É como se houvesse uma comemoração pelo tempo ido e se aplaudisse o novo tempo de participação na festas, nos passeios, onde se tem o direito à diversão. Isso demonstra não só uma maior autonomia dada aos filhos, mas também uma projeção da mulher nos filhos

daquilo que não teve outrora. Quando se coloca como locutor, a mulher dá o direito às ações que ela não pôde executar no passado.

Outro dado significativo, presente nos segmentos analisados, revela que os enunciadores – pais/homens – eram os que batiam, os que não permitiam a diversão, os que controlavam os filhos. A autoridade estava, de acordo com esses enunciados, nas mãos do homem. Trazendo o discurso para o entendimento do locutor, as mulheres afirmam outras práticas e se apresentam mais abertas ao mundo de hoje que traz possibilidades para construir um mundo com mais igualdade, mais participação de todos da família. Esses dados reforçam o tom patriarcal e conservador desses discursos em relação à família, que se encontra em um ciclo em que novo e velho se batem, ora afirmando os costumes anteriores, ora negando-os.

Cabe salientar que o sujeito do discurso não está somente autorizado a falar, a receber passivamente a voz dos outros, sem que o ouvinte tenha o direito à palavra, mesmo quando este permanece calado, pois quando percebe e compreende o significado do discurso, coloca-se com uma ativa posição responsiva: “concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara para usá-lo, etc” (BAKHTIN, 2010, p. 271). Essa atitude responsiva se dá durante todo o processo de conversa enquanto ouve e compreende desde o início em que o falante se coloca, já que:

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza responsiva [...]; toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz real alta. (BAKHTIN, 2010, P.271)

Para Bakhtin (2010), esta resposta não necessariamente nasce no momento seguinte que o falante encerra sua fala, pode sofrer um efeito retardado, porém cedo ou tarde, aquilo que foi ouvido e compreendido gerará uma resposta nos discursos seguintes ou se manifestará no comportamento. O próprio falante espera por essa atitude responsiva do ouvinte.

Assim, não se pode afirmar que os sujeitos presentes no discurso da comunidade rural pesquisada estejam apenas a ressoar os ecos do passado, assumem, também, uma situação responsiva no discurso e em suas ações, quando refutam ações que não acreditam como boas para a criação dos filhos, isto está posto de forma clara, nas conversas, na participação dos filhos nas conversas familiares, na preferência pela conversa, pelo conselho em substituição

ao castigo físico. Esses pais e mães assumem um novo discurso, que contradiz as ações anteriores.

Essa atitude responsiva também pode ser vista em segmentos que respondem ao mundo conservador, tradicionalmente construído ao longo do tempo, e ainda se mantém como prática atual: a atribuição de papéis diferentes a homens e mulheres na organização familiar e, conseqüentemente, na organização social; o receio por um tempo que se descortina como “virado”, sem respeito.

O que se quer evidenciar é que os sujeitos, mesmo prenes do discurso de outros, não estão passivos e somente aceitam o que se estabelece discursivamente. Eles agem, não são um lugar por onde os discursos passam. Nesse entendimento, dois princípios postulados por Possenti (2009, p. 80) explicitam esta idéia:

Cada discurso é integralmente ideológico e/ou inconsciente e integralmente cooperativo e interpessoal – para evitar a idéia de que o sujeito diz o que diz materializando as suas intenções e a de que o sujeito não tem nenhum poder de manobra e que o interlocutor concreto é irrelevante;
O falante sabe (integralmente) o que está dizendo e ilude-se (integralmente) se pensar que sabe o que diz (ou que só diz o que quer) – para evitar que se desconheçam os saberes que os sujeitos acumulam em sua prática histórica e que se conclua disso que nada lhes é estranho ou desconhecido.

As entrevistas realizadas na comunidade deixaram ver o mundo que se esconde no discurso, as ações que se materializam e se tornam marcas de um sujeito que está organizado socialmente e politicamente em uma comunidade rural. Elas deixaram também aparecer uma organização social estabelecida a partir do trabalho, da família, da religião e de suas ações. O mundo é visto através do discurso e está reproduzido na fala das pessoas desta comunidade, pois a linguagem influencia o comportamento do homem, traz em si um sistema de valores, estereótipos de comportamentos humanos com carga positiva ou negativa, que só existem enquanto linguagem porque existem como prática social.

SUJEITOS EM BUSCA DE VISIBILIDADE (A TÍTULO DE CONSIDERAÇÕES FINAIS)



Sob o céu estrelado ou a escutar o barulho da chuva, a comunidade rural Lagunho Nossa Senhora do Carmo, campo desta pesquisa, dorme um sono de esperança de tempos melhores, de dias que sejam mais justos e dignos, com mais fartura, mais estudo e trabalho menos pesado. Não sonha com príncipes encantados para salvá-la da torre do castelo porque sabe que sua vida está longe de ser um conto de fadas, sabe que a terra lhe cobra suor, força, vontade, coragem, trabalho para lhe entregar o pão.

Ainda assim, apesar da dureza do trabalho, do sacrifício para criar seus filhos, o homem que ali reside se transforma em sujeito todos os dias quando decide permanecer na comunidade rural e trabalhar, cuidar dos filhos, investindo em educação e na construção de um trabalhador, homem e mulher de bem, tementes a Deus.

Buscando descrever as marcas discursivas da pessoa (1^a. – **eu**, 3^a. – **ele** e plural - **nós**) a partir do discurso de homens e mulheres no desempenho dos papéis sociais de pai e mãe, fez-se uma análise das pessoas presentes em segmentos discursivos coletados em entrevista no ano de 2010.

A análise das pessoas do discurso deixou ver as marcas do sujeito/homem/mulher desta zona rural diante da criação dos filhos, da organização familiar enquanto sujeito constituído pela linguagem, fundamentado na realidade do ser, estabelecendo o conceito de 'ego'. Assim, basicamente, a 1^a. pessoa do discurso extraído de segmentos discursivos de homens, na função social de pai, pode ser resumida em ações: conversas, conselhos, ralhos, e, intenções: dar exemplo para servir de ensinamento: não se embriagar, possibilitar educação, religião e trabalhar. Já a mulher, no papel social de mãe tem como grande meta a educação, o cuidado, a orientação, as conversas, isto porque a educação não é entendida como uma construção da escola, ela envolve a família e não está voltada apenas para os conhecimentos sistematizados, mas para as questões relacionadas à valores – coisas do bem – e à religião – coisas de Deus.

São papéis discursivos e sociais diferentes que se instituem nos enunciados de homem e mulher. Em certa medida, a dominação do homem ainda se mostra nos verbos de ação, na voz firme dos verbos no indicativo, mas é possível também perceber que esse tom tradicional do homem como comandante e único detentor de poder na família, pouco a pouco, se pulveriza. Ao mesmo tempo, a mulher já reconhece o seu trabalho, a sua ação, ainda que em seu discurso a questão econômica seja de responsabilidade do homem.

Os segmentos analisados demonstraram, na 1ª. pessoa do discurso, a ação dos sujeitos diante da criação dos filhos, cuja base está em conversar, aconselhar, dar exemplo e investir em educação, religião e trabalho. Estendendo esta análise para os verbos, é possível ver três lados do homem quanto à função social de pai: se mostra aberto a conversa; é carinhoso; conselheiro; dá bons exemplos; busca ser conciliador e inclusivo. O segundo lado se irrita, se aborrece, não mede palavras para tratar dos problemas. O terceiro se apresenta como autoritário, não quer que as filhas procurem cair no mundo. Demonstra-se neste enunciado a complexidade da tarefa social de criar os filhos, principalmente quando o futuro que se almeja descarta o trabalho braçal, a gravidez precoce, o envolvimento com drogas e álcool.

O ego que se estabeleceu, quando se refere à família, age com carinho, conversa, dá conselhos, é firme, pede ajuda da esposa para uma ação em conjunto. Todas essas ações são para lutar contra uma 3ª. pessoa: “o mundo”, que simboliza os perigos sociais, já citados acima e se opõe aos preceitos de Deus.

A 1ª. pessoa deixou ver ainda as experiências e as dificuldades vividas no local, para incentivar a uma nova prática dos filhos. A observação da prática dos pais, do trabalho difícil, da falta de oportunidades, dos erros cometidos – as mães engravidaram cedo e casaram-se em função disso, deixando o estudo para trás –, da falta de estudo é um apelo para uma nova prática, é um exemplo de quanto a vida pode ser difícil, mas que não precisa se repetir. Aqui, têm-se dois lados do **eu**: um que serve de exemplo porque suas atitudes são corretas; outro que serve como um exemplo para não ser seguido. Estes enunciados estão revestidos de um tom tradicional e desigual, em que o homem se apresenta como superior à mulher.

Tal comportamento discursivo demonstrou que mais que boas atitudes, bom caráter, há algo mais para sair do trabalho braçal, por isso os pais e mães não servem como paradigma, já que eles não têm estudo. Essas ações são marcadas pela 1ª. pessoa que representa a fala aos filhos, um caso de interdiscurso, evidenciando a preocupação com o estudo, indicando que não basta saber ler e escrever, é preciso prosseguir os estudos e chegar aos níveis maiores de ensino, o que seria o ensino médio e o ensino superior.

De fato, o mundo do discurso, quando exposto à análise, deixa ver mais que simples palavras, estendem-se para além de marcas gramaticais para referenciar as pessoas. Se a 1ª. pessoa marca o ego, a 3ª. pessoa quer ser impessoal, trazendo outras trilhas para se seguir.

A 3ª. pessoa no discurso do pai se referiu às filhas através do pronome “elas” e, à “maioria da juventude”. Há indicativos também de que - “elas” - 3ª. pessoa do discurso não devem cair no mundo, dizer recorrente nas entrevistas realizadas na comunidade, enfatizando o estudo para conseguir uma profissão que os façam ser vistos, diferentemente do que enunciam os pais, que afirmam não serem reconhecidos. “Ser alguém” é uma marcação feita em 3ª. pessoa para representar o desejo de visibilidade.

A construção da 3ª. pessoa também se refere aos filhos, demonstrando preocupações e cuidados, bem como inquietação quanto ao presente e quanto ao futuro. Essas marcas discursivas caracterizam a necessidade de reforçar/marcar que **eles**, os filhos, estão presentes não apenas discursivamente, mas determinam as ações de homens e mulheres desta comunidade rural. Há também segmentos discursivos em 3ª. pessoa que referenciam o marido de duas maneiras: agindo sem levar em conta a opinião da mulher, outra, incluindo-a nas decisões.

Há uma marcação da 3ª. pessoa que demonstra um distanciamento, um afastamento e apareceram normalmente para identificar pessoas que não devem servir de exemplo, devem ser evitadas: homens e mulheres que fumam e bebem. Outra referência feita na 3ª. pessoa remete à mulher, que de modo geral, no segmento apresentado, é aquela que mais age. Nesta mesma perspectiva está o jovem da comunidade de difícil relacionamento, não se sabe ao certo quem são eles.

Pessoas que podem validar as ações dos filhos ou negá-las também apareceram referenciadas em 3ª. pessoa, numa demonstração de que não se age isoladamente, há um grupo que pode ou não gostar das ações praticadas por outros. Também foi apresentado em 3ª. pessoa, uma referência a Deus, força que aparece como fundamental para a organização da comunidade.

Discursivamente, sujeitos se apresentam distantes do poder público e podem contar com Deus, apresentado em 3ª. pessoa, mas também presente na construção do **eu** e do **nós**. Esses sujeitos demonstram em seus enunciados que a sua história não é de fartura nem de visibilidade, pois estes são, segundo a análise realizada na construção da 3ª. pessoa, ninguém, reclamam o direito de ser alguém aos filhos, que somente conseguirão esta condição pelo estudo, não pelo trabalho duro e difícil com a terra.

Neste círculo discursivo da marca das pessoas, de homens e mulheres, o **nós** apresentou na pesquisa duas grandes preocupações: o trabalho e a família. Para os homens, o trabalho é responsável pela subsistência, sem ele “a família padece, sofre necessidades, vê os outros com algum dinheiro e deseja”.

Quanto aos dizeres mais comuns aos filhos, a preocupação da mulher se volta para o estudo, visto como possibilidade de se tornar alguém. A mãe entende que o ensino Médio não é o fim dos estudos, o filho deve continuar para que o estudo seja a porta para um emprego com mais vantagens. A experiência da mãe, a dificuldade vivida por não ter estudo são aspectos importantes para que o filho perceba a importância do estudo, porém, a mãe demonstra, também, que incentiva os filhos para o trabalho porque acredita que é através dele que se pode suprir os desejos e necessidades materiais.

Quando se perguntou a respeito da função do homem na criação dos filhos, a mulher demonstra que o trabalho é a grande contribuição do pai, principalmente porque existem determinados trabalhos que são executados pelos homens devido à questão física. O papel do homem na criação dos filhos é o de prover o sustento através do trabalho, as demais preocupações ficam a cargo da mãe.

Este é outro dado que reflete a mulher sob uma perspectiva de segundo plano, pois o provedor, aquele que efetivamente trabalha é quem, tradicionalmente, detém o poder. Os trabalhos realizados pela mulher são secundários e desaparecem diante do trabalho que traz como recompensa a questão financeira. Essa caracterização pode indicar que se os homens reclamam da invisibilidade, a mulher está ainda mais invisível, pois seu trabalho não aparece como valor pecuniário.

O trabalho não é apenas uma forma social e econômica nesta comunidade, é a construção da cidadania, pois ele é responsável em cunhar valores morais, só conseguidos através do trabalho, que em conjunto com os valores apreendidos pela igreja criarão homens e mulheres de bem. Diretamente, o trabalho é familiar e envolve todos nesta atividade, é o que move a ação das pessoas, é o sustento, a fonte econômica que mantém as famílias. Os sujeitos se apresentam como produtores de dois produtos: a farinha – que lhe proporciona os gêneros alimentícios básicos e o guaraná, que dentro de algumas limitações pode lhes render bens de maior valor econômico. É, ainda, o meio de construir os valores morais dos filhos, para que na ausência do estudo consigam ter como sobreviver.

A religião e a educação também são fatores importantes que estão juntos na voz do sujeito: “eu procuro ajudar na parte da educação e da religião que é o tema principal da nossa vida”. A educação tem sido incentivada como forma de construir um futuro outro que não

seja a vida do trabalho braçal. O pai acredita que poderá ter uma situação diferente se seus filhos tiverem acesso à educação e acima de tudo, se tiverem dedicação nos estudos, pois não basta ter condições de frequentar a escola, é preciso haver, por parte dos filhos, interesse, vontade, dedicação para que “elas [filhas] sejam alguém na vida, o que vai servir pra elas mesmas”.

Os pais se empenham tanto em ações quando em conversas, buscam determinar um conjunto de valores que desempenhariam o papel de regulador da vida de seus filhos com vistas a uma nova construção social, e, de acordo com os segmentos analisados só será possível se os filhos realizarem tal ato, porque o destino dos pais, “dos mais velhos”, já está definido.

Se os sentidos são produzidos levando em consideração os lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução, há um lugar de fala restrito ao contexto social, cultural, histórico do sujeito. É de lá que ele se pronuncia e define a si e ao mundo. Foi o que se buscou através desta pesquisa: deixar falar o homem da comunidade amazônica a respeito de suas ações no campo familiar, para assim retratar a comunidade rural e não falar *a respeito* dela, de modo impessoal e distante. Isso aconteceu quando se analisaram os dados coletados nas entrevistas, deixando o lingüístico revelar o social e assim fazer surgir um sujeito lingüístico que é visível, que existe ao se colocar como **eu**.

A análise feita neste trabalho objetivou a interação, o diálogo, levando em conta as posições, as contradições, as representações lingüísticas do pensamento da comunidade estudada, porque se entendeu esta realidade como polifacética: não eram apenas homens e mulheres, estavam inseridos em um contexto social de trabalhadores da terra, pouco remunerados, sem estudo, excluídos socialmente; pertencentes a um contexto histórico de forte presença da igreja católica, o que justifica a referência a Deus e os torna, de certa forma, ideologicamente presos à igreja e suas organizações, que nesta comunidade são muito próprias, como se pode observar quanto da análise feita à luz da ideologia.

O culto, analisado pelo viés da ideologia, não se configura apenas como um ritual da igreja católica, mas está ligado à instância governamental, fazendo com que os sujeitos estejam presos à igreja para que possam ter o atestado de residência na zona rural, necessário para qualquer empreendimento no banco ou para dar entrada em benefícios oferecidos pelo governo.

Questões relacionadas à igreja, escola e ao trabalho caminharam junto à família. A escola para os sujeitos, de acordo com os dados analisados ao longo do trabalho, é fato presente na vida dos sujeitos, está mais acessível, porém ainda é um porvir, não está

plenamente efetivado na construção social, de modo que os sujeitos invistam apenas nesta prática. Há marcas fortes de que o caminho para a construção de outra vida está no estudo, porém ainda há pensamentos opostos: o estudo está acessível, porém é tido como fraco, diferente do estudo da cidade. É como se fosse apenas para saber o básico, não oferecendo condição de ascensão social se ficar limitado ao estudo local.

Os sujeitos da comunidade pesquisada, do ponto de vista lingüístico se instauram como sujeitos; na esfera local, são construtores da história através do seu trabalho, porém evidenciam a invisibilidade e o descaso no aspecto social, se sentem desprestigiados e submissos àqueles com maior estudo.

As relações familiares, no concernente à função de pai e mãe se modifica, integra outros conteúdos, outros valores. Há um novo homem e novo pai, uma nova mulher e uma nova mãe lutando entre o conservadorismo e a modernidade, entre um homem de ação e uma mulher de conversa, um homem de trabalho específico e uma mulher de muitos trabalhos, um homem que é exemplo de vida e uma mulher que é o contra-exemplo.

Nas condições de um novo mundo que aproxima o ontem e o hoje podemos observar que, não apenas a mulher, mas também o homem, transitam, no momento atual, por modelos tradicionais e modernos, sem que um necessariamente exclua o outro. Um ponto é certo, ambos, pais e mães trazem em comum o desejo de tornar seus filhos “alguém”, reconhecidos socialmente pelo estudo.

O tempo estudado foi o presente, mas as *vozes* que emergiram do passado trouxeram, através do estudo da polifonia, as vozes dos pais e mães, avós e avôs do passado, enfatizando um tempo em que os castigos físicos eram necessários para corrigir os filhos, as crianças tinham um espaço diferente dos adultos, a divisão de comida entre os mais próximos era regra, os diálogos eram menores e isso era entendido como respeito. A voz do presente indica um processo de mudança, que está entre o ontem e o hoje. Ações passadas são refeitas: o castigo físico é evitado, há maior participação dos filhos na constituição familiar, mas as ações de solidariedade já não se mostram de forma tão evidente.

A construção da moral, da ética, da justiça, do respeito, assim como o discurso, é uma construção social que se dá em um contexto sociocultural específico e em um determinado espaço de tempo. Nesse tempo, nessa comunidade, há um momento de transição e coexistem, ainda que de forma contraditória e nem sempre consciente, conceitos antigos e mais atuais sobre o lugar e o papel de mulheres e homens na constituição da família. Há diferença nos papéis atribuídos à mãe e ao pai na família.

Este estudo buscou retratar a presença do sujeito que, embora com limitações impostas social, econômica e politicamente, age, tem voz, faz escolhas, faz sua história. Embora as escolhas sejam limitadas, quando decide viver nesta comunidade, quando poderia abandoná-la; quando permite que seus filhos tentem a vida em Maués ou Manaus, ou faz com que permaneçam ali; quando ampliam o ramo da agricultura, ou esperam somente pelo guaraná e pela farinha, tomam para si a responsabilidade de escolhas que levarão a resultados diferentes.

Buscou-se neste estudo fazer uma interpretação da comunidade rural voltada para confrontar idéias, para debatê-las, para construir uma história da Amazônia com natureza, processos econômicos, organização social e cultural e com sujeitos que constroem sentido pela linguagem, homens e mulheres que fazem história e merecem ter o seu lugar de destaque.

Destaca-se que este estudo não esgota o assunto, novas demandas de pesquisa e aprofundamento a respeito do tema devem surgir, pois há uma diversidade que ainda precisa ser explorada a respeito dessas famílias que se dividem entre o trabalho e as construções próprias de uma família. Há ainda a questão econômica das famílias rurais neste novo cenário que se desenha. Muito ainda pode ser desvendado a respeito do papel social de homens e mulheres nas comunidades rurais. O trabalho das crianças nessas comunidades e sua importância social, econômica e moral. A questão religiosa que se apresenta com diversos papéis.

Que venham novos barcos para navegar novos rios; que venham velhos barcos para percorrer novamente os rios navegados outrora e que nessas águas apareça sempre um homem fazendo história, construindo cultura.

Talvez seja preciso uma nova perspectiva para interpretar a Amazônia e seus povos espalhados ao longo de seus rios e braços de rios. Não basta olhar os rios, sua grandiosidade e beleza, é necessário ver neles crianças brincando, nadando, remando, pescando; ver também canoas, rabetas e barcos com pessoas a navegar nessas águas. Não basta olhar as árvores em suas mais variadas formas e tamanhos, é importante ver homens e mulheres de todas as idades a trabalhar, a construir com os braços sua história e conseqüentemente a história local e certamente nacional. É preciso começar uma nova viagem, pois “assim, quando conservamos e descobrimos novos arquipélagos de certezas, devemos saber que navegamos em um oceano de incertezas” (MORIN, 2008, p59).

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa, 2001.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2009.
- BAKHTIN, M. (Voloshinov, V.N.-1929). Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins fontes, 2010.
- BATISTA, Djalma. *O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*. Manaus: Valer, EDUA e INPA, 2007.
- BATISTA, Djalma. *Amazônia: cultura e sociedade*. Organização de Tenório Telles. Manaus: Valer, 2006.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. Trad.: Maria da Glória Novak, Maria Luiza Néri. 3.ed. Campinas, (SP): Pontes, 2005.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral II*. Trad.: Eduardo Guimarães, Marco Antonio Escobar, Rosa Attié Figueira, Vandersi Sant’Ana Castro João Wanderlei Geraldi, Ingedore G. Villaça Koch. Campinas (SP): Pontes, 2006
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro. Difel. 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Org: Maria Alice Nogueira; Afrânio Catani. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Trad. Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto alegre, RS: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BRANDÃO, Maria Helena Nagamine. *Introdução a análise do discurso*. ed. 2ª. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.
- CÂNDIDO, Maria Henrique. *Dinâmicas sociais de gênero a partir da concessão do crédito pecuário a mulheres rurais do posto administrativo de Changalane em Maputo-Moçambique*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. Tradução: Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Cord. Trad. Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 2005.

DESCARRIES, Francine. Teorias Feministas: liberação e solidariedade no plural. In SWAIN, Tânia Navarro. *Feminismos: teorias e perspectivas*. Textos de História. Revista da pós-graduação em História da UNB. Volume 8, 2000.

DIJK, Teun A. van. *Discurso e poder*. Org. Judith Hoffnagel, Karina Falcone. São Paulo: Contexto, 2008.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Tradução: Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1987.

EPSTEIN, Isaac. *Gramática do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

FERNANDES, Cleudemar; A. SANTOS, João; B. C. (Orgs.). *Análise do Discurso: unidade e dispersão*. São Paulo: EntreMeios, 2004.

FERNANDES, Cleudemar. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas: 2005.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2007.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução: Laura F. de A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2008.

HARVEY, David. *Espaços de esperança*. São Paulo: Loyola, 2004.

JACOB, Paulo. *Chuva branca*. Rio de Janeiro: Nórdica; Brasília: INL, 1968.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. (Trad. Carlos Piovezani Filho). São Paulo: Parábola editorial, 2006.

KOCH, Ingdore Vilhaça. *A Inter-ação Pela Linguagem*. São Paulo. Contexto, 2001.

LORENZ, Sônia da Silva. *Sateré-Mawé: os filhos do guaraná*. São Paulo: centro de trabalho indigenista, 1992 – (projetos 1)

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da Enunciação*. Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, diversos tradutores. Curitiba: Criar Edições. 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MEY, J. L. *As vozes da sociedade*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

MONDADA, Lorenza. Trad. Antônio Carlos Bastos de Matos. Relações entre espaço, linguagem, interação e cognição: uma perspectiva praxeológica. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Situar a linguagem*. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a forma, reformar o pensamento*. Tradução: Eloá Jacobina. 15.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MUSEU DA PESSOA. *Saberes e fazeres: o guaraná de Maués*. São Paulo: 2007 – (memória dos brasileiros).

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e leitura*. Campinas: Cortez/Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 8.ed. São Paulo: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *O que é lingüística*. São Paulo: Brasiliense, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Silêncios: presença e ausência*. Artigo da revista eletrônica de jornalismo científico. In: <<http://comciencia.br/comciencia/revista>>. Acessado em 19/05/2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio*. Campinas: Unicamp, 2006.

POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *O perfil da mulher na MPB no período de 1930 a 1945: léxico e discurso*. Copyright © Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos (UERJ). In: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/11/13.htm>. Acessado em 16/01/2011.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Tradução: Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blickstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnicas e tempo, razão e emoção*. 4ª. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008 (a).

SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. 4ª. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008 (b).

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SARGENTINI, Vanice. NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Orgs.). *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

SENA, Odenildo Teixeira. *De Fernando a Fernando: as teias ideológicas do poder*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – Tese, 1997.

SILVA, Marilene Corrêa. *O paiz do Amazonas*. Manaus: Valer, 2004.

SIQUEIRA, Andréa D. Mulheres, relações de gênero e tomadas de decisão em unidades domésticas caboclas do estuário amazônico. In: Adams, Cristina; Murrieta, Rui; Neves, Walter (Orgs.). *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade*. São Paulo: Annablume, 2006.

SOJA, Edward W. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/>> Acessado em: 18/05/2010.

<<http://www.noticias.sebrae.com.br/>> Acessado em: 18/05/2010.

<<http://www.ambev.com.br/Noticias/interna.>> Acessado em: 18/05/2010.

< <http://www.satere.com.> > Acessado em: 25/08/09.

ANEXOS

ANEXO 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA - PESQUISA DE CAMPO/ 2010 LAGUINHO NOSSA SENHORA DO CARMO/MAUÉS – AM

1. Fale a respeito de você.
2. Aqui, nesta comunidade, qual a função do homem/ da mulher na criação dos filhos?
3. Qual a sua função na criação dos filhos?
4. Quais as principais dificuldades em relação à criação dos filhos?
5. Diante dos atos dos filhos, considerados errados, o que você faz? Como você age?
6. Que conversas você costuma ter com seus filhos, a respeito de que assuntos?
7. As decisões importantes são tomadas com a participação dos filhos?
8. As conversas em família são freqüentes?
9. Que ensinamentos você herdou dos seus pais que passa aos seus filhos?
10. Você incentiva seus filhos a freqüentarem a escola? Por quê?
11. Seus filhos gostam da escola? Tem interesse em freqüentar as aulas?
12. Se tiver que optar entre trabalho e escola, qual é a opção? Por quê?
13. Você participa ativamente da vida escolar de seu filho? Como?
14. Quais as dificuldades da escola?
15. O que você faz para ajudar a resolver as dificuldades da escola?
16. Você acha que o estudo é capaz de mudar a vida de alguém? Por quê?
17. Que benefícios o estudo trouxe para a comunidade?
18. Quais as atividades que geram renda para sua família?
19. Qual é sua função no trabalho?
20. Qual a função da sua família no trabalho?
21. Que benefícios o trabalho traz para você?
22. Quais as dificuldades que o trabalho oferece?
23. Que conquistas fruto do trabalho você obteve nos últimos 4 anos?
24. Qual o seu envolvimento com a igreja?
25. Qual a importância da igreja para você e para a comunidade?
26. A igreja traz benefícios para você? Quais?
27. Há aspectos negativos em relação à igreja?
28. A igreja ajuda a melhorar as pessoas desta comunidade? Como?
29. Quem decidiu a sua religião? Quem decide a religião dos seus filhos?

ANEXO 2

TRANSCRIÇÃO DAS FALAS DE HOMENS E MULHERES PESQUISA DE CAMPO/ 2010 LAGUINHO NOSSA SENHORA DO CARMO/MAUÉS – AM

1. SEGMENTOS DISCURSIVOS TRANSCRITOS DAS FALAS DAS MULHERES MORADORAS DA COMUNIDADE

FUNÇÃO DA MULHER

Da mãe é a mesma coisa o pai trabalha um bocado, mas ele vai prum roçado ele vai só fazer isso, a mãe faz comida, lava roupa, briga com os filhos. Pode observar que uma mulher pode ser mais nova que o homem, mas ela fica mais acabada que ele.

Nesse negócio de trabalho de casa só mais eu, logo eles eram muito, eram 8, ele tinha que se virar, eu tive que ficar lidando aqui.

DIFICULDADES NA CRIAÇÃO DOS FILHOS

Dificuldade porque quando a criança é criança a gente compra qualquer roupinha eles se conformam, mas quando eles são rapazes, eles mesmos querem comprar e pra eles escolherem, e pra conseguirem um dinheirinho pra comprar uma roupa, um calçado, eles tem que se virar. Agora os três tão se virando, no cunhado, roçando porque não tem condição de dizer: olha meu filho, pega o dinheiro e vai comprar. Els não são viciado, até aqui eles estão lutando com essa sorte.

CONVERSAS

Eu converso sobre tudo, sobre trabalho, violência, droga, por causa que hoje está acontecendo muito. Aqui em casa esse meu A. é meio comportado, mas aqui mesmo tem jovem que é meio ruim até de conviver, sabia? Não respeita a gente, aí fica difícil.

Sempre mais é de trabalho. Incentivando também no estudo. Eu digo: vocês sabem que o trabalho pesa. A gente trabalha porque tem que trabalhar mesmo, mas se quiser estudar, vocês estudam pra vocês serem alguém na vida e não ficar trabalhando no pesado

Coisa que num me agrada eu ralho, porque tem que falar. O que está certo é pra fazer, o que é errado não é pra fazer, ficar se metendo em bagunça por ali, eles mesmo estão se prejudicando, prejudicando os pais daqui a pouco tem filho preso, é pai preso pelo filho.

Sobre eles capricharem, ter uma roça pra quando eles precisarem eles vão fazer a farinha e ter o dinheiro. A gente incentiva pra eles trabalharem. [os filhos são todos adultos]

Eu acho que naquele tempo que a gente morava com nosso pai era diferente. Naquele tempo mulher não jogava bola, às vezes o papai não deixava nem ir pra vila. Os filhos saem, vão pra festa, passeiam, ta tudo bem.

Naquele tempo a gente atendia o que os pais diziam, o que eles falassem era aquilo mesmo. Hoje a gente diz uma coisa o filho diz outra. Aqui em casa tem vez que ta tipo uma novela aí. O que o filho não sabe, a gente orienta e eles também podem dier coisa pra gente saber como é, como não é.

Eu só aprendi com meu pai foi trabalhar, como agora eles estão no mesmo caminho. E é só o que tinha pra ensinar pra eles.

Naquele tempo meu pai era brabo, ele não deixava eu andar por ai, hoje meus filhos passeiam. Hoje já é outra geração e eu acho que todo mundo tem direito de se divertir, de passear, de brincar.

DIANTE DOS ERROS

Eu fico meio aborrecida, eu dou uns puxões de orelha, às vezes eu falo até coisa que eu me arrependo, que a gente fala mesmo, no momento da raiva, mas aí eu volto atrás e converso com ele que não era para eles fazerem aquilo que eu não gostei.

Vocês não façam eu me aborrecer, porque não tem uma mãe e um pai que queiram o mal dos seus filhos, mas eles daqui pra li se metem onde não deve.

Eu chamo eles e converso. Eu não bato neles. Eu converso e digo que isso é muito feio pra vocês, não presta fazer isso porque assim as pessoas não vão gostar da gente.

Depois que eles ficaram homem eles não pegaram nenhum beliscão. Mas eles são direitos. Eles andam por ali, mas nunca chegaram bagunçando.

DECISÕES

Aqui em casa, tem várias que é nós dois, mas tem vezes que é só um. Eu falo pro L. fazer de um jeito, aí ele diz: não dá certo. Então eu digo: faz do jeito que tu quiser. Ai foi ele que tomou a decisão.

Quando quer decidir alguma coisa primeiro é eu e o marido, depois a gente chama eles e diz: a gente vai fazer tal coisa.

Nós aqui resolve entre a família.

A comunidade é devagar. Poderia ser as autoridades que ganham ajudasse poderia ser melhor. Tem comunidade bem desenvolvida porque as autoridades ajudam. Só melhora se tiver alguém do nosso rio pra cutucar neles, senão não adianta.

FUNÇÃO DO HOMEM

Aqui em casa, nós dois trabalhamos, mas o L. trabalha mais que eu, até o trabalho que ele faz eu não faço.

Trabalhar pra criar os filhos, nós [mães] somos mais preocupadas com os filhos, quando ele sai com tio eu fico pensando: tomara que nada aconteça.

Respeitar os filhos pra ser respeitado. É ele trabalhar para dar comida pros filhos, vestir, calçar. Aconselhar pra não fazer coisas erradas

QUANDO SE CONVERSAVA MAIS

Eu acho que antes tinha mais conversa, por mais que lá em casa aconteceu certas coisas erradas, mas o papai e a mamãe conversavam bastante com a gente, falavam tudo sobre a vida, até quando a gente se queixa de alguma coisa, a mamãe diz: eu não falava para vocês, mas vocês quiseram passar pelo mesmo caminho que já tinha passado eu falava que nesse caminho ia ter pedra, algum obstáculo.

Antes quase a gente não conversava quase com o pai da gente, basta que o pai da gente era brabo que só. A gente não conversava com o pai da gente, principalmente quando eles estavam conversando: vai fazer outra coisa, quer estar escutando conversa.

Hoje em dia, a gente está conversando com o marido, os filhos estão aí ouvindo.

ERROS E ACERTOS DOS PAIS

Eu acho que sobre negócio de estudo, que o papai com a mamã sobre outras coisas eles eram bem organizados, mas sobre estudo não. Se quisesse ir bem, se não quisesse, eles não estavam nem aí.

Eu posso não ser certa, mas eu procuro dar bons conselhos, não quero que eles passem na vida o que eu já passei, eu quero que eles sejam alguém na vida

O que eu aprendi com meu pai é o trabalho e as coisa da igreja católica, eu repasso para os meus filhos. Reza

Bater, papai batia muito na gente. Até por causa se a gente não fizesse uma coisinha ele batia mesmo, batia muito. Eu me lembro que até com 18 anos eu apanhei muito do papai. Eu não bato nos meus filhos, mesmo quando estão errados, chamo eles pra não bater, eu tenho muita pena de bater neles.

DIFICULDADES PARA CRIAR OS FILHOS

Dificuldade porque quando a criança é criança a gente compra qualquer roupinha eles se conformam, mas quando eles são rapazes, eles mesmos querem comprar e pra eles escolherem, e pra conseguirem um dinheirinho pra comprar uma roupa, um calçado, eles tem que se virar. Agora os três tão se virando, no cunhado, roçando porque não tem condição de dizer: olha meu filho, pega o dinheiro e vai comprar. Eles não são viciado, até aqui eles estão lutando com essa sorte.

Naquele tempo a gente atendia o que os pais diziam, o que eles falassem era aquilo mesmo. Hoje a gente diz uma coisa o filho diz outra. Aqui em casa tem vez que ta tipo uma novela aí. O que o filho não sabe, a gente orienta e eles também podem dizer coisa pra gente saber como é, como não é.

Naquele tempo meu pai era brabo, ele não deixava eu andar por ai, hoje meus filhos passeiam. Hoje já é outra geração e eu acho que todo mundo tem direito de se divertir, de passear, de brincar.

O pior que aqui tá tudo mudado, aquele negócio de vizinhança como tinha de primeiro, não tem mais não. Se tu tiver dinheiro pra comprar um pedaço de carne, de peixe vai comer, se não já era. Aquilo lá já foi no tempo dos que morreram, no tempo do meu pai. É tudo comprado se quiser comer beber.

- Leva um pedacinho de comida lá pra fulana, qualquer coisa lá pra fulana. Isso já era. E pra voltar tá difícil, talvez na outra geração. Essa geração de agora já é outra. Naquele tempo era de um jeito, agora já é outro.

2. SEGMENTOS DISCURSIVOS TRANSCRITOS DAS FALAS DOS HOMENS MORADORES DA COMUNIDADE

A RESPEITO DE VOCÊ

Eu trabalho e gosto de trabalhar como mestre de obras. Eu trabalho com a roça e o guaraná, mas o meu ramo mesmo é o trabalho com a madeira. É um dom dado por Deus, pra nossa família, meu pai já trabalha com isso só falta capital para eu iniciar.

Eu sou Moacir Pereira de Oliveira.

FUNÇÃO DO HOMEM NA CRIAÇÃO DOS FILHOS

Educar os filhos. Botar na escola, prepara eles para mais tarde. Isso é uma coisa muito importante que a gente deixa pros nossos filhos, né?

Eu criei 12 filhos, procurei trabalhar pra não padecer porque é importante a gente saber trabalhar com os filhos da gente. Não adianta ter um monte de filho e não saber trabalhar.

Eu procuro não tá me embriagando pra procurar dar bom exemplo. Que é só mulher mesmo, mas hoje em dia o mundo é quase igual, tanto faz ser mulher ou homem, tudo se perde na vida através dos vícios, dessas coisas. Eu procuro como pai de família fazer o máximo, às vezes eu ralho, às vezes com ignorância, com carinho, dou conselho pra que elas sejam mais tarde realizar um sonho e mais tarde ser alguém na vida que vai servir pra elas mesmas. Eu procuro ajudar nessa parte da educação e na parte da religião que é o tema principal da nossa vida.

Muito deles tem interesse pela educação dos filhos, mas muitos pais já não têm. Eu falo porque eu vivo aqui e todos os anos. Todos os anos tem matrícula dos filhos e a gente tem lutado.

Eu me lembro que meu pai lutou bastante pela educação, já a mamãe o interesse dela também era pela educação

DIFICULDADES NA CRIAÇÃO DOS FILHOS

Tem muita dificuldade para criar os filhos da gente, pra botar num bom caminho, tem daqueles que a gente quer botar no bom caminho, ele não quer, isso preocupa muito a gente.

O pai e a mãe nunca deseja o mal, só deseja o bem.

Aqui nós não temo um emprego pra colocar uma coisa, é só dificuldade, se a gente não botá pra trabalhar mesmo a gente não vive. Não tem emprego, não tem nada, tem que trabalhar assim [a entrevista foi realizada durante a limpeza do guaranazal, o Sr. M, parou o seu trabalho para responder as perguntas]

Aqui é a condição financeira. Principalmente essa época, se a gente não tiver uma boa roça um bom guaraná, principalmente nessa época a gente vai ver os outros com um dinheirinho por ali e se a gente não tiver vai ficar por ali a desejar. O ramo da agricultura aqui no nosso rio é esse. O ganho aqui é muito fraco, a gente tem dificuldade, padece até dificuldade por causa da situação financeira, falta tudo na casa da gente.

Muitos participam da comunidade. A maior dificuldade é porque os próprios pais não se interessam, então como eles vão ensinar a gostar de coisas que eles não gostam

CONVERSAS

O pai nunca dá conselho ruim pro filho, só dá conselho bom, agora se os filhos erra não é culpa dos pais. Uma coisa que ta errada a gente pede que não faça

Principalmente sobre a bebida, isso preocupa muito a gente. Eu fui uma pessoa que andei uma parte desse mundo e quando eu sai da casa do meu pai ele disse que o mundo ensina a gente e ensina mesmo, como a gente pode viver. Se você tem um filho, ele é desobediente, é como eu tô dizendo saber respeitar as pessoas.

A gente tem muito a agradecer a Deus, né? Dia de domingo participar da reza, é coisa importante pra gente, né? Agradecer aquilo que Deus dá pra gente.

Tenho sempre mania de usar poderes negativos a respeito da minha pessoa mesmo, quando as coisas não estão dando certo eu fico me maldizendo, mas pros meus filhos eu procuro incentivar, eu não quero que elas procurem cair no mundo. A maioria da juventude se entregam, pegam filho cedo e depois perdem a liberdade. Eu aconselho muito pra que elas não venham cair nessa fraqueza, todo dia eu debato sobre isso.

Converso mais é a respeito da educação e religião. Pra que elas não venham a tá se envolvendo com nenhum tipo de drogas. Convido bastante elas pra nós está indo na reza, ir no culto. A gente anda muito amedrontado pelo que o mundo vem oferecendo. Procura fazer um pouquinho do bem.

Eu ouço muito os pais chamarem de dizeres feios. A coisa mais comum que eu escuto aqui é chamar o filho de [palavrão]. O pai já não chama mais o nome próprio do filho é só o palavrão.

DIANTE DOS ERROS DOS FILHOS

Chamar a atenção deles e conversar com eles amostrar os erros

eu uso muito da ignorância porque sou muito estressado, mas venho a me arrepender e peço desculpas a elas e depois eu vou conversar com elas. Peço ajuda da mulher para ter como dar boa moral pros nossos filhos. Eu tenho que conversar com ela pra um dar apoio pro outro.

DECISÕES

É importante, porque a gente nunca pode fazer um negócio se não tiver tudo unido, a família

A gente debate diante do que aparece pra mim ou pra ela, procuro conversar saber se está certo, as vezes insisto, pergunto duas ou três vezes para saber se está de acordo. Às vezes quando a gente vai fazer só o que é do agrado da gente não faz o que é do agrado dos filhos, da mulher. Ela também vem saber se eu estou de acordo, pra se der algo negativo, pra ninguém reclamar um do outro.

ENSINAMENTOS HERDADOS DOS PAIS

A nossa criação daquela época é diferente dessa de hoje, naquele tempo havia respeito. Se Deus o livre, estivesse conversando com uma pessoa assim e os filhos passassem no meio, quando o visitante saísse de casa a gente ia apanhar. A criação de antigamente era outra.

Na minha época tinha respeito mesmo. Hoje o negócio tá muito virado.

Hoje em dia nessa parte, eu nunca fui mal aconselhado pelos meus pais, nunca fui mandado fazer algo que desagradasse eles, nem me deram mal exemplo de nada, mas só que não tinha aquela conversa, aquele diálogo de família, de pai pra filho, de filho pra mãe, aquele carinho assim. Só no momento preciso, momento que eu me achei muito preciso eles foram positivos nessa parte me ajudaram, já eu não, eu procuro conversar mais com meus filhos, incentivar e mostrar qual é o ponto porque eu já com 32 anos sei o que é bom e o que é ruim na vida, incentivo também minha esposa pra dar incentivo para elas porque só o que o mundo oferece não é importante tem que saber viver. Eles nunca me chamaram para conversar eu todo dia tenho essa obrigação de conversar com elas. Procuro fazer o máximo.

Meus pais nunca me deram mau exemplo de ser um pai beberrão, só tem os atritos com a mamãe, mais de briga de casal. Tem pai que não tem responsabilidade, não tem amor pelos seus filhos, não tem a mínima preocupação com os filhos, tão fazendo o que querem e os pais não se importam, mas eles, nesse ponto meus pais tiveram essa preocupação, então eu tenho mais preocupação ainda porque há 30 anos as coisas não eram tão assim, está evoluindo o crime que pode botar o ser humano a perder.

FUNÇÃO DA MULHER NA CRIAÇÃO DOS FILHOS

Sobre a mulher, às vezes ela pega os filhos, bordoa, joga até praga pros filhos, ai eu acho que ta no caminho errado. Tem que aconselhar pro bem, não pro mal.

Ela tem desempenhado um bom papel da mãe, apesar das nossas dificuldades, às vezes a gente se maldiz da vida um pouco, a gente procura passar tudo o que acontece com nós dizendo que a gente ta dando um duro aqui pra criar elas, o sacrifício pra dar de comer e agente tenta servir de exemplo.

ESTUDO

Se a pessoa se dedicar mesmo na educação é reconhecido em muitas partes

Hoje em dia não saber assinar seu próprio nome. Ir numa igreja numa repartição ta dependendo doutro pra tá se informando é muito triste. Se a pessoa tiver vontade mesmo é o futuro.

Antigamente não tinha essa facilidade. Tinha que andar por dentro da mata para ir à escola, hoje o transporte vem pegar na porta. Antes não tinha oportunidade, hoje só não estuda quem não quer.

A aula daqui não é como a da cidade. Se o aluno fizer tarefa tá bom, se não, por isso fica. Aqui aqueles que tiverem condição de sair pra estudar noutra paragem ainda vão conseguir ser alguém, conseguir alguma coisa, que a aula daqui é só pra desemburrar. Os meninos daqui todo ano eles entram na aula, eles sabem alguma coisa, mas não é muito, é só pra desenrascar. A aula daqui é muito fraca.

TRABALHO Quem negocia o trabalho é o homem

O trabalho é o pão de cada dia de várias formas: farinha, beiju, tapioca, dinheiro mesmo. Com muito sacrificio, mas ela dá. Não se compra nada de valor com o dinheiro da farinha, só pra manter as necessidades. Com o dinheiro do guaraná, quando o fábrica é bom, se a gente não for extraviado, compra alguma coisa que apareça.

Algumas pessoas que saíram do interior e souberam se comportar tiveram uma vida melhor. Algumas pessoas que antes trabalhavam demais, estavam torrando farinha, acabava, ia botar uma malhadeira. De noite, principalmente a gente que é homem, trabalha o dia inteiro e de noite tem que tá procurando comida. Algumas pessoas que foram pra cidade, trabalham só durante o dia.

A dificuldade é que nós temos que contar só com a gente mesmo. Muitas pessoas trabalham só com os braços, não com a mente, ai é preciso trabalhar coma mente senão morre como tatu, só cavando.

Fruto do trabalho são poucas as conquistas nos últimos 4 anos.

IGREJA

Se todas as pessoas fossem naquele momento de oração num mesmo pensamento, ela traria muitos benefícios, porque se a pessoa for na igreja só por esporte, a igreja nunca vai trazer benefício.

COMUNIDADE

Essa nossa comunidade não é das piores. N ao tem muita violência. A gente é uma comunidade pequena, mas a gente se entende bem.

CRIAÇÃO DOS FILHOS

Principalmente sobre a bebida, isso preocupa muito a gente. Eu fui uma pessoa que andei uma parte desse mundo e quando eu sai da casa do meu pai ele disse que o mundo ensina a gente e ensina mesmo, como a gente pode viver. Se você tem um filho, ele é desobediente, é como eu tô dizendo saber respeitar as pessoas.

A nossa criação daquela época é diferente dessa de hoje, naquele tempo havia respeito. Se Deus o livre, estivesse conversando com uma pessoa assim e os filhos passassem no meio, quando o visitante saísse de casa a gente ia apanhar. A criação de antigamente era outra.

Hoje em dia nessa parte, eu nunca fui mal aconselhado pelos meus pais, nunca fui mandado fazer algo que desagradasse eles, nem me deram mal exemplo de nada, mas só que não tinha aquela conversa, aquele diálogo de família, de pai pra filho, de filho pra mãe, aquele carinho assim. Só no momento preciso, momento que eu me achei muito preciso eles foram positivos nessa parte me ajudaram, já eu não, eu procuro conversar mais com meus filhos, incentivar e mostrar qual é o ponto porque eu já com 32 anos sei o que é bom e o que é ruim na vida, incentivo também minha esposa pra dar incentivo para elas porque só o que o mundo oferece não é importante tem que saber viver. Eles nunca me chamaram para conversar eu todo dia tenho essa obrigação de conversar com elas. Procuro fazer o máximo.

Na minha época tinha respeito mesmo. Hoje o negócio tá muito virado.

Meus pais nunca me deram mau exemplo de ser um pai beberrão, só tem os atritos com a mamãe, mais de briga de casal. Tem pai que não tem responsabilidade, não tem amor pelos seus filhos, não tem a mínima preocupação com os filhos, tão fazendo o que querem e os pais não se importam, mas eles, nesse ponto meus pais tiveram essa preocupação, então eu tenho mais preocupação ainda porque há 30 anos as coisas não eram tão assim, está evoluindo o crime que pode botar o ser humano a perder.

ANEXO 3

TERMO DE ANUÊNCIA

Solicito do Sr. José Francisco Valente de Oliveira, presidente da comunidade LAGUINHO NOSSA SENHORA DO CARMO, permissão para realizar a pesquisa de campo através de observação do lugar e de entrevista com alguns moradores. Tal pesquisa se destina à realização do trabalho de mestrado do Programa Sociedade e Cultura da Amazônia – UFAM.

A pesquisa tem como objetivo geral: analisar, no plano lingüístico, a ação dos sujeitos referente à família, no papel social de pai e mãe, na comunidade rural Laguinho Nossa Senhora do Carmo – Maués/AM. O estudo partirá das entrevistas realizadas para saber quais são as ações dos pais e das mães em relação à família.

Será utilizado para a entrevista um gravador de voz e um MP4. Serão entrevistadas 16 pessoas, sendo 8 homens e 8 mulheres. Na oportunidade da entrevista serão retiradas fotografias dos sujeitos entrevistados.

Presidente da comunidade
Laguinho Nossa Senhora do Carmo

Manaus, 12 de novembro de 2009.

ANEXO 4

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convido o Sr (a) para participar do projeto de pesquisa: **Da invisibilidade social à visibilidade discursiva: estudo enunciativo a respeito das ações da família na comunidade rural – Maués/AM.** Tal pesquisa se destina à realização do trabalho de mestrado do Programa Sociedade e Cultura da Amazônia – UFAM.

A pesquisa tem como objetivo geral: analisar, no plano lingüístico, a ação dos sujeitos referente à família, no papel social de pai e mãe, na comunidade rural Laginho Nossa Senhora do Carmo – Maués/AM. O estudo partirá das entrevistas realizadas para saber quais são as ações dos pais e das mães em relação à família.

Será utilizado para a entrevista um gravador de voz e um MP4. Serão entrevistadas 16 pessoas, sendo 8 homens e 8 mulheres. Na oportunidade da entrevista serão retiradas fotografias dos sujeitos entrevistados.

Para qualquer informação, o (a) Sr.(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora no telefone (92) 8116-9489.

Fui informado a respeito da pesquisa a ser realizada e sei porque precisa da minha colaboração. Eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma copia do documento que ficará sob minha responsabilidade.

_____	<div style="border: 1px solid black; width: 150px; height: 150px; margin: 0 auto;"></div>	_____
Assinatura do Participante		Data
_____		_____
Pesquisadora responsável	Impressão do polegar, caso não saiba assinar	Data

ANEXO 5
FOTOS DO CAMPO DE PESQUISA E DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS
Fonte do anexo 5: Acervo da pesquisadora/janeiro-2010



FOTO 1: escola da Comunidade



FOTO 2: Vila da Comunidade

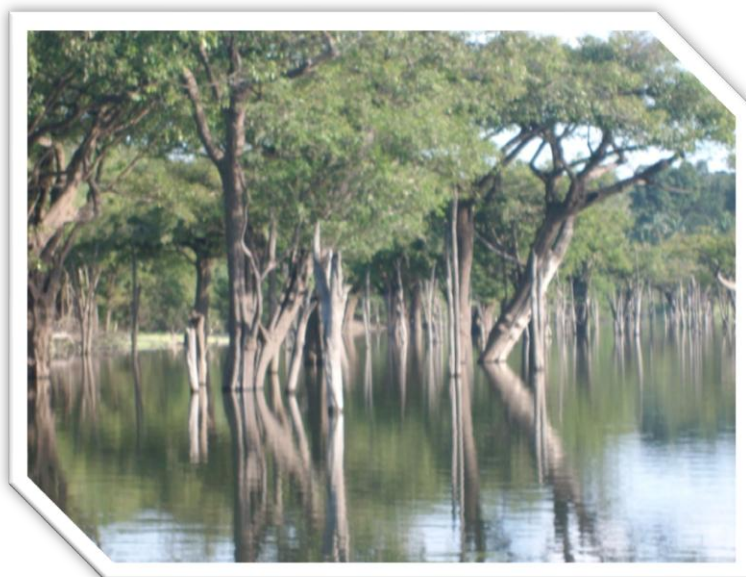


FOTO 3: Igapó que fica no final do rio no qual se localiza a comunidade.



FOTO 4: guaraná – produto da agricultura local



FOTO 5: Crianças indo para a pescaria



FOTO 6: sujeito entrevistado



FOTO 7: sujeito entrevistado



FOTO 8: sujeito entrevistado



FOTO 9: Família da comunidade com sujeitos entrevistados



FOTO 10: Família no trabalho da farinha com sujeito entrevistado



FOTO 11: crianças e jovens da comunidade



FOTO 12: Mulher da comunidade (sujeito entrevistado) no trabalho da farinha com a ajuda dos filhos